

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A) FONTES PRIMÁRIAS:

A.1) ARTIGOS E MATÉRIAS:

Sobre SETH:

150 Anos de Compra e Venda. In: **Álbum de Debret e da mui Leal e Histórica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. O Cruzeiro, 1965. p. 112

A Voz do Trabalhador - Orgão da Confederação Operária Brasileira, nº 1, 1º de julho de 1908.

A Voz do Trabalhador - Orgão da Confederação Operária Brasileira, nº 24, 1º de fevereiro de 1913

A Voz do Trabalhador - Orgão da Confederação Operária Brasileira, nº 30, de 1º de maio de 1913.

COTRIM, Álvaro. **Flagrantes Cariocas** - A obra gráfica do caricaturista Seth. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Catálogo Comemorativo, 8/11 ago 1984.

DANTAS, Julio. O Álbum de Seth. **Correio da Manhã**, 15 de agosto de 1937.

EFEGÊ, Jota. SETH precursor do desenho animado na cinematografia brasileira. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 / 6 / 1977, p.34, 2º Caderno

Faleceu o caricaturista Seth. **A Noite** nº 13.092, edição de sábado, de 29 de janeiro de 1949, p. 1 e 2.

GILL, Ruben. “O Século Boêmio”, capítulo Seth. **D.Casmurro**, edição de 28 de dezembro de 1942. p.3

Jornal **A NOITE**, edição de 13 de janeiro de 1917. (Sobre o pioneirismo de Seth no desenho animado).

SETH, Reminiscências de. Nas Asas da Memória. Viagem de um Artista em torno de si mesmo. **Gazeta de Notícias**: Rio de Janeiro, edições de 4 a 25/5/1947. p. 3

SETH, Reminiscências de. Nas Asas da Memória. Viagem de um Artista em torno de si mesmo. **Gazeta de Notícias**: Rio de Janeiro, edições de 1/6 a 27/7/1947. p. 3

SETH, Reminiscências de. Nas Asas da Memória. Viagem de um Artista em torno de si mesmo. **Gazeta de Notícias**: Rio de Janeiro, edições de 10 a 24/8/1947. p. 3

SETH, Reminiscências de. Nas Asas da Memória. Viagem de um Artista em torno de si mesmo. **Gazeta de Notícias**: Rio de Janeiro, edições de 7 a 21/9/1947. p. 3

Seth, O homem que pinta o sete, mas no cinema nunca pintou 'sets'. **Cinearte**, de 28 de maio de 1930.

Uma Bela Criação do artista Seth. **O Malho**, 7 de maio de 1936.

Sobre A Casa Mathias:

29 anos de grande Sucesso – A 'Casa Mathias' festeja a sua data magna. **Diário da Noite**, 8/11/1943.

A Tradicional Casa Mathias e o seu aniversário, jornal não identificado, 9 de novembro de 1943.

A Tradicional Casa Mathias e o seu aniversário, jornal não identificado, 9 de novembro de 1943.

Cada vez mais sólida a popularidade da Casa Mathias, jornal não identificado, 8 de novembro de 1940

Cigarros para o Soldado Combatente. **Diário Carioca**, 18 de outubro de 1943

Comércio Carioca a Casa Mathias – Comemora amanhã o seu 31º aniversário, jornal não identificado.

O 24º aniversário da Casa Mathias - Uma Tradição na Vida Comercial da Metrópole, jornal não identificado, 8 de novembro de 1938.

O 29º aniversário da Casa Mathias, jornal não identificado, 8 de novembro de 1933.

O Aniversário da 'Casa Mathias' - Em festas o famoso "Palacio da Virgulina" – **Jornal dos Sports**, 8 de novembro de 1948.

O Aniversário da Casa Mathias, jornal não identificado, 8/11/1945.

O aniversário da Tradicional Casa Mathias. **A Vanguarda**, de 8 de novembro de 1942

Transfere-se para a Avenida Marechal Floriano a Casa Mathias. **Diário de Notícias**, 31/7/1942.

A.2) LIVROS:

ESTADO NOVO. **Catecismo Cívico do Brasil Novo**. Distrito Federal: DNP, 10 de novembro de 1937

MARINS, Álvaro(Seth). **Caderno Caligráfico para Uso das Crianças**. Nº 3. 7ª ed. Rio de Janeiro: Atelier Seth, s/d. (Coleção Seth).

_____, Álvaro(Seth). **Caderno de Decoração Primária**. Rio de Janeiro: Atelier Seth (e outros), s/d., 4 números (Coleção Seth para a Infância).

_____, Álvaro(Seth). **Exposição: Desenhos à bico-de-pena de Seth. 1929-1936**. (Inclui “Flagrantes Cariocas”). Rio de Janeiro, Atelier Seth, 1937.

_____, Álvaro(Seth). **Figuras Geométricas. Noções elementares de Geometria Prática**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Indústria do Livro, s/d. (Coleção Seth).

_____, Álvaro (Seth). **Flagrantes Cariocas**. Caricaturas de costumes, 1930 a 1935. O Bicho, Rio de Janeiro, nº 1, 1 mar. 1975.

_____, Álvaro (Seth). **Guia de Trânsito: Conselhos às Crianças**. Rio de Janeiro, Atelier Seth, s.d. (Coleção Seth)

_____, Álvaro (Seth). **João Pestana e Seus Sonhos: O tesouro da felicidade**. Rio de Janeiro, Edição do Atelier, s.d. (Coleção Seth)

_____, Álvaro (Seth) **João Pestana e Seus Sonhos: Viagem à Lua**. Rio de Janeiro, Edição do Atelier Seth, s.d. (Coleção Seth)

_____, Álvaro(Seth). **Mapas para Colorir**, s/d, Coleção Seth.

_____, Álvaro (Seth). **Meu Brasil - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria**. 6 ed. Aumentada. Rio de Janeiro, Atelier Seth, s.d. (Coleção Seth)

_____, Álvaro(Seth). **Nosso Mundo. Coleção de Desenhos Geográficos**. Rio de Janeiro: Indústria do Livro, s/d. (Coleção Seth).

_____, Álvaro (Seth). **O Brasil pela Imagem - Quadros expressivos da formação e do progresso da pátria brasileira desenhados a bico-de-pena**. Desenhos e legendas de Seth com citações de numerosos autores. Rio de Janeiro, Indústria do Livro Ltda, 1943.

_____, Álvaro(Seth). **O Dia da Criança. Desenhos para colorir, cortar e fazer texto**. Rio de Janeiro: Atelier Seth, s/d. (Coleção Seth).

_____, Álvaro(Seth). **O Pequeno Pintor. Desenhos para Colorir.** Rio de Janeiro: Atelier Seth (e outros), s/d., 6 números (Nossos Homens, Homens Americanos, Nossos Alimentos, Hortaliças, Flores, Vistas Brasileiras) (Coleção Seth).

_____, Álvaro(Seth). **Primeiras Letras. Cartilha prática ilustrada para aprender a ler com 350 desenhos.** 17 ed. Rio de Janeiro, Indústria do Livro, s/d. (Coleção Seth).

_____, Álvaro(Seth). **Primeiras Regras do Desenho: Conselhos Práticos aos Principiantes.** Rio de Janeiro: Atelier Seth, 1933.

_____, Álvaro (Seth). **Primeiras Regras do Desenho: Conselhos práticos sobre a ciência de desenhar.** Rio de Janeiro, Indústria do Livro Ltda., s.d.

_____, Álvaro(Seth). **Primeiros Cálculos. Rudimentos de Aritmética em figuras para a infância.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Indústria do Livro, s/d. (Coleção Seth).

_____, Álvaro(Seth). **Primeiros Traços. Método elementar de desenho para uso das crianças.** 12 ed. Rio de Janeiro, Indústria do Livro, s/d. (Coleção Seth).

PINHEIRO, Paulo Sergio. (Prefácio) **A Voz do Trabalhador** – Coleção fac-similar do jornal da Confederação Operária Brasileira 1908-1915. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/IMESP, 1985.

PIRES, Pandia. **Não se Compra Entrada na História.** RJ - Distrito Federal: janeiro de 1938.

SETH. In: **História da Caricatura no Brasil.** Herman Lima. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.

A.3) IMAGENS ORIGINAIS CITADAS:

“Quando é indispensável ver-se a cara”: (É preciso saber se o rosto corresponde)

“Dois Objetivos...”: (Dois Desejos...)

“A piada nos arrabaldes – ‘Morena’, você me mata...”: (Quando a ‘morena’ passa)

“Uma Noite ‘Chorosa’ nas ‘estrelas’ candentes da amplidão”: (Um ‘*Choro*’ Alegre)

“O rádio em Família - Como diabo posso eu pegar Buenos Aires ?” : (“Ouvindo Rádio...”)

“O Café, escritório barato onde se realizam os melhores negócios, entre um gole de rubiasca e dois copos com água gelada...”: (*Cafês do Rio* - Propondo Um Grande Negócio)

A.4) PERIÓDICOS:

A.4.1) Propagandas:

Agentes Castro D’Almeida & Cia. (Cilindros Rex) - **Careta**, 3 de maio de 1913.

Agentes Castro D’Almeida & Cia (Cilindros Rex) – **Careta**, 19 de julho de 1913.

Casa Mathias. Cocheiro e de Cartola!. **Correio da Noite**, 8 de novembro de 1947, p.7

Casa Mathias. OH! Maquinista Apita na curva. **A Manhã**. 20 de junho de 1949. p. 10

Propaganda da Casa Mathias. **Revista da Semana**, de 24 de setembro de 1932.

Propaganda da Casa Mathias - “AGUENTA VIRGULINA!”. **A Noite**, 7/11/1945.

Propaganda da Casa Mathias - Bloco dos Lanfranhudos da Zona. Anos 1930 (?)

Propaganda da Casa Mathias – Carnaval. **A Manhã**. Rio, 9/2/1949.

Propaganda da Casa Mathias. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1949.

Propaganda da Casa Mathias: OH ! Boca de Sapo Velho. **A Noite**, Inverno de 1946. p. 6

Propaganda da Casa Mathias: “Carnaval de 1926 – Bloco dos Lanfranhudos da Zona”. **Jornal do Brasil**, 26 de fevereiro de 1926.

Propaganda da Pasta Colgate. **Revista da Semana**, de 23 de agosto de 1924.

Propaganda das Pílulas de BARRY. **Careta**, de 31 de agosto de 1935.

Propaganda do “Creme Dental Eucalol”. **Careta**, 09/11/1935.

Propaganda do Calçado Souto. **Revista da Semana**, 15 de março de 1924.

Propaganda do Colarinho Copacabana - Casa Mathias. **Para Todos...** maio de 1927.

Propaganda do Creme Dental Eucalol. **Careta**, 09 de novembro de 1935.

Propaganda do refrigerante Antarctica Paulista. **Arara**, 26/01/1907, São Paulo.

Propaganda Loção Phenomeno Tarré. **Careta**, 18 de março de 1944.

Propaganda Loção Phenomeno. **Careta**, 4 de dezembro de 1937.

Propaganda Royal Club – O Cigarro da Moda. **Fon-Fon!**, 2 de maio de 1925.

Propaganda Thymodonte Silva Araujo - A Melhor Pasta de Dentes”. **O Tico-Tico**, de 14 de abril de 1928.

Propaganda Trián - Pó de Arroz da Elite. **Fon-Fon!**, de 17 de novembro de 1923.

Propaganda: Use o gás na sua indústria. **Revista Light**, agosto de 1930.

A.4.2) Periódicos:

O Malho - 1906-1915

O Tico-Tico - 1908-1909

O Gato – Álbum de Caricaturas - nº 1 (1911) ao nº 101 (13/09/1913)

A Voz do Trabalhador – 1908-1915

Careta – Anos 1910 e 1930

Figuras & Figurões - 1913-1914

Fon-Fon! - 1917-1921

Selecta - 1917-1921

A Noite - 1917-1948

A Notícia - 1920

João Pestana - Semanário Infantil – 1922-1933, 44 números, com textos e ilustrações de Seth e outros autores.

D. Quixote - 1920-1927

Cartaz - 1927

A Noite Ilustrada - 1930-1945

Revista da Semana - 1932

Carioca – 1935-1946

Vamos Ler - 1939-1942

A Notícia - 1940

A Vanguarda – 1942 -1949

Diário da Noite - 1946

Correio da Manhã – 1947

Correio da Noite – 1947

O Jornal – 1946- 1950

A Manhã – 1948-1949

A.5) ENTREVISTAS:

ALMEIDA, Lucy Marins de. Em depoimento ao autor, em 19 de junho de 2002.

ALMEIDA, Lucy Marins de. Em depoimento ao autor, em 15 de agosto de 2003.

SANTOS, Joel Rufino dos. Entrevista em Conexão Roberto D’Avila, 2005.

TRIMANO, Luiz Rodolfo. Em depoimento ao autor, em 14 de maio de 2001.

A.6) OUTROS:

Correspondência:

Carta de Mariana Serpa de Almeida remetida ao Sr. Mathias da Silva em 15 de outubro de 1942.

Discos:

Disco: VILA, Martinho da. Disco: **Martinho de Vila Isabel.** Rca, 1984.

Acervos Particulares:

- Lucy Marins de Almeida
- Ivan Marins
- Lucio Muruci
- Armando Sgarbi

B) BIBLIOGRAFIA:

B.1) LIVROS GERAIS:

AGASSIZ, LOUIS. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte / Itatiaia – São Paulo / Edusp, 1975.

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O Rebelde Esquecido – Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

ALEMBERT, Francisco. **A Semana de 1922 – A Aventura Modernista no Brasil**. São Paulo: Ed. Sipione, 1994.

ALVES FILHO, Aluizio. **Os mecanismos de legitimação: da aventura da construção à construção da aventura – uma análise comparativa entre José Ingenieros e Manoel Bomfim**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990. (Mimeo).

_____, Aluizio. **Pensamento Político no Brasil – Manoel Bomfim: Um Ensaísta esquecido**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

AMARAL, Aracy Abreu. **Artes Plásticas na Semana de 22**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

ARAÚJO, Maria Celina de et al. A Era Vargas: dos anos 1930 aos anos 1950. In: **Brasiliana da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ASSIS, Machado de. **Instinto de Nacionalidade**. 1873. In: Afrânio Coutinho – org. (1980) Caminhos do Pensamento Crítico. RJ: Pallas/Mec, 1º volume,

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859**. Trad. Eduardo Lima Castro. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1960.

ÁVILA, Afonso, org. **O Modernismo**. São Paulo: Perspectiva/ Secretaria de Cultura e Ciência e Tecnologia, 1975.

BACSKO, Bronislaw. “Imaginação Social”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.

BAUDELAIRE, Charles. **Para que serve a crítica**. In: COELHO, Teixeira, org. A Modernidade de Baudelaire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – O Contexto de François Rabelais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1987.

BARBOSA, Francisco de Assis. O Carioca Lima Barreto e o Sentido Nacional de Sua Obra. In: Santos, Afonso Carlos Marques. **O Rio de Janeiro de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983.

BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1975.

_____, Walter. **Charles Baudelaire: um Lírico no Auge do Capitalismo**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

_____, Walter. Sobre o Conceito de História. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERMAN, Marshall. O Modernismo nas Ruas. In: **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: as aventuras da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BILAC, Olavo & BOMFIM, Manoel. **Através do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina: Males de Origem**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1905.

_____, Manoel. **Lições de Pedagogia - Teoria e prática de Educação**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1915.

_____, Manoel. **O Brasil na América - caracterização da formação brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

_____, Manoel. **O Brasil na História - Deturpação dos trabalhos, degradação política**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

_____, Manoel. **O Brasil Nação: Realidade da Soberania Brasileira**. 2ª Edição, Prefácio de Ronaldo Conde Aguiar e Wilson Martins. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

_____, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRANCO, Renato Castelo & REIS, Fernando. **História da Propaganda no Brasil**. São Paulo: T. Queiroz Edições, 1990.

BRITO, Ronaldo et al. **A Semana de 22: O trauma do moderno**. In: Sete ensaios sobre o modernismo. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

BROCA, Brito. **Nosso Século**. In: A Era de Vargas – Coisas Nossas. São Paulo: Editora Abril, 1980. 2v (1930-1945).

CABRAL, Sérgio. **No Tempo de Almirante: Uma História do Rádio e da MPB**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CAMPOS, Francisco. **O Estado Nacional**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1972.

CÂNDIDO, Antônio: Literatura e Cultura de 1900 a 1945. In: **“Literatura e Sociedade”**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci & KOSSOY, Boris. **O Olhar Europeu: O Negro na Iconografia Brasileira do Século XIX**. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2002.

CARONE, Edgar. **O Estado Novo – 1937-1945** - Rio de Janeiro: Difel - Difusão Editorial, 1976.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados – O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____, José Murilo de. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CATANI, Afrânio M., e SOUZA, José I. de Melo. **A Chanchada no Cinema Brasileiro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COELHO, Teixeira, org. **A Modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

COUTINHO, Afrânio. **A Tradição Afortunada**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1968.

CUNHA, Célio. **Educação e Autoritarismo no Estado Novo**. São Paulo: Ed. Cortez, 1981.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia – Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Voyage pittoresque et historique au Brésil**. Paris, F. Didot Freres, 1834.

EDMUNDO, Luís. **O Rio de Janeiro do Meu Tempo**. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Dominus Editora / Editora da Universidade de São Paulo, 1965.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Palavra e As Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981. 21ª ed.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil – Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968. 4ª ed., 2º Tomo.

GARCIA, Nelson Jahr. **Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política**. São Paulo: Ed. Loyola, 1982.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: Ed. Vértice, 1988.

_____, Ângela Maria de Castro. **Burguesia e Trabalho: política e legislação social no Brasil. 1917-1937**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979.

_____, Ângela Maria de Castro. **Essa Gente do Rio... Os Intelectuais Cariocas e o Modernismo**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC, 1993.

_____, Ângela Maria de Castro. **História e Historiadores**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GUIBERNEAU, Monserrat. **Nacionalismos: O Estado Nacional e o Nacionalismo no Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

GULLAR, Ferreira. **Sobre Arte**. Rio de Janeiro/São Paulo: Avenir Editora/Palavra e Imagem Editora, 1983. 2ª Ed.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1972.

JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1963.

LAUERCHASS, Ludwing. **Getúlio Vargas e o Triunfo do Nacionalismo Brasileiro**. Bahia/ São Paulo: Ed. Itatiaia/ Edusp, 1986.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro** – História de Uma Ideologia. São Paulo: Pioneira, s.d.

LESSA, Orígenes. De Olavo Bilac a Bastos Tigre: contribuição para a história da propaganda no Brasil. In: **Anuário da Imprensa** – rádio e TV. Rio de Janeiro, jun. 1958.

LIMA, Maria Emília A. T. **A Construção Discursiva do Povo Brasileiro: Os Discursos de 1º de Maio de Getúlio Vargas**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil**. São Paulo-Belo Horizonte, Edusp-Itatiaia, 1975.

LUSTOSA, Isabel. **As Trapaças da Sorte - Ensaios de história política e de história cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MARTINS, Sílvia Helena Zanirato. **Artífices do Ócio: Mendigos e vadios em São Paulo (1933-1942)**. Londrina: Editora UEL, 1997.

MATOS, Cláudia. **Acertei no Milhar: Samba e Malandragem nos tempos de Getúlio**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1981.

_____, Roberto da. **A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulheres e morte no Brasil**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

_____, Roberto da. **O Que faz o Brasil, Brasil ?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

MENEZES, Raimundo de. **Bastos Tigre e a Belle Époque**. São Paulo: ed. Edart, 1966.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MORAIS, Eneida da Costa. **História do Carnaval Carioca**. Rio de Janeiro: s/ed., 1958.

MORAIS, Eneida da Costa. “Nas ruas e salões o carnaval se oficializa”. **Nosso Século**.

In: A Era de Vargas. São Paulo: Editora Abril, 1980. 2v (1930-1945).

MOTA, Carlos Guilherme. Cultura e Política no Estado Novo. In: **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 7/1979.

_____, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira**. São Paulo: Ed. Ática, 1977.

MOURA, Carlos. **A Travessia da Calunga Grande – Três Séculos de Imagens sobre o Negro no Brasil (1637-1899)**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2000.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

NEVES, Luiz Baeta. A Ideologia da seriedade e o Paradoxo do Coringa. In: **O paradoxo do Coringa**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1979.

NOSSO SÉCULO. Tomo: **100 Anos de Propaganda**. São Paulo: Editora Abril, 1980.

NOSSO SÉCULO. In: A Era de Vargas – Anos de Transição. São Paulo: Editora Abril, 1980. 2v (1930-1945).

NUNES, Benedito. Estética e corrente do modernismo. In: ÁVILA, Afonso, org. **O Modernismo**. São Paulo, Perspectiva.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A Questão Nacional na Primeira República**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1991.

PAULO, Heloísa Helena de Jesus. **Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil: O SPN/SNI e o DIP**. Coimbra: Minerva, 1994.

PINTO, L.A Costa. **O Negro no Rio de Janeiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1960.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMOS, Ricardo. **Do reclame à comunicação** (Pequena história da propaganda no Brasil). São Paulo: Ed. Atual, 1985.

RIBEIRO, Darcy. **Aos Trancos e Barrancos** – Como o Brasil deu no que deu. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986.

_____, Darcy. **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Santiago Nunes. Da Nacionalidade da Literatura Brasileira. In: **Afrânio Coutinho – org. (1980) Caminhos do Pensamento Crítico**. RJ: Pallas/Mec, 1º volume.

RICARDO, Cassiano. **O Homem Cordial e Outros Pequenos Estudos Brasileiros**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959.

RODRIGUES, João Carlos. **O Negro Brasileiro e o Cinema**. Rio de Janeiro: Editora Globo/Fundação do Cinema Brasileiro-Minc, 1988.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1954.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. **A Invenção do Brasil: Um Problema Nacional**. In: Revista de História nº 118. São Paulo: USP, 1985.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau (org.) **História da Vida Privada - República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____, Nicolau. Transformações da Linguagem e Advento da Cultura Modernista no Brasil. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993.

SILVA, Zélia Lopes da. **A Domesticação dos Trabalhadores nos anos 30**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

STRICKLAND, Carol. **Arte Comentada: Da Pré-História ao Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

SUSSEKIND, Flora. **As Revistas de Ano – e a Invenção do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

_____, Flora. **Cinematógrafo de Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TORRES, Alberto. **O Problema Nacional Brasileiro**. São Paulo: Ed. Nacional/EUB, 1982.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo: O Facismo Brasileiro na década de 1930**. São Paulo: Difel, 1979.

VASCONCELOS, Ary. **Panorama da Música Popular Brasileira na Belle Époque Carioca**. Rio de Janeiro: Ed. Santana, 1977.

VELLOSO, Monica Pimenta. **A Brasilidade Verde-Amarela: Nacionalismo e Regionalismo Paulista**. Rio de Janeiro. CPDOC/FGV, 1987. Mimeo.

_____, Monica Pimenta. **As Tias Baianas Tomam Conta do Pedaco: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1990.

_____, Monica Pimenta. **As Tradições Populares na Belle Époque Carioca**. Rio de Janeiro: Funarte, 1988.

_____, Monica Pimenta. **O Mito da Originalidade Brasileira: a trajetória intelectual de Cassiano Ricardo – do modernismo ao Estado Novo**. Rio de Janeiro: Puc, 1983 (Tese de Mestrado).

_____, Monica Pimenta. **Os Intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1987, mimeo.

_____, Monica Pimenta. **Que Cara Tem o Brasil? As maneiras de pensar e sentir o nosso país**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1995.

VIDA Urbana: na Era dos Arranha-céus, “tempo é dinheiro”. **Nosso Século**. In: A Era de Vargas - Anos de Transição. São Paulo: Editora Abril, 1980. 2v (1930-1945).

WISNICK, José Miguel. **Getúlio da Paixão Cearense – Villa-Lobos e o Estado Novo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos Fundamentais da História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZÍLIO, Carlos. **A Querela do Brasil: A questão da identidade da arte brasileira: a obra de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari/1922-1945**. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.

B.2) LIVROS SOBRE CARICATURA, HUMOR E O RISO:

ARESTIZÁBAL, Irma. **J.Carlos: 100 Anos**. Rio de Janeiro: Funarte/Puc, 1984.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Voltolino e as raízes do Modernismo**. São Paulo: Marco Zero, 1992.

BELMONTE: **Caricatura dos Tempos**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1982.

BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

CARVALHO, Leão de. **Os Caricaturistas e o Teatro no Rio de Janeiro**. Vamos Ler, 25-6-1942.

CORDEIRO, Calixto. **Catálogo da exposição do MNBA**. Rio de Janeiro: MNBA, 1987.

COSTALLAT, Benjamim. **Diplomacia em Ceroulas. Mutt, Jeff & Cia**. Crônicas. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

COTRIM, Álvaro. **J.Carlos – Época, Vida, Obra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____, Álvaro. **O Rio na Caricatura**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1965.

DUQUE, Gonzaga. Prefácio. In: Pederneiras, Raul. **Cenas da Vida Carioca**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1924.

FLEIUSS, Max. A Caricatura no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: 1916.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: A Imagem Gráfica do Humor**. Rio Grande do Sul: Artes e Ofícios, 1999.

FORTUNA, Reginaldo et al. **Um Compromisso com a Pesquisa**. Revista de Cultura Vozes nº 3, em abril de 1970.

GOMBRICH, E.H. O Experimento da Caricatura. In: **Arte e Ilusão: Um Estudo da Psicologia da Representação Pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HERKENHOFF, Paulo et al. **Caricatura: A Modernidade da linha e do riso**. In: Sete ensaios sobre o modernismo. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

J.CARLOS. In: **J.Carlos e o seu tempo**. VOZES, org. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, Maio de 1984.

J.CARLOS, Catálogo. Rio de Janeiro: Casa de Cultura Laura Alvim, 1988.

KAZ, Leonel. (Org.) **A Revista no Brasil.** São Paulo: Editora Abril, 2000.

KRIS, Ernst & GOMBRICH, E.H. **Os princípios da Caricatura.** In: KRIS, Ernst. *Psicanálise da Arte.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1968.

LAGO, Pedro Correa do. **Caricaturistas Brasileiros: 1836-1999.** Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

LEITE, Sylvia Helena Telaarolli de Almeida. **Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas – A Caricatura na literatura paulista 1900-1920.** São Paulo: Editora Unesp, 1996.

LIMA, Herman. **J.Carlos.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1950.

_____, Herman. **História da Caricatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963. 4v

_____, Herman. **Rui e a Caricatura.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

LOBATO, Monteiro. **A Caricatura no Brasil.** [1917] In: *Idéias de Jeca Tatu.* 9ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1959. p. 3-21.

LOREDANO, Cássio. A Folia do Traço. In: **Catálogo do XI Salão Carioca de Humor.** Rio de Janeiro: Casa de Cultura Laura Alvim, 1998.

_____, Cássio. **Guevara e Figueroa - Caricatura no Brasil nos anos 20.** Rio de Janeiro: Funarte, 1986

_____, Cássio. **Nássara.** Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

_____, Cássio. **O Rio de J.Carlos.** Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

LUSTOSA, Isabel. **Brasil pelo Método Confuso: Humor e Boêmia em Mendes Fradique.** Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A, 1993.

_____, Isabel. **História de Presidentes -- A República no Catete.** Rio de Janeiro: Vozes/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

_____, Isabel. **Humor e Política na Primeira República.** Revista da USP. São Paulo, set./nov. 1989.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. **Antologia de Humorismo e Sátira.** Rio de Janeiro: Ed. Bloch, s.d.

MARTINS, Ana Luiza **et al.** In: **Humor, Traço e Cia.** Org: Denise Mattar. São Paulo: MAB-FAAP, 2003.

MENDEZ, Mário (Mendes). **Tipos e Costumes do Negro no Brasil.** Catálogo da Exposição na Bahia, 1938.

MORENO, Antônio. **A Experiência Brasileira no Cinema de Animação.** Rio de Janeiro: Artenova/Embrafilme, 1978.

NOGUEIRA, Andréa de Araújo. **Um Juca na Cidade.** São Paulo: Mestrado IA – UNESP, 1999.

PEDERNEIRAS, Raul. O lápis de 1822 a 1922. **A Noite**, Rio de Janeiro, 7-9-1922.

_____, Raul. **Cenas da Vida Carioca.** Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 1924.

_____, Raul. **Cenas da Vida Carioca.** Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 1935. 2º Álbum.

SALIBA, Elias Thomé. “A Dimensão Cômica da Vida Privada na República.” In: **História da Vida Privada no Brasil. Vol. 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____, Elias Thomé. **Raízes do Riso.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Marco Antônio da. **Caricata República.** São Paulo: Marco Zero, 1990.

SOHIET, Rachel. **A Subversão pelo Riso.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O Traço como Texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa – MinC, 2001.

VELLOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

B.3) ARTIGOS:

BOMENY, Helena Maria Bousquet. In: BRAGA, Regina Stela. Contradições e paixões Oficiais. **RioArtes** nº 40. RJ: novembro de 2004, p. 23/24

BOMENY, Helena Maria Bousquet. In: BRAGA, Regina Stela. Contradições e paixões Oficiais. **RioArtes** nº 40. RJ: novembro de 2004, p. 23/24.

BRAGA, Regina Stela. Contradições e paixões Oficiais. **RioArtes** nº 40. RJ: novembro de 2004, p. 23/24

CORTÊS, Giovana Xavier da C. & GOMES, Flávio. **Nas Ruas do Rio de Janeiro**. In: História Viva. Edição Especial temática nº 3. São Paulo: Duetto Editorial. p. 26

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. In: **Estudos Avançados n. 50**, V. 18, – Dossiê: O Negro no Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo, jan / abril 2004, p. 271

IANNI, Octavio. O Preconceito Racial no Brasil. In: **Estudos Avançados n. 50**, V. 18, – Dossiê: O Negro no Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo, jan-abril 2004, p. 9.

LESSA, Renato. Dois legados que mudaram o País. **O Globo**, 22 de agosto de 2004, p. 12

LIMA, Mônica. A África na sala de aula. In: **Nossa História nº 4**. RJ: FBN/Vera Cruz, fev. 2004, p. 85

MOTTA, Marly Silva da. In: LAMEGO, Claudia & NAME, Daniela. Rio, Cidade - espetáculo do poder. **O Globo**. 22 de agosto de 2004. p.14

MOURA, Clóvis. **A Herança do Cativoiro**. In: Retrato do Brasil n. 10. São Paulo: Ed. Três, 1984. p.109

NAVA, Pedro. In: BOMENY, Helena Maria Bousquet. BRAGA, Regina Stela. Contradições e paixões Oficiais. **RioArtes** nº 40. RJ: novembro de 2004, p. 23/24

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. In: Ideais Modernistas na Política Cultural. **O Globo**, 22 de agosto de 2004, p.13

SANTOS, Joel Rufino dos. In: **Intelectuais negros e formas de integração nacional**. Estudos Avançados n. 50, V. 18, – Dossiê: O Negro no Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo, jan / abril 2004. p. 278/279

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. In: LAMEGO, Claudia & NAME, Daniela. Rio, Cidade-espetáculo do poder. **O Globo**. 22 de agosto de 2004. p.14

SILVA, Salloma Salomão Jovino. Viola d'Angola, Som de Raiz. In: **História Viva**. Edição Especial temática nº 3. São Paulo: Duetto Editorial. p. 68 a 71.

ANEXOS: SETH – PIONEIRO DO DESENHO ANIMADO:

Compilamos alguns textos que evidenciam e confirmam a primazia de Seth como precursor do desenho animado brasileiro. Colocamos esses textos como anexos pois fogem ao escopo central da tese. Mas consideramos de muita importância a sua publicação, pois são registros únicos sobre a fantástica aventura do pioneirismo de Seth no cinema de animação brasileiro. Tal pioneirismo foi registrado em matérias publicadas em diversas décadas, desde o registro inicial, no jornal A Noite, em sua edição de 13 de janeiro de 1917; na revista Cinearte, em 28 de maio de 1930; pelo memorialista Ruben Gill, em D. Casmurro, de 28 de dezembro de 1942; pelo próprio Seth, em suas reminiscências “Nas Asas da Memória - Viagem de um artista em torno de si mesmo”, publicada na Gazeta de Notícias, em fins de 1947; e pelo jornalista Jota Efegê, em matéria de O Globo, de 6 de junho de 1977.

Devido a importância das matérias e das informações contidas nos relatos, achamos melhor reproduzi-las na íntegra:

Matéria publicada em “Cinearte”, de 28 de maio de 1930:

“SETH, O HOMEM QUE PINTA O SETE, MAS NO CINEMA NUNCA PINTOU ‘SETS’ ”

“O nome do desenhista Seth, que familiaríssimo aos meios de imprensa também há muito é conhecido do público em geral. Foi ele o criador de ‘João Pestana’, personagem imaginário de grande pitoresco e que, depois de tornar popular uma revista infantil que tinha o seu nome, saiu dessa notoriedade para só surgir de longe em longe em alguma publicação esporádica. Poucos saberão, entretanto, que o criador de ‘João Pestana’ foi o precursor do desenho animado, entre nós, e mesmo um dos primeiros artistas que trataram dessa inovação no mundo.

Seth é natural de Macaé... veio para o Rio muito moço ainda, mas já com o propósito de fazer alguma coisa. Soube ter vontade. Começou por se esquecer ele próprio que se chamava Álvaro Marins... não é um nome comum, assim ele cismou... Preferiu um nome curto, uma só palavra. Escolheu – Seth. Um cartaz. Cartaz psicológico em face da preferência da nossa gente pelos nomes exóticos. E com ele entregou-se com ardor a composição de outros cartazes, para os outros: para os comerciantes, para os industriais...

Um dia ele viu no Cinema alguma coisa parecida com uma comédia e cujos protagonistas eram desenhos animados. Lembrou-se de sua infância. De uns livrinhos como esses álbuns não encadernados de photographias com vistas diversas de cidades e que ainda hoje se vendem aos turistas nas casas especialistas. Aqueles livrinhos eram compostos de imagens idênticas em posições diferentes, que se movimentavam à vista de quem os prendia entre o polegar e o indicador, deixando que as páginas se lhe *escapassem* mesmo a compor alguns desses livrinhos com desenhos que se animavam, tecendo curtas histórias.

E logo pensou que também seria capaz de fazer estes desenhos para o Cinema. Tentou, e o êxito foi tão completo quanto o permitiram os meios de que pode dispor para essa primeira experiência.

Foi ao tempo da grande guerra o Cinema. Tentou, e o êxito foi ser, a figura que contralisava no momento todas as atenções Guilherme II, sentado em frente a um globo terrestre cobriu-o com o seu próprio capacete, querendo assim significar que tinha a terra sob o seu domínio militar. Mas o Mundo foi crescendo, crescendo, transformou-se num gigante, colheu o Kaiser assombrado e... o engoliu.

Seth recebeu os maiores elogios por esse seu primeiro filme, tanto aqui quanto na América do Norte, para onde dele foi levada uma cópia e pelo nosso colega de imprensa Annibal Bomfim.

Mas o meio aqui não comportava muita coisa nesse gênero. Seth venceu o filme do Kaiser por 180\$000.

E desde então só fez outros – e vários – por encomenda, como propaganda comercial e industrial.

Recordamos essas coisas porque há pouco, num Cinema de Copacabana, assistimos a um desses interessantes filmes de Seth, em propaganda do novo sistema de telephones automáticos. Trata-se de um filme instrutivo, ensinando ao público a ‘disca’... E ensina de verdade. Tanto assim que desde logo pensamos em procurar o seu autor para perguntar-lhe, satisfazendo certamente a curiosidade dos leitores de ‘CINEARTE’, de que processos usava ele para movimentar assim os seus desenhos.

E logo no dia seguinte procuramo-lo em seu atelier.

Seth estava, como de hábito, ocupadíssimo com os muitos desenhos comerciais que lhe são encomendados. Mas não nos fez esperar. Atendeu-nos com visível satisfação e, como homem prático que dá valor ao tempo, foi logo respondendo a nossa pergunta:

– O público já conhece, em síntese, como se opera o movimento das imagens, na tela, bem como sabe que cada metro de filme contem muitos quadros; e sabendo, igualmente, que a fita passa com rapidez pelo projetor, calculará facilmente que o artista precisa ter a paciência treinada para substituir-se a maquina fotográfica e executar o máximo de desenhos, afim de obter um mínimo de brusquidade nos movimentos . Isto não impede, entretanto, que algumas pessoas me falem às vezes sobre aparelhagens mais práticas de animar desenhos, como dando a entender a possibilidade de inventar-se um aparelho especial para tal fim ... Tal absurdo não vale um comentário . Os processos técnicos de reprodução, as experiências de material a empregar, os estudos de luz, os meios de subdivisão e especialização do trabalho entre varios artistas, e, sobretudo, os "trucs" cinematográficos, são elementos, que metodizados, evoluem e, portanto. melhoram e aumentam o trabalho, permitindo ao artista uma produção mais ou menos regular. Mas dar mecanicamente perfeição e alma ao desenho, com o mesmo automatismo e com a relativa rapidez dum aparelho cinematográfico, só será possível quando a ciência, descobrindo o princípio absoluto que anima os organismos vivos, fabricar industrialmente homens artificiais com inteligência e espirito . . .

- E como se procede a respeito nos Estados Unidos? – perguntamos.

- Não sei bem, respondeu-nos Seth. Poucos informes tenho tido com relação ao sistema material de que usam atualmente os americanos para fazerem desenhos

animados . Mas, com todos os recursos industriais que possam ter sido introduzidos para melhorar e facilitar o trabalho, no caso dos desenhos animados, não há fugir à base capital: desenho sobre desenho, estabelecendo a sucessão dos movimentos, e tantas imagens quantas forem necessárias à perfeição das atitudes determinadas pela observação do artista . Fora disso, só há elementos secundários, de ordem técnica, e recursos limitados de ‘trucs’ . Para se ter uma idéia do quanto é ingrato e exaustivo este gênero, basta dizer que na própria América do Norte poucos são os artistas que se tem dedicado ao assunto. Creio que fui eu o único artista brasileiro -- e não vai nisso nenhuma pretensão de minha parte - que consegui durante algum tempo produzir sistemática e seguidamente alguma coisa no gênero. E de que forma? Aplicando-as à propaganda industrial.

- E quando iniciou essas suas experiências?

Aí pelo ano de 1917, mais ou menos, passando o meu primeiro filme o do Kaiser, no Cinema Pathé. Não tenho que me queixar do êxito que, se foi nenhum pecuniariamente, confortou-me, entretanto, moralmente. Esse *sucesso* da cinematografia era raro, e as idéias que apresentei, relativas à guerra e ao ex-Kaiser, eram oportunas. Até então, se me não falha a memória, só um filme satisfatório; em desenho, fora apresentado, anos antes, pelo Cinema Parisiense. Era de um conhecido caricaturista americano, cujo nome não me ocorre no momento, e fazia-o como experiência .

E não fez outros filmes, recentemente?

- Depois dessa tentativa só cuidei de fazer reclames . Fiz vários e passei-os no antigo Odeon, num jornal cinematográfico semanal criado por Elisiario da Silva . Só então, pouco depois, surgiram os conhecidíssimos Mutt e Jeff, de Bud Fisher, e o admirável gato Félix, notável pela perfeição técnica de naturalidade dos movimentos, ainda não excedida, mesmo, a meu ver, pelo atual Tony Tinta, apesar dos efeitos novos e muita originalidade de apresentação empregados pelo seu autor.

O caso do filme demonstrativo da teoria do funcionamento do serviço telefônico automático, é diferente. Tratava-se de tornar mais claro um mecanismo complexo, onde predominam linhas retas, legendas, sinais e números conjugados

em movimento que dêem harmonia e compreensão de conjunto do quadro. No gênero foi o mais exaustivo trabalho que tenho tido, atendendo à sua complexidade, pois demandou, só para a sua organização e roteiro de produção, quase uma semana. Nisso muito me ajudou o meu auxiliar Alfredo Gomes, que me acompanha sempre em trabalhos desta ordem. A filmagem, feita com o auxílio de João Stamato, foi morosíssima, pois qualquer desvio de atenção prejudicaria todo o trabalho.

E agora, porque não filma o seu João Pestana? " . . .

- O 'João Pestana' seria um bom personagem... Ultimamente até ando com ele em viagem por Marte, como na revista que tive levei-o à Lua . . . Mas isso no Brasil é poesia, meu amigo... Demais a minha clientela para desenhos industriais não me deixa tempo para essas diversões...

Despedimo-nos, então, de Álvaro Marins, queremos dizer, de Seth, que documentou-nos a sua interessante palestra com algumas ilustrações, inclusive um croquis do filme do kaiser, cujo negativo fotográfico ele já não guarda, na sua desilusão da cinematografia desenhada entre nós."

Trecho de **"Nas Asas da Memória - Viagem de um artista em torno de si mesmo – Reminiscências de Seth"**, publicada na Gazeta de Notícias, em 27/7/1947 e 10/8/1947:

"Por necessidade econômica e pelo interesse de produzir coisas novas e próprias, eu começava, como se vê, a não me fixar somente no gênero da caricatura. E, sempre dentro de minha arte, há três objetivos distintos dediquei a minha atenção no período que vai de 1914 a 1920: a caricatura animada, e a criação do Brasil em figuras, e a criação de um gênero de desenho a traço em colorido.

Tentei a caricatura animada quando então o americano Bud Fischer fazia com sucesso o seu Mutt e Jeff, e quando o Gato Félix representava a melhor técnica nesse gênero cinematográfico. Ao meu tempo de criança eu chegara a ver uns pequenos blocos de fotografias sucessivas, onde correndo-se o dedo em uma das faces, as figuras se movimentavam. Aquilo era brincadeira de criança, e eu cheguei mesmo a imitar um desses blocos, fazendo-se ingênuos desenhos a traço sobre quadrinhos de cartolina, superpostos. Foi esse, aliás, o sistema usado em

uma das primeiras experiências do desenho animado, por Wilson McCay, artista americano muito conhecido pelos seus desenhos infantis, feitos no suplemento do New York Herald, se não me engano. A perfeição da obra desse pioneiro do desenho animado, encheu-me de entusiasmo e encanto. Mas a falta de oportunidade, de tempo e de ambiente, nunca me favoreceram para que eu fizesse qualquer tentativa nesse sentido. Só pelos anos de 1916 ou 17, – quando então os americanos começaram a sua produção industrial, remetendo-nos constantemente pequenos filmes, feitos na primitiva técnica do traço preto sob fundo branco – processo algumas vezes defeituoso, que o próprio espectador notava, – foi que me decidi, com insopitável entusiasmo a realizar esse novo gênero da tela. Na minha doce ingenuidade, supus que iria ganhar rios de dinheiro com o empreendimento, e que o negócio interessaria a qualquer capitalista. Não aconteceu o que eu esperava, mas não tenho de que me queixar, pois o meu entusiasmo encontrou logo o apoio do Dr. Sampaio Correia, o qual – como negócio, mais para animar as artes, como me disse pois a minha disposição, para as minhas primeiras experiências, a quantia de um conto de réis.

O dinheiro não era muito como se vê, mas naquele tempo valia muito mais do que hoje, e a prova, é que, sem querer mostrar modelar probidade, dessa importância lancei mão de apenas quatrocentos mil réis. Nos primeiros desenhos animados, como toda gente deve lembrar-se, eram simples traço preto sob fundo branco. Tal processo ofereceu ao artista muito mais dificuldades, pois não só era mais trabalhoso, com também deixava aparecer imperfeições, que a técnica de hoje corrige e esconde com mais facilidade. Atualmente, os cenários de fundo são fixos, e os desenhos que se movimentam sobre eles, feitos em separado sobre folhas transparentes, e com a tinta opaca que os enche, movem-se com mais perfeição sobre desenho fixo do cenário. Por outro lado o colorido, ou o modelado de hoje, que em conjunto distrai grande parte da visão do espectador, anula até certo ponto as imperfeições, quando as há, do movimento dos bonecos.

Sem nenhum exemplo estranho, guiado exclusivamente pelo raciocínio e pelas experiências, consegui fazer alguma coisa, igualando-me pelo menos aos americanos do tempo. Fazia os meus desenhos em papel transparente e operava em pranchetas com dispositivos especiais, que inventei, sob luz adequada instalada num cavalete.

Muitas pessoas atribuindo grande valor ao processo mecânico, gostavam de inquerir-me sobre o meu invento. Sempre lhes respondi que o maior mérito do desenho animado está no artista que o produz, isto é, no ritmo natural e na perfeição dos movimentos das figuras – o que depende da inteligência, da observação e da paciência do artista. Graças a minha dedicação entusiástica e a um laborioso e pertinaz esforço, consegui realizar as minhas primeiras produções, que constavam de cabeças de políticos conhecidos, que se moviam e faziam caretas e algumas charges sobre a guerra, a melhor e a mais perfeita das quais foi a do Kaiser, sentado diante de um pequeno globo terrestre. O imperador tira o seu capacete prussiano da cabeça e com ele cobre o globo. Esse, porém, desanda depois a crescer, crescer, e acaba arrebatando o Kaiser e engolindo-o.

Logo que conclui esse trabalho, exhibi-o ao Dr. Sampaio Correia e a outros amigos. Irineu Marinho, pela ‘A Noite’ fez-lhe a mais elogiosa notícia, e quando eu passei pela primeira vez ao público, no primitivo Cinema Pathé, obtive um franco sucesso, sucesso que se refluíu no excelente e espontâneo comentário da A Notícia, e num entusiástico cartão de parabéns que recebi do grande artista Julião Machado.

Era, porém, inútil insistir numa tarefa tão trabalhosa para ganhar tão pouco, pois basta dizer que a exibição da primeira cópia, me renderia apenas duzentos mil réis, se após haver eu dado o preço ao exibidor, e este não me perguntasse se eu não lhe faria uma diferença. Acabei deixando por cento e cinquenta mil réis...

Todavia, não desisti da empresa, e continuei, sempre cheio de fé e entusiasmo, a fazer novas experiências, a melhorar os meus apetrechos de filmagem e a pensar em novas idéias. E a tempos, quando eu tive a oportunidade de assistir a maravilhosa Fantasia, de Walt Disney, veio-me a lembrança de uma carta que escrevi a Sampaio Correia, contando-lhe o meu entusiasmo por um filme didático de desenhos animados, que mostrasse o nascimento da terra, desde o período da nebulosa ao resfriamento da crosta, com a evolução da vida, desde a manada ao mamífero. Esta parte do trabalho de Walt Disney, admiravelmente bem feita, é, porém, puramente artística. Eu pretendia fazer coisa claramente instrutiva, baseando-se num sistema de Laplace, e das conclusões do materialismo científico.

Elizario da Silva antigo proprietário do Hotel dos Estrangeiros que pouco depois organizou um jornal cinematográfico, deu-me oportunidade de explorar com melhores resultados monetários a experiência que então eu adquirira da minha técnica de desenhos animados. Pus-me então a fazer nesse jornal curtas charges e anúncios animados, que passaram a render-me quatrocentos, quinhentos mil réis, mas que só mais tarde, depois de 1924, cheguei a cobrar dois a três contos de réis, quando então já me havia estabelecido com um atelier de desenho comercial.

Só deixei de interessar-me pelo desenho animado quando reconheci a insuficiência do meio e depois que vi as primeiras produções de Max Fleicher muito melhores que as anteriores americanas e baseadas numa técnica mais perfeita, que só os americanos podem ter. Desde então não cuidei mais do assunto e compreendi que, sem os recursos financeiros necessários, e sobretudo as de organização industrial, seria ridículo expor-me nos olhos do público, já então acostumado aos progressos do desenho animado, que começava a surgir em exibição constante.”

Trecho da matéria:

“Seth - Seus nomes próprios, pseudônimos pertencentes a História da Caricatura – A “Charge” inicial da carreira começada em 1906 – O Primeiro “Vale” – Marcos do Profissionalismo - Criador do Desenho animado, no Rio de há 25 Anos !”, in “O Século Boêmio”, Dom Casmurro, de 28 de dezembro de 1942, matéria de Ruben Gill:

“Precursor de Walt Disney”

“Ao tempo mesmo no qual os seus confrades norte-americanos ensaiavam a filmagem de bonecos que haveriam de tornar-se apreciadíssimos, hoje como desenhos animados, Álvaro Marins realizou entre nós essa variante do repertório do ‘*écran*’. Nos antigos cinematógrafos, Odeon e Pathé, da Avenida, dos anos de 1917 e 1918, em produções do laboratório Marc Ferrez, cariocas, Seth teve exibidas diversas e recomendáveis películas caricaturais.

O professor Saldanha Correia , engenheiro notável que dirigia a escola politécnica, do Rio, chegou a colocar as ordens do artista macaense, precursor de Walt Disney, o capital de que ele homem de ciência e político podia dispor, desejando colaborar na vitória da iniciativa. Mas os homens de ciência e até de política em 1917 e 1918 disponham de tanto capital como os artistas.”

Ruben Gill, D. Casmurro, 28 de dezembro de 1942.

Matéria:

**“SETH, PRECURSOR DO DESENHO ANIMADO
NA CINEMATOGRAFIA BRASILEIRA”**

“Na série de reportagens subordinadas ao título ‘O Século Boêmio’, escritas pelo saudoso colega Rubem Gill para o periódico *D. Casmurro*, numa delas, a publicada no dia 28 de dezembro de 1942, ele informou a novidade: ‘Nos antigos cinematógrafos Odeon e Pathé, da Avenida, nos anos de 1917 e 1918, em produções do laboratório Marc Ferrez, Seth teve exibidas diversas e recomendáveis películas caricaturais’.

Essa notícia, também encontrada na *História da caricatura no Brasil*, de Herman Lima, fundamentava-se no que publicara *A Noite*, em sua edição de 13 de janeiro de 1917, dando conhecimento aos seus leitores que, “dentro de alguns dias”, estaria em exibição no Cinema Pathé “a primeira tentativa” de exibição de caricaturas cinematográficas animadas realizadas por Álvaro Marins que o público conhece sob o pseudônimo de Seth.

Na notícia dada na primeira página da apresentação ‘Dentro de alguns dias’ sobre a novidade realizada pelo caricaturista patricio Álvaro Marins, o Seth (autor dos disparatados anúncios que fazia para a desaparecida Casa Mathias, os quais, mais tarde, influíram muito na popularização de seu pseudônimo), *A Noite* encarecia a importância desse feito informando que as películas de tal gênero de cinematografia haviam sido feitas, até então, por “um célebre desenhista do *New York Herald* para a fábrica Vitagraph”. Assim, com essa informação, o jornal assegurava para Seth a primazia da realização no Brasil e proclamava-o precursor dessa nova modalidade cinematográfica em nosso país.

Ao que se conseguiu apurar, através da imprensa da época e de informes acessíveis aos leigos, o filme em que, como um dos principais atrativos, aparecia Nilo Peçanha em traço caricatural explodindo numa gargalhada de progressão crescente, bem fixada no traço, não ficou muitos dias em exibição. Lançado no dia 22 de janeiro, já no dia 24 era anunciado o seu último dia de projeção. Mesmo assim é de se supor que não havendo os jornais ajudado sua merecida promoção

para garantir maior estada em cartaz, um bom número de assistentes ocorreu ao Pathé para conhecer a curiosidade cinematográfica que o caricaturista Seth lhe apresentava. Os três únicos dias de exibição (os que se conseguiu ter conhecimento) bastaram, no entanto, para assegurar ao patricio Álvaro Marins, Seth, o direito de ser apontado como precursor.

Ainda em 1917, meses depois, era exibido, a partir de 26 de abril, no Cinema Haddock Lobo, anunciado como “primeiro filme de caricaturas animadas”, produzido pela Kirs-Filme, uma outra película que pretendeu tirar (ou pôr em dúvida) a primazia de Seth. Essa fita, apresentada apenas com o nome da empresa que a produziu, omitindo o autor das caricaturas, teve o título *Traquinices de Chiquinho e seu inseparável amigo Jagunço*, sendo protagonistas os heróis das histórias que a revista infantil *O Tico-Tico* publicava usando, a princípio, os desenhos do inglês Outcault e, posteriormente, os dos brasileiros Loureiro e Storni, demorou alguns dias em exibição.

Na cronologia flagrante, fácil de ser constatada, a primazia da criação cinematográfica dos desenhos animados pertence, sem contestação conhecida, ao nosso patricio Álvaro Marins. O caricaturista Seth, cujo pseudônimo firmou *charges* e caricaturas, em vários jornais, revistas e, ainda, os disparatados anúncios da Casa Mathias com a mulata Virgulina sempre presente, foi o criador das caricaturas animadas na cinematografia de nosso país. Isto, por certo, nas comemorações dos 80 anos do cinema brasileiro, ora em realização, foi consignado. E ao caricaturista Álvaro Marins, Seth, estará também assegurado o direito que lhe cabe de ser proclamado precursor dos filmes de desenhos ou caricaturas animadas no Brasil.”

Jota Efegê - O Globo, 6.6.77, p.34, 2º Caderno

ILUSTRAÇÕES:



Figura 1 - Propaganda da Casa Mathias.



QUANDO A MORENA PASSA

Do livro *Exposição*.

Figura 2 - "Quando a 'morena' passa".



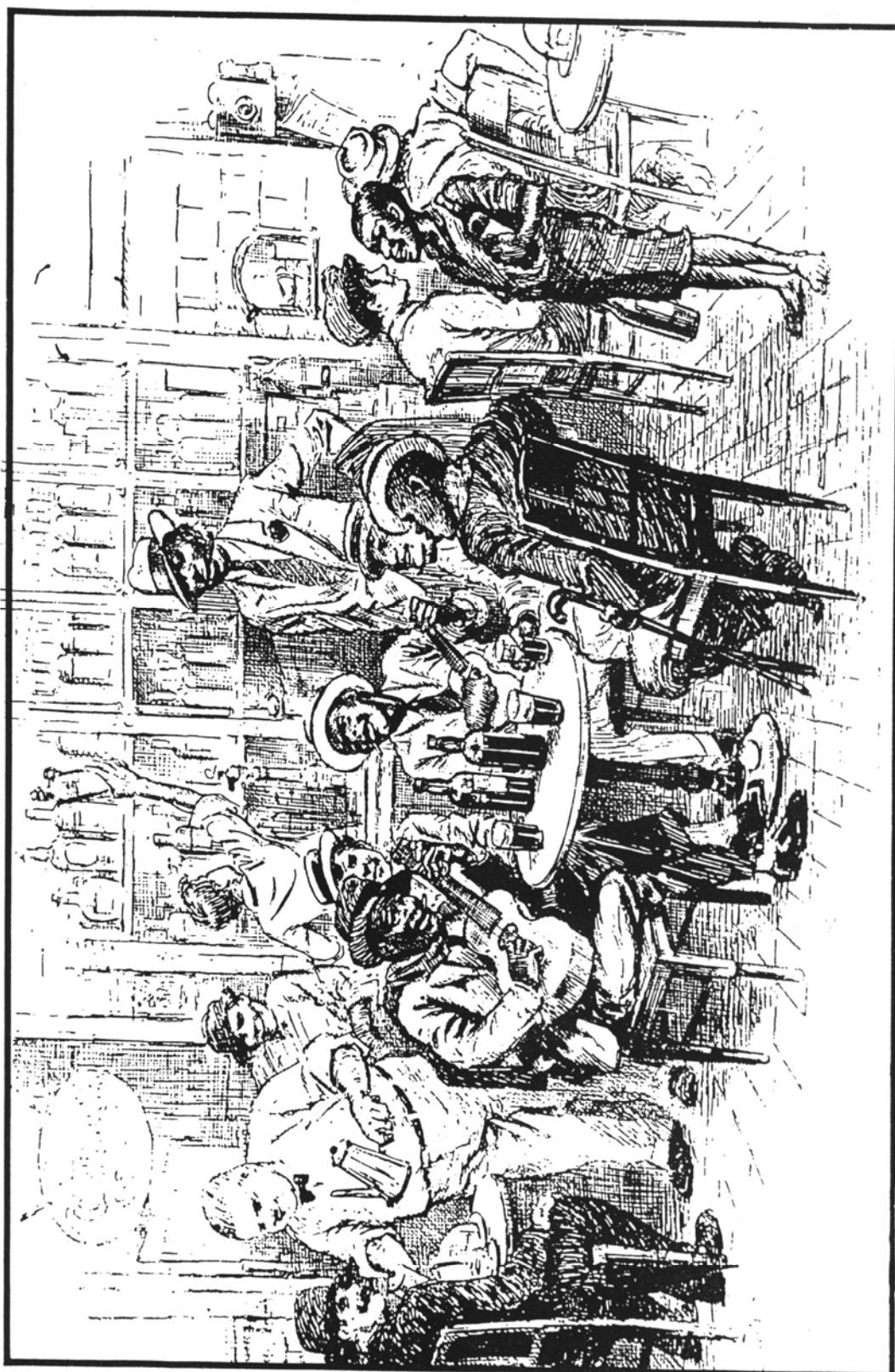
UM "CHÔRO" ALEGRE
Do livro *Exposição*.

Figura 3 - "Um 'choro' alegre".



DOIS DESEJOS

Figura 4 - "Dois desejos".



FAZENDO 'CHORAR' O PINHO

Figura 5 - "Fazendo 'chorar' o pinho".

REPARTIÇÕES PÚBLICAS – HORA DE DESCANSO



NÃO PERTURBE S. EXCIA – O CONTÍNUO

Figura 6 - “Repartições Públicas – Hora de Descanso” e “Não Perturbe S. Excia – O Contínuo”



10 DE NOVEMBRO DE 1937 — PROCLAMAÇÃO DO PRESIDENTE VARGAS AO POVO

“**O** HOMEM de Estado quando as circunstâncias impõem uma decisão excepcional, de amplas repercussões e profundos efeitos na vida do país, acima das deliberações ordinárias da atividade governamental, não pode fugir ao dever de tomá-la, assumindo, perante a sua consciência e a consciência dos seus concidadãos, as responsabilidades inerentes à alta função que lhe foi delegada pela confiança nacional.

A investidura na suprema direção dos negócios públicos não envolve, apenas, a obrigação de cuidar e prover as necessidades imediatas e comuns da administração. As exigências do momento histórico e as solicitações do interesse coletivo reclamam, por vezes, imperiosamente, a adoção de medidas que afetam os pressupostos e

convenções do regime, os próprios quadros institucionais, os processos e métodos de governo.

Por certo, essa situação especialíssima só se caracteriza sob aspectos graves e decisivos, nos períodos de profunda perturbação política, econômica e social”.

.....
“Prestigiado pela confiança das forças armadas e correspondendo aos generalizados apelos dos meus concidadãos, só acedí em sacrificar o justo repouso a que tinha direito, ocupando a posição em que me encontro, com o firme propósito de continuar servindo a Nação”.

Presidente GETULIO VARGAS (Discurso à Nação, pronunciado do Palácio Guanabara, em 10 de Novembro de 1937)

Figura 7 - Proclamação do Presidente Vargas ao Povo.

A MANHÃ de RIO, TERÇA-FEIRA, 8-11-1949

PAGINA 5

ABRAÇOS E BEIJOS PARA O POVO VIRGULINA

PESSOAL, DENTES BEM AGUÇADOS, ESTÔMAGOS BEM REGADOS

1914 - 8 DE NOVEMBRO - 1949

O ANIVERSARIO DA CASA MATHIAS

Ao povo os nossos agradecimentos pela preferência que nos tem dado e continuará a dar sempre, pela forma que negociamos

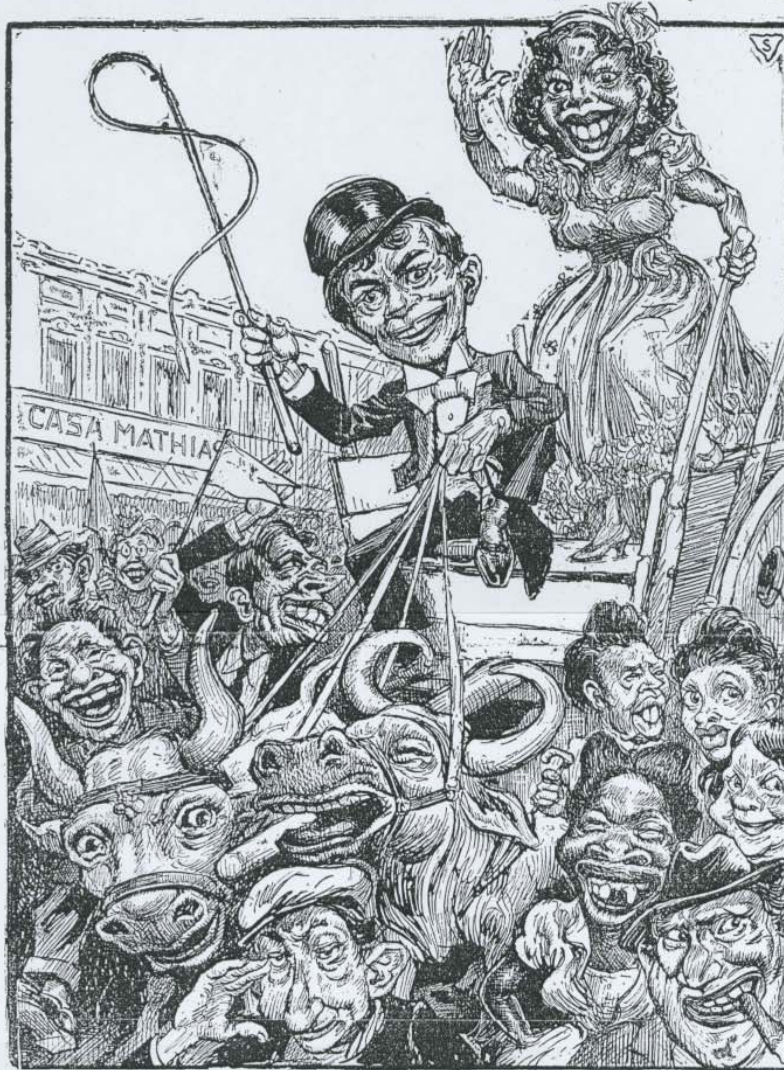


Figura 8 - Propaganda da Casa Mathias - A Manhã.

COCHEIRO E DE CARTOLA!

Firme Mathias. Logo mais vais comer gato assado á espanhola
33.º Aniversário! ---- 1914 -- 8 DE NOVEMBRO -- 1947 ---- 33.º Aniversário!

CASA MATHIAS. A casa mais querida do povo carioca



Força, Mathias. Força.
Estás ficando maduro.

Eu te dou mingaus, mas qual ! ! !
Estás velho, Já não pulas mais muro

Dança, Virgulina. Dança.
Como estás linda, ó tentação.
Estou velho, estou.
Agora só com muito chá de man-
[gerício.

Povo ! 33 anos de lutas
Espero fazer mais (talvez).
Virgulina no fim do ano,
Vamos dar um predio a cada

Estes versos foram feitos
Pelo poeta "Parteiro dos Nasci-
mentos"
Por esta porqueira
[freguês. Paguei Quatro Mil e Oitocentos.

SENHORAS DONAS DE CASA, chegou a hora das Louças, Aluminios, Fogões, Geladeiras, e todo o stock, tudo por preços de "ORA TOMA MARIQUINHAS" Precisamos de espaço para dar lugar a maior exposição de BRINQUEDOS PARA NATAL DE 1947.

MATHIAS E VIRGULINA cá vos esperam para dar uns beijos nos vossos labios mimosos, seja branca, seja mulata, seja morena ou creoula, todas levarão uma beijoca.

MAS AQUI ENTRE NÓS, não se esqueçam de trazer o MIMOSO BAU com as vossas economias ao voso gostoso MACUMBEIRO MATHIAS. Aos nossos distintos Auxiliares e Fornecedores, os nossos agradecimentos pela cooperação que leem dado para a grandeza sempre crescente da nossa Casa.

CASA MATHIAS

106 -- AVENIDA MARECHAL FLORIANO -- 110

Figura 9 - Propaganda da Casa Mathias - Cartaz "Cocheiro e de Cartola!"



Figura 10 - Charge "Viva a República ou o Marechal?".



Figura 11 - Charge "Lendo o Futuro".



O FESTIM DE BALTASAR

É Ciro que está penetrando em Babilônia!

O Gato (30-3-1912).
(A propósito da atuação do General Mena Barreto, insurgindo-se contra a política no Catete, em Pernambuco, o caricaturista faz o trocadilho—Mena, por Mane da lenda bíblica.)

Figura 12 - Charge "O Festim de Baltasar".



"Pela defesa nacional -- Às armas,
cidadãos!"
(Fon-Fon!, agosto de 1917).
Dois meses depois, o Brasil entrava
na guerra.

Figura 13 - Charge para Fon-Fon!, agosto de 1917.

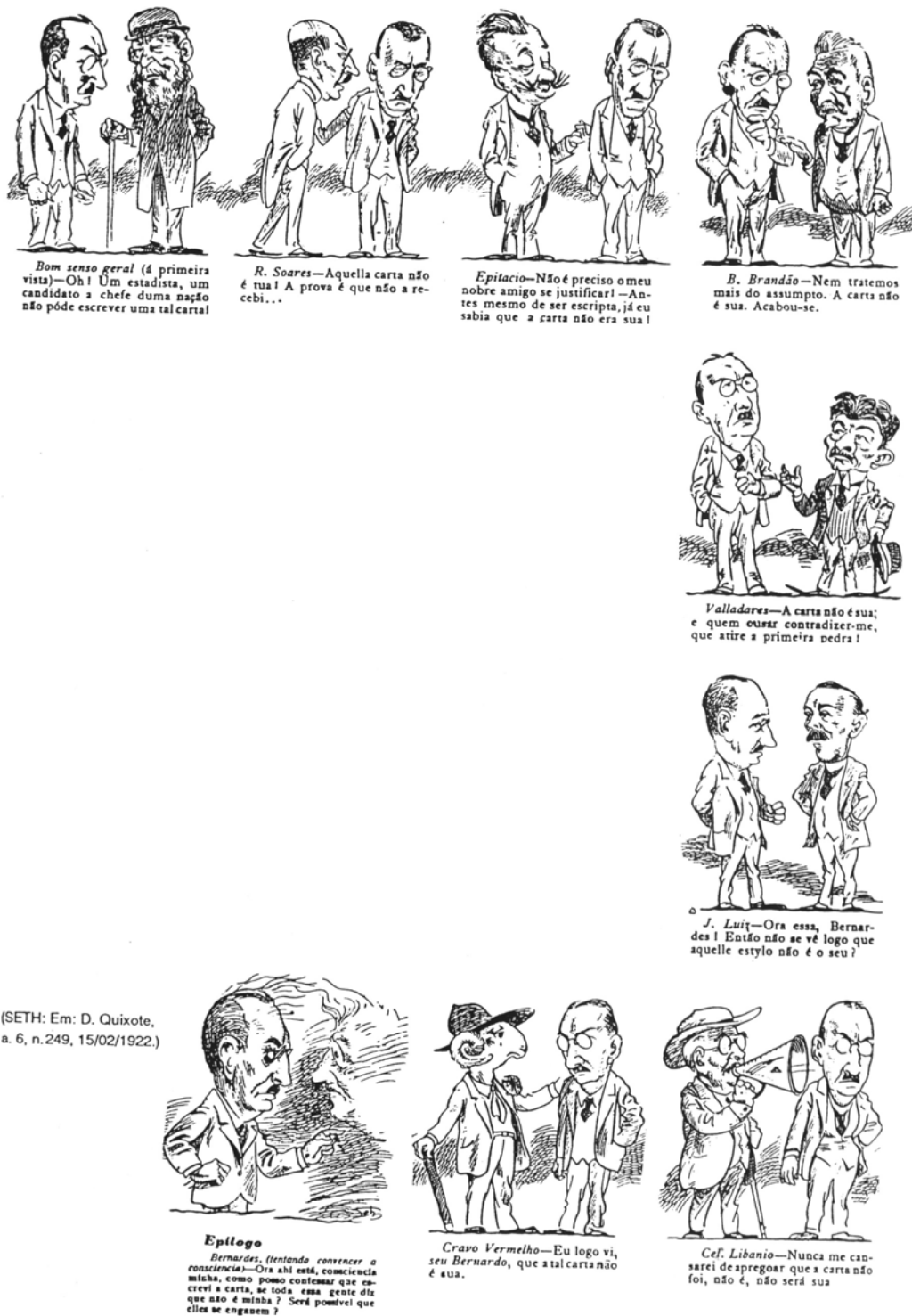


Figura 14 - Charge sobre Arthur Bernardes.

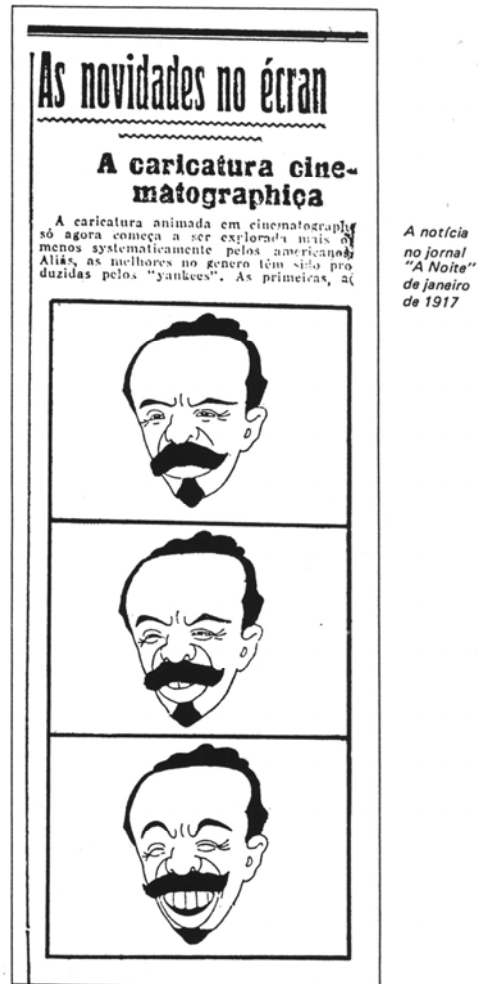
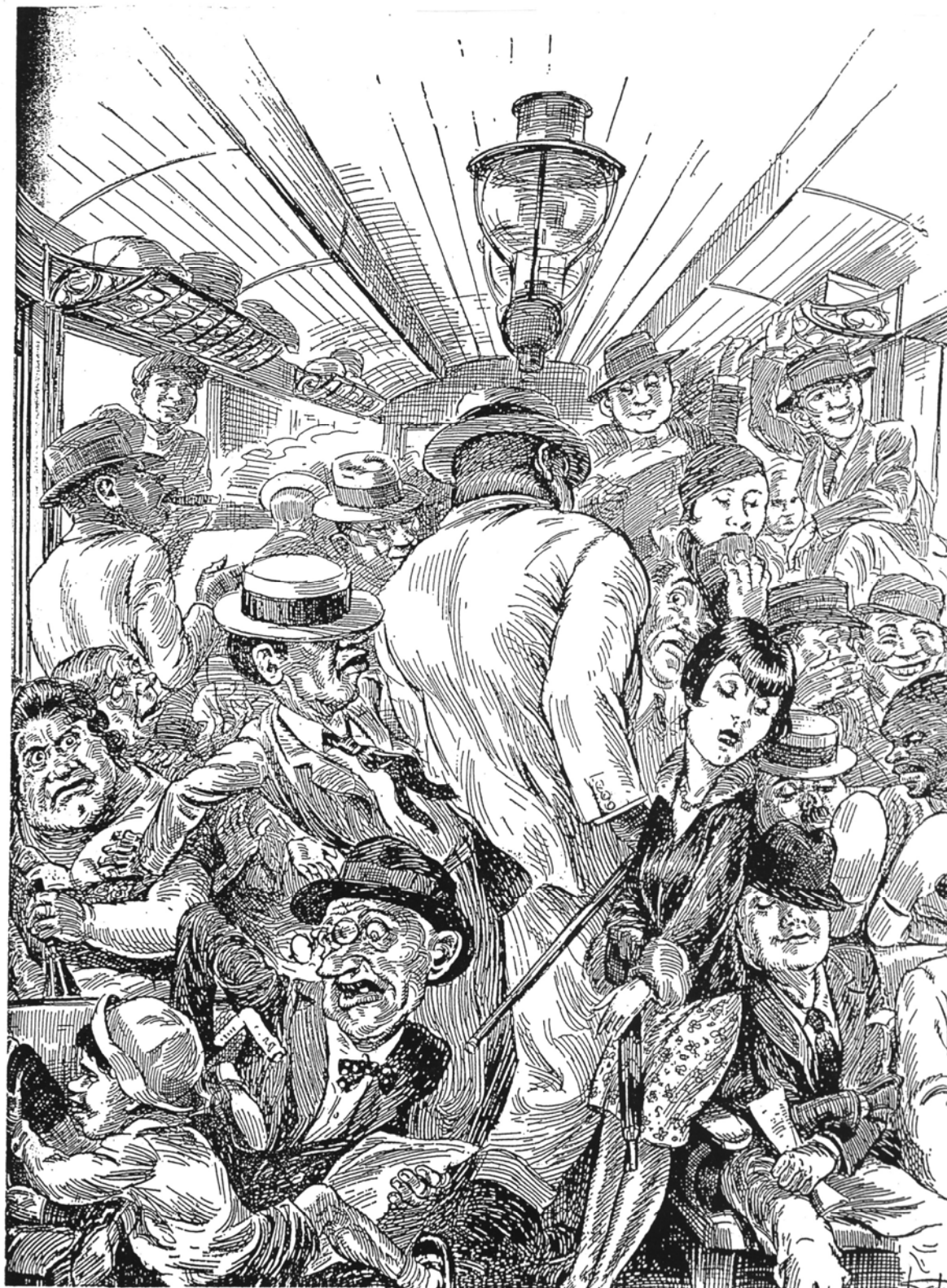


Figura 15 - “As Novidades no Écran”.

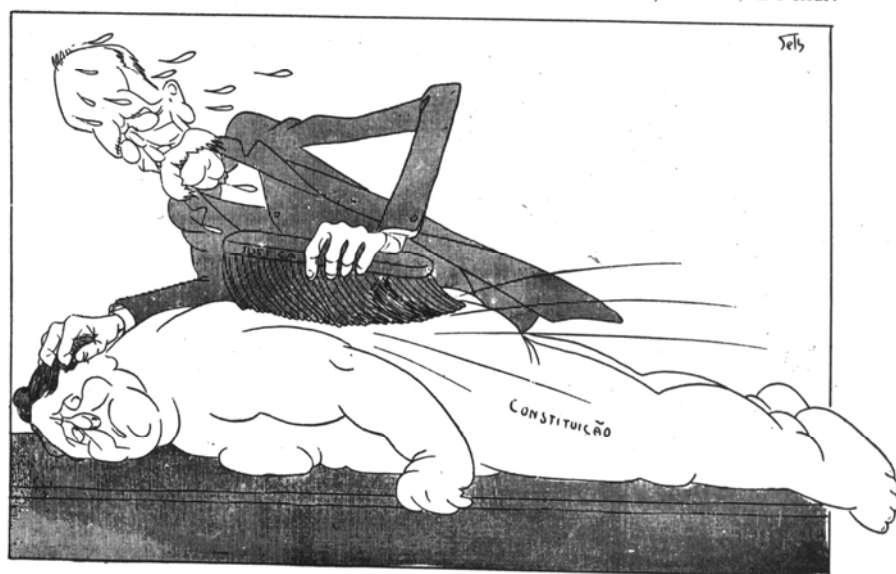


E.F.C.B. - Direto a Cascadura ou vice-versa

Figura 16 - "E.F.C.B. - Direto a Cascadura ou vice-versa"

INSTITUT, PHYSIOPLASTIQUE
(Soins de Beauté)

Mr. Ruy Barbosa, Directeur.



Seth — O Gato, de 9 de março de 1912.

Figura 17 – Charge “Institut Physioplastique”.

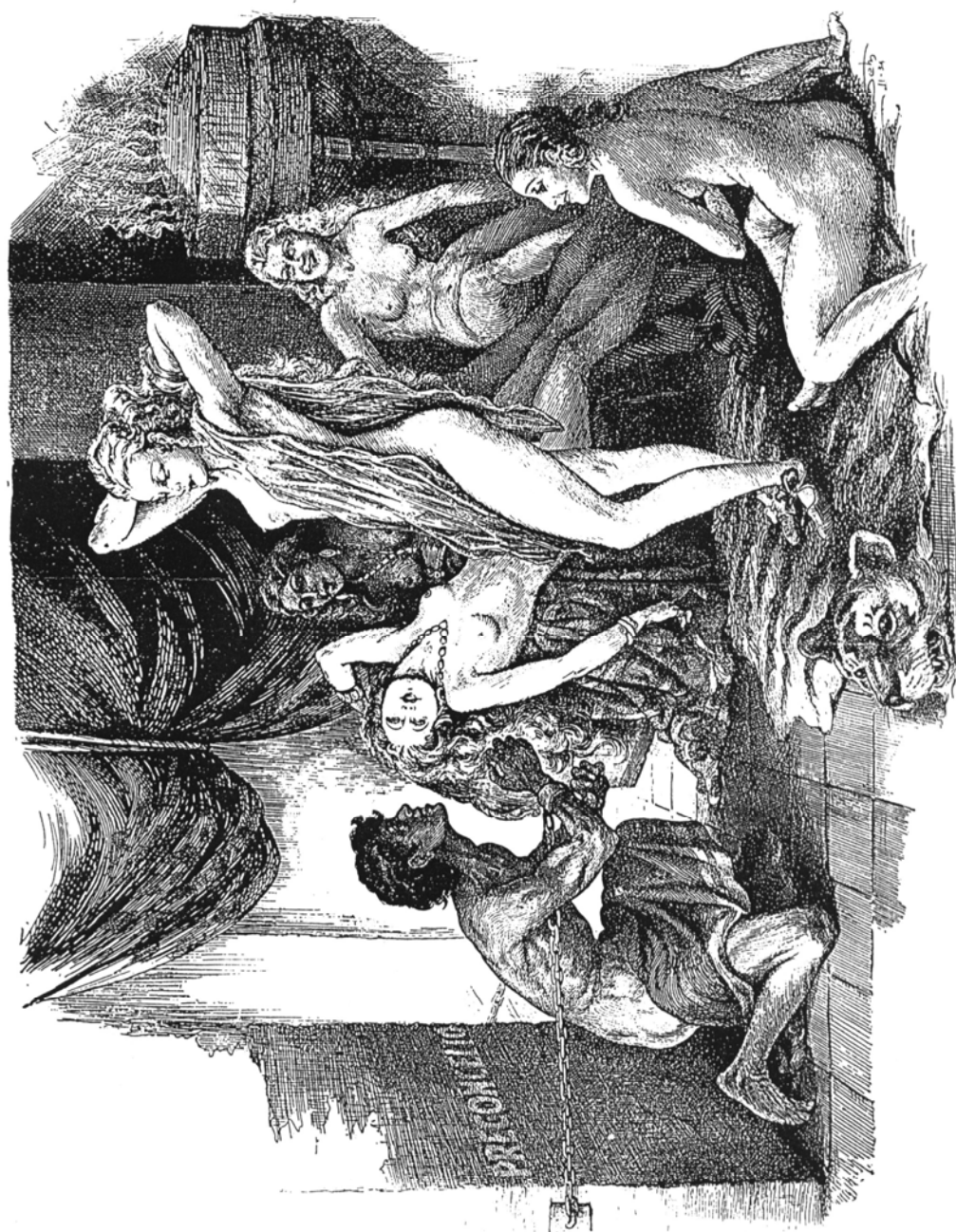


Figura 18 - Charge "Lastimável Situação – (A propósito da última derrota naval alema)



O democrático bonde

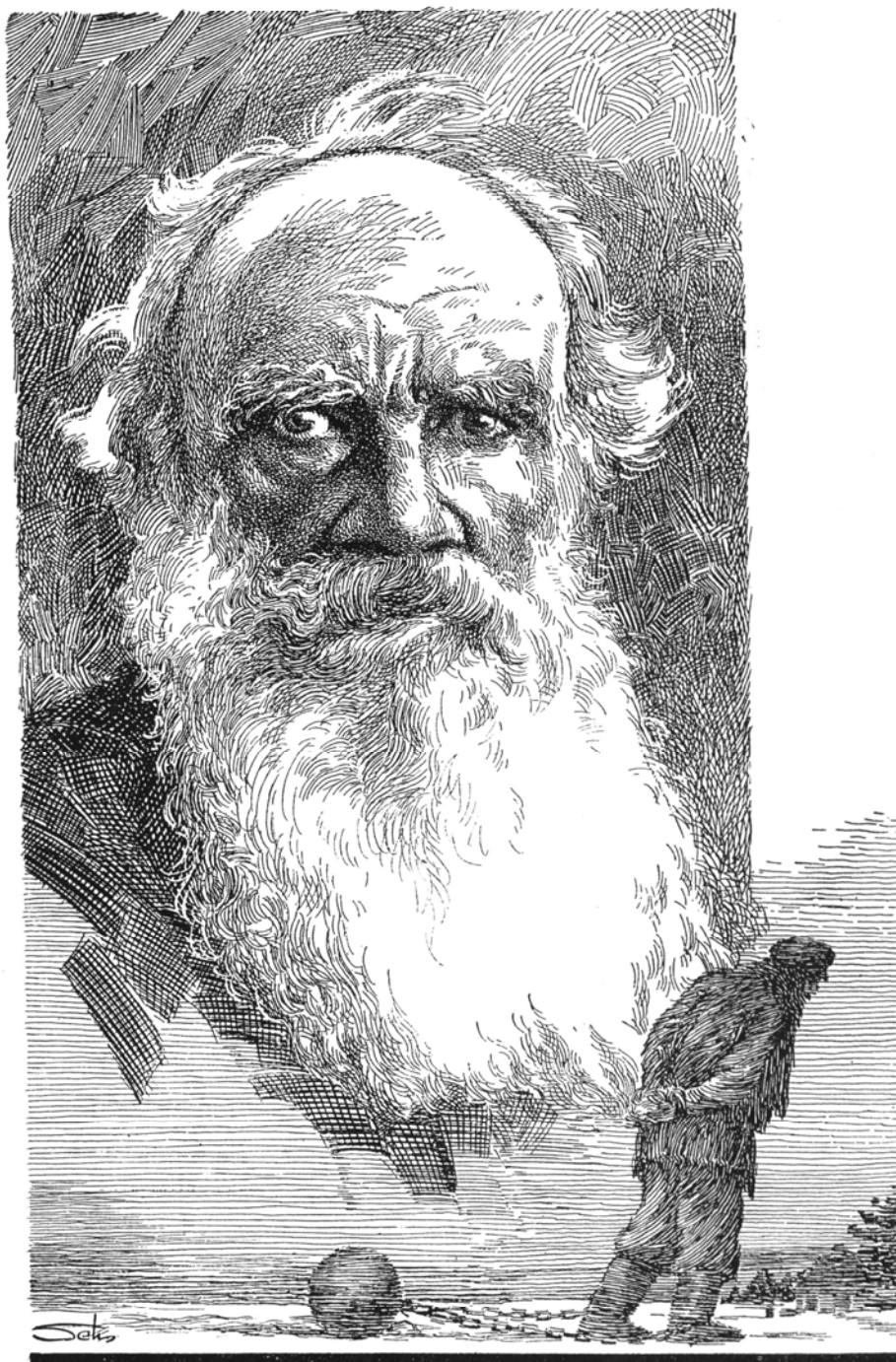
”
Figura 19 - “O Democrático Bonde”.



TANTALO

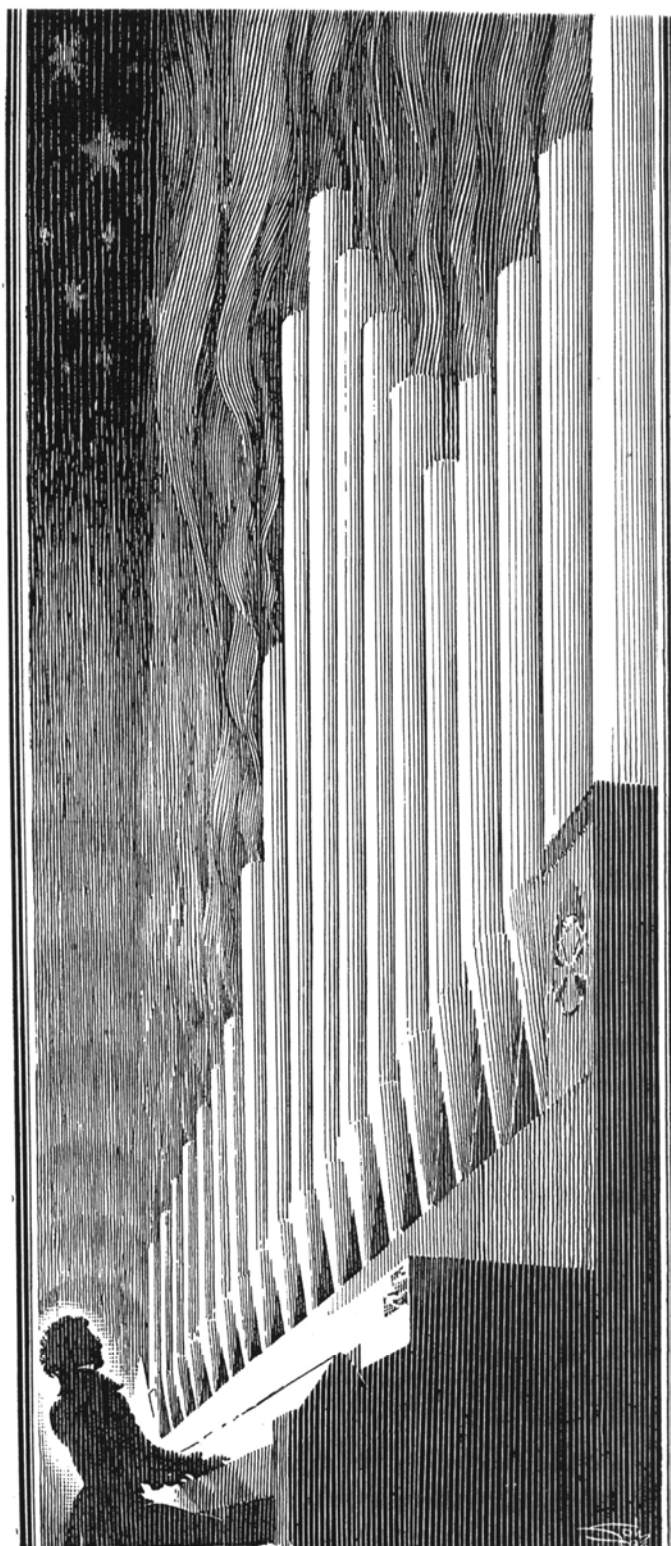
E quando o homem na sua dor se cala...
GCEIHE

Figura 20 - "Tântalo".



TOLSTOI

Figura. 21 - "Tolstoi".



AVE MARIA !

Nenhuma emoção, como a da música, nos afasta tanto de nossa personalidade terrena. E a Religião tem no misticismo de suas melodias o melhor caminho para a contemplação e para a fé.

Figura 22 - "Ave-Maria !"



TENTAÇÃO

"Viu pois a mulher que a árvore era boa para comer, e formosa
aos olhos, e delectável á vista..."

GENESIS.

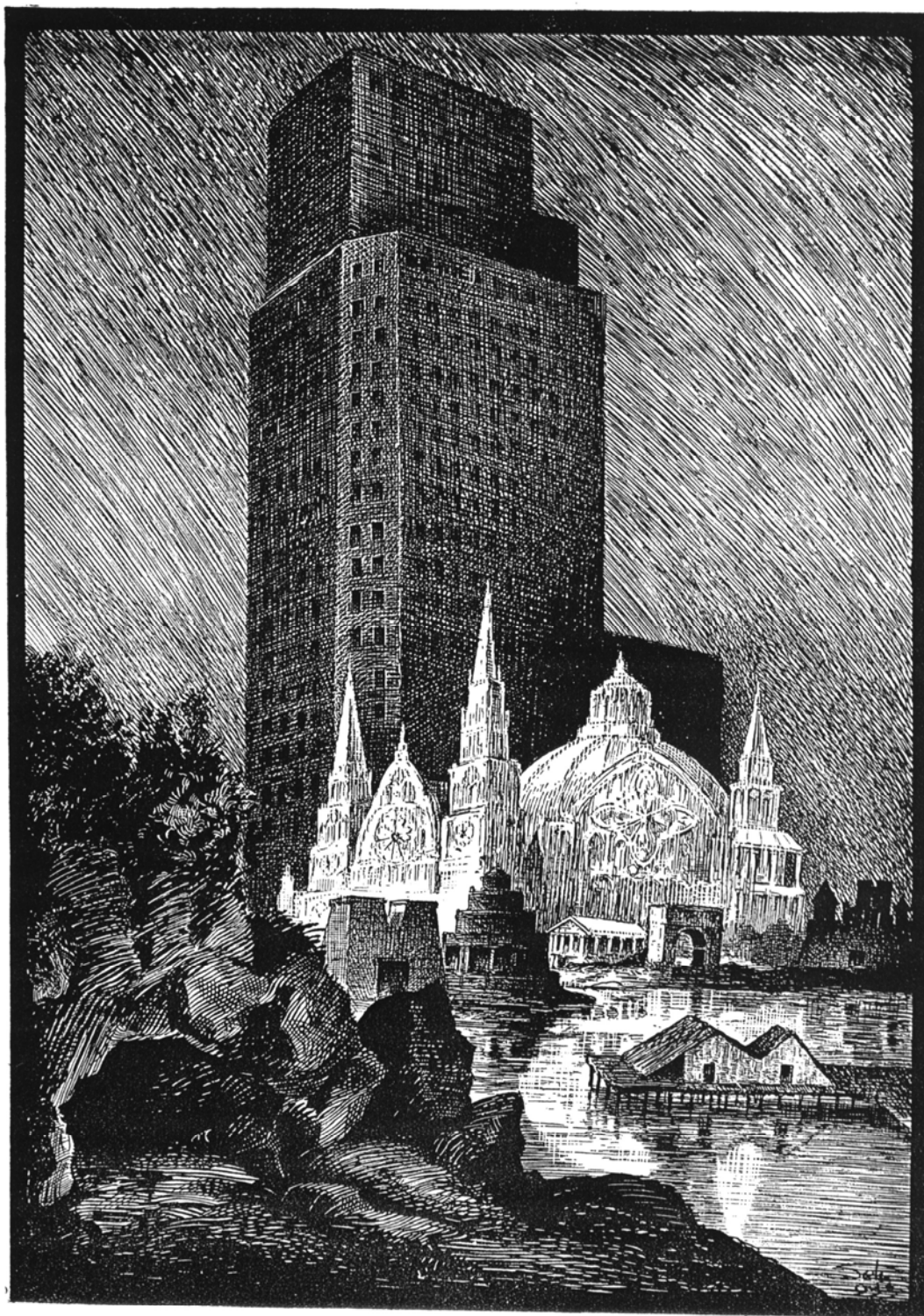
Figura 23 - "Tentação"



QUO VADIS, MACHINA?

O século XX jungiu o criador ao dorso metálico da criatura. .

Figura 24 - "Quo Vadis, Máquina?"



LIVROS DE PEDRA

Desde a caverna ao cimento armado, a pedra tem escrito a história do Homem.

Figura 25 - "Livros de Pedra"



INFINITO

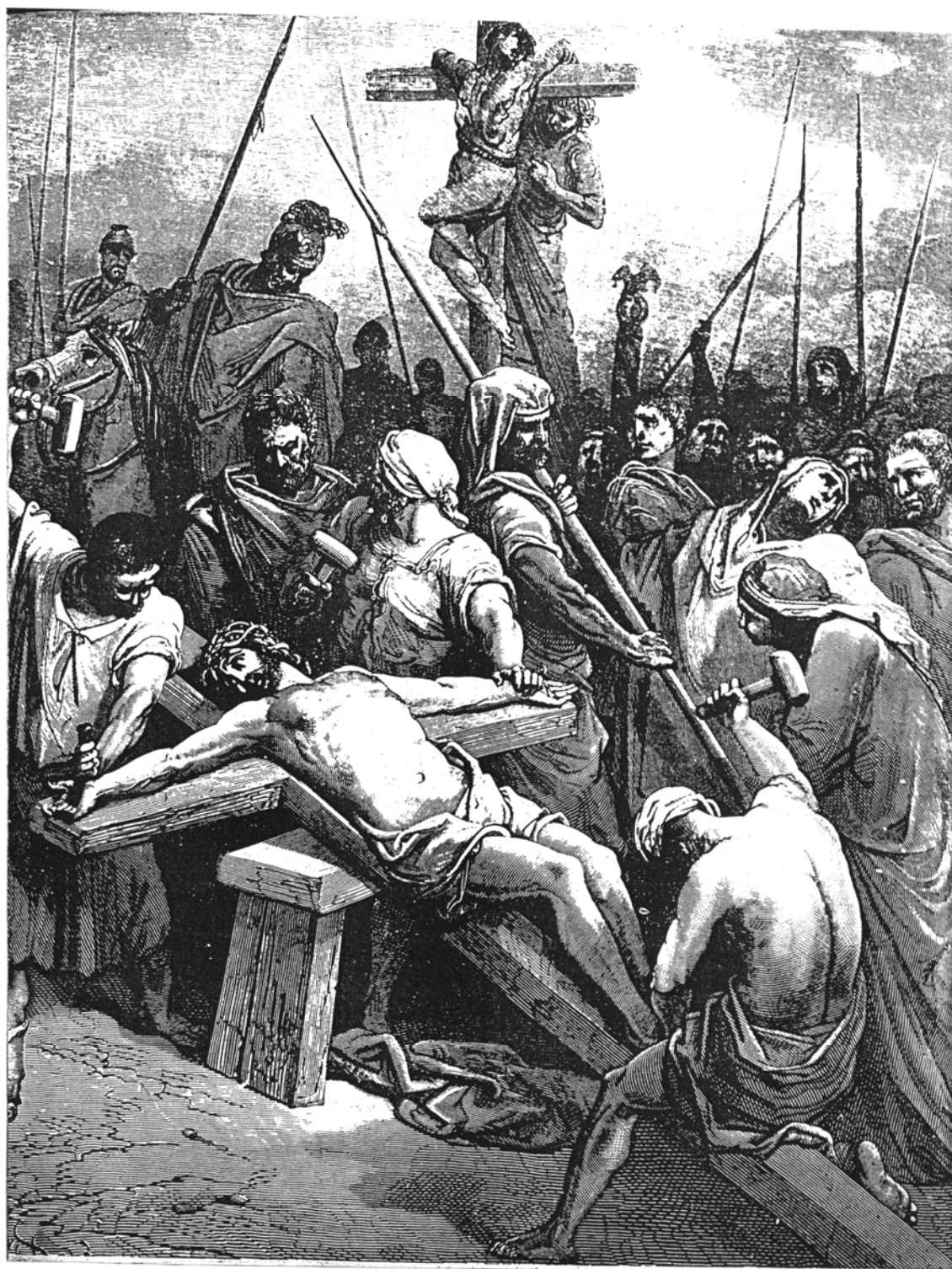
Abismo insondável que causa medo á Inteligência Humana.

Figura 26 - "Infinito"



RÁDIOS — PROGRAMA DE ESTÚDIO

Figura 27 - “Rádio – Programa de Estúdio”



A CRUCIFIXAO (G. Doré 1833-1883)

Figura 28 - "A Crucificação"



Charles Dana Gibson
"A Eterna Interrogação",
cartum de uma Gibson Girl, 1903.

Figura 29 - "A Eterna Interrogação"

Jes



(Careta, 19/07/1913)

Figura 30 - Propaganda dos agentes Castro d'Almeida.



J. Mill. *O beijo de Arditi*. [1862]

O Beijo de Arditi. (J. Mill, 1862)

Figura 31 - "O Beijo de Arditi"



Figura 32 - Propaganda da Casa Mathias.,

Com que roupa, sim, com que roupa.
Mas, **MATHIAS**, eu pergunto:
COM QUE ROUPA EU VOU AO SAMBA QUE VCE ME CONVIDOU?



Figura 33 - Propaganda da Casa Mathias, anos 1930.



Figura 34 - Propaganda da Casa Mathias - "Espera ahí! Cuidado com as Vitruinas! A moamba chega para todos...",



Figura 35 - Propaganda da Casa Mathias.



Figura 36 - Propaganda da Casa Mathias.



1944—INVERNO—1944

*Entra craquina VIRGOLINA!
Entra cracão MATIAS!
Êstes craques devem meter inveja
Ao tal de Isaias...*

(Um dos populares anúncios publicados por Seth, durante muitos anos,
na imprensa do Rio.)

Figura 37 - Propaganda da Casa Mathias: “



Figura 38 - Propaganda da Casa Mathias.

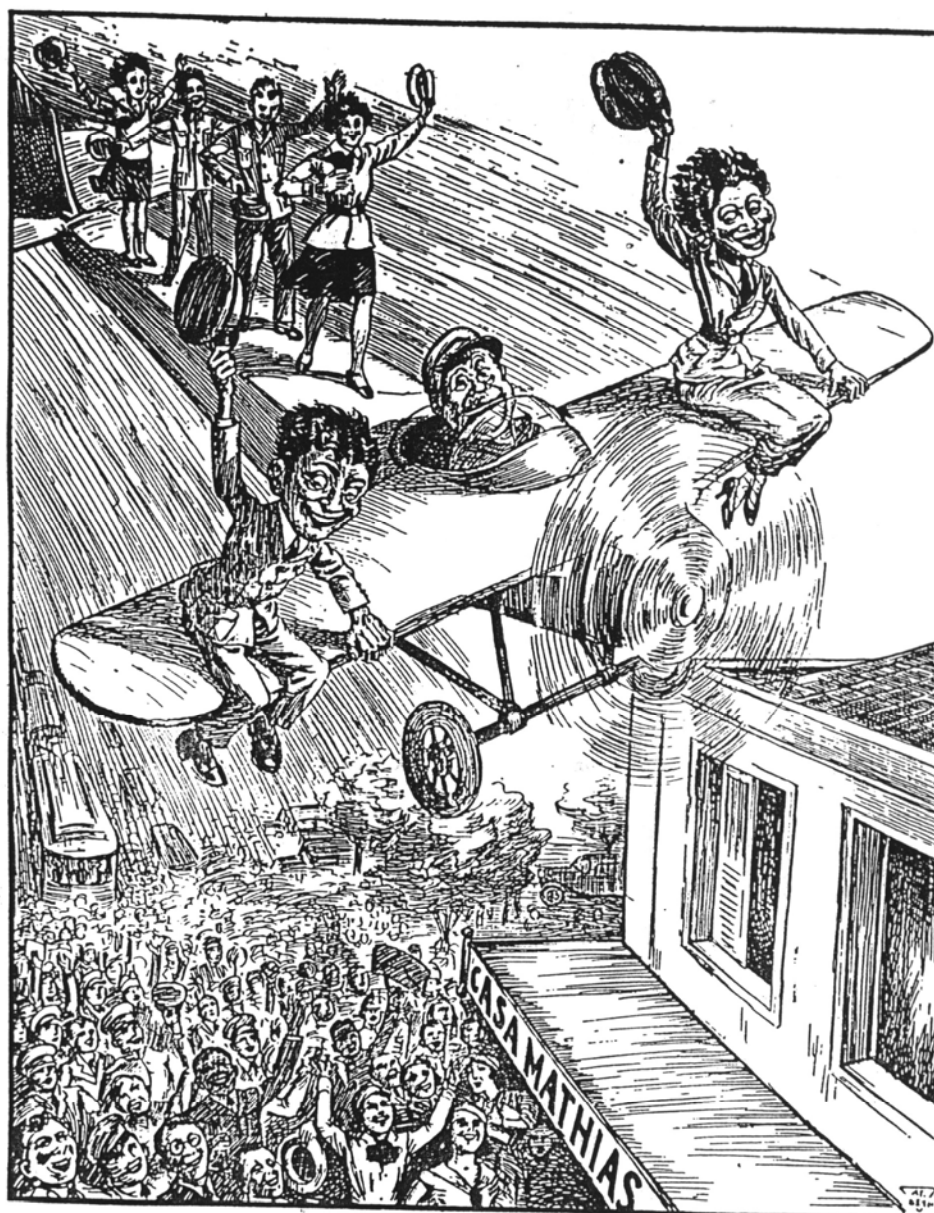


Figura 39 - Propaganda da Casa Mathias.



Figura 40 - Propaganda da Casa Mathias.



Figura 41 - Propaganda da Casa Mathias.



Figura 42 - Propaganda da Casa Mathias.



Figura 43 - Propaganda da Casa Mathias.



Figura 44 - Propaganda da Casa Mathias.



Figura 45 - Carimbo "Oferta do Departamento de Imprensa e Propaganda"
Página de rosto de O Brasil pela Imagem, 1943.



O Baile em 1880 (O Brasil pela Imagem)

Figura 46 - "Um Baile em 1880"

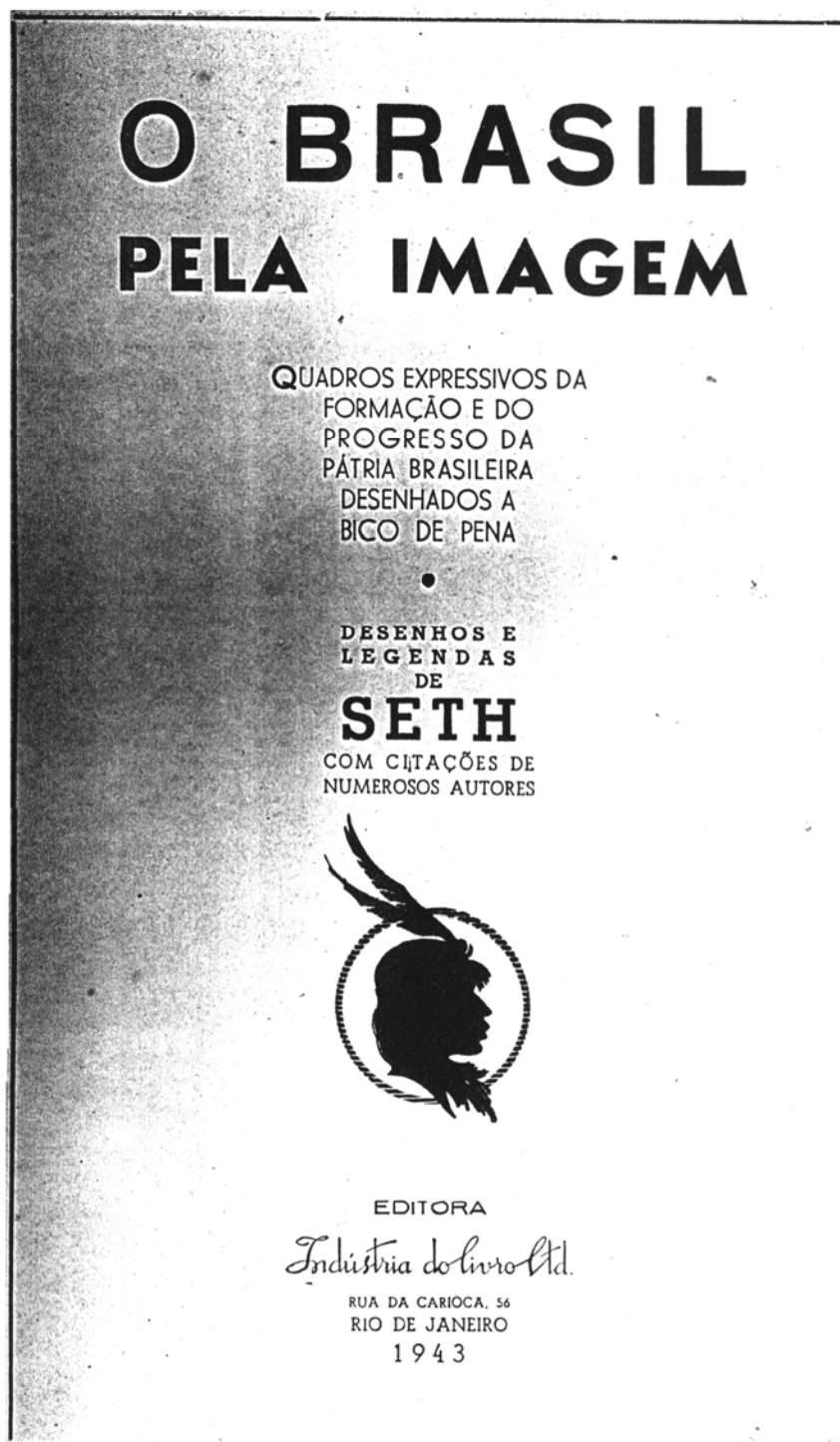


Figura 47 - Frontispício com um índio, representando Ex-Libris de O Brasil pela Imagem, 1943.

O TEMPO

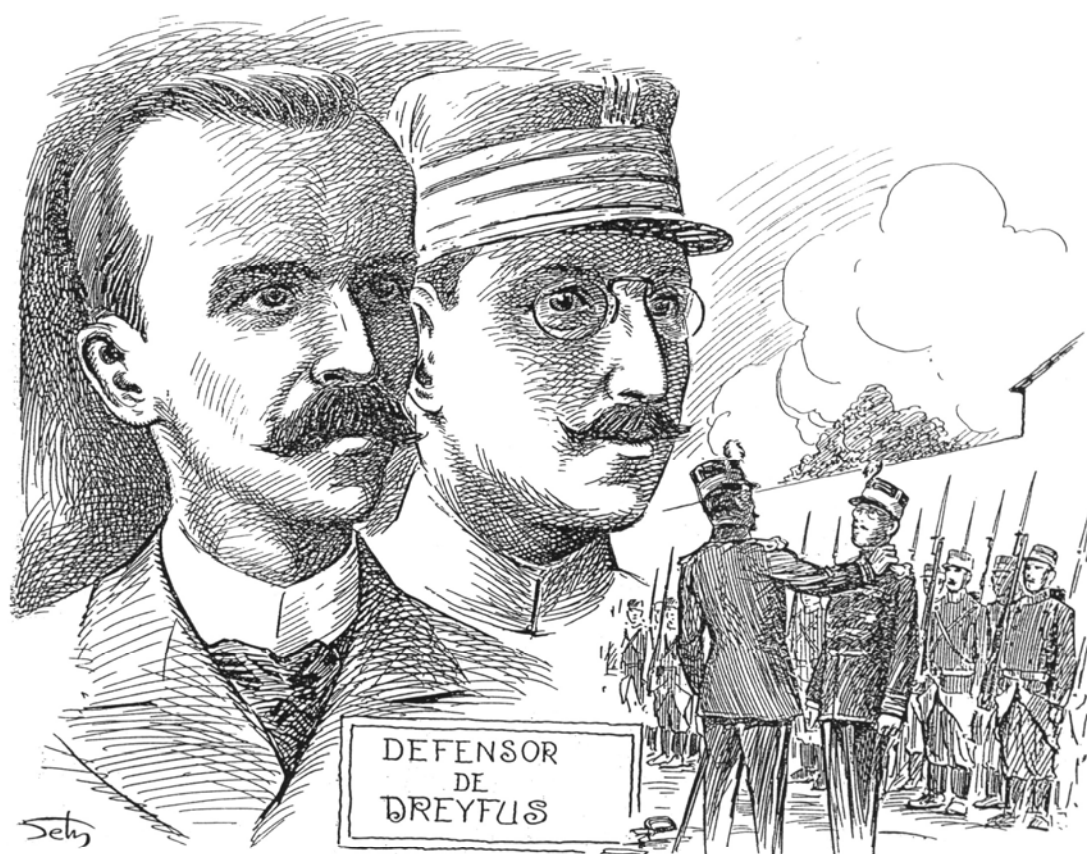


Ilustração para o livro "Ruy Barbosa - In Memoriam (1849-1923)"

Figura 48 - "Ruy Barbosa - In Memoriam (1849-1923)".



DANSA NUMA FAZENDA

Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita
Mas à outra eu quero bem!

.....
Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro.

CASTRO ALVES ("A Canção do Africano")

JÁ o clima do Brasil, igual ao da África, era propício ao escravo, e o ambiente, sem excessivos zelos raciais, dera-lhe facilidades que lhe permitiram imiscuir-se na vida de família das populações brasileiras.

A fecundidade do africano, tão do agrado dos senhores, somada à intensidade do tráfico, resultou na abundância do elemento negro, daí pro-

vindo, como é natural, facilidades de mistura e penetração, maior ainda do que a do índio, na vida social brasileira, trazendo a influência de seus costumes nativos, suas crenças, suas cantigas e danças, e inundando o nosso folclore de tradições africanas, que ainda hoje prevalecem até em sobrevivências coreográficas e musicais que o gosto moderno estilizou.

Figura 49 - "Dança numa Fazenda"



A REVOLTA DO ESCRAVO — OS PÁLMARES

“De bravos soberbo estádio!
Das liberdades paládio,
Tomaste o punho do gládio,
E olhaste rindo p’ra o val.
Surgí de cada horizonte,
Senhores! Eis-me de frente!”

CASTRO ALVES (Saudação a Palmares).

“QUILOMBO” exprimia o gesto de revolta do escravo contra o senhor. Era a reação coletiva do negro contra o branco, e perdurou por todo o largo período da escravidão no Brasil.

“Desamparados de todo o mundo” diz Rocha Pombo, entregues a todos os caprichos da força — o único refúgio do seu desespero era o recesso das florestas, os alcantís das montanhas onde iam disputar às feras a clemência da solidão.”

“Lá nos ermos faziam convites aos irmãos das fazendas vizinhas, afrontados das mesmas angústias”.

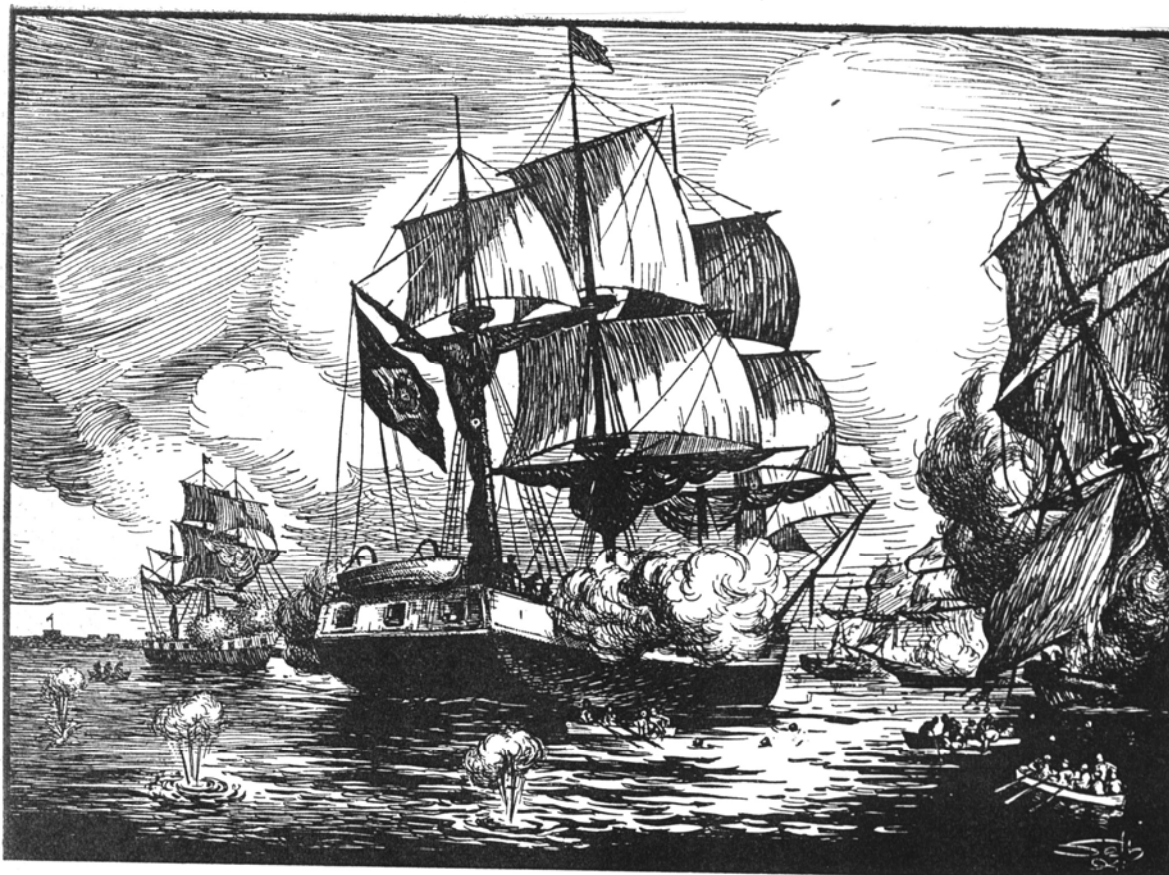
“Em breve o valhacouto crescia, e se tornava “quilombo”.

De todos esses núcleos de resistência, foram os Palmares, em Alagôas, os mais famosos, pois, existindo desde as primeiras invasões holandesas, estavam os mocambos organizados numa espécie de confederação, governados por subalternos subordinados a um chefe principal, a quem chamavam “Zumbi”.

Esses mocambos, habilmente fortificados, eram valentemente defendidos pelos seus homens. Por isso mesmo puderam resistir às numerosas expedições enviadas para exterminá-los.

Após penosos esforços foram finalmente destruídos em fins de 1605, pelo sertanista paulista Domingos Jorge Velho, à cuja ação vigorosa e pertinaz o governador de Pernambuco prestou valioso auxílio militar.

Figura 50 - “A Revolta do Escravo – Os Palmares”



A MARINHA BRASILEIRA NAS GUERRAS DO SUL

"Tínhamos de operar numa extensão costeira sobre o Oceano Atlântico de 1.350 milhas, entre os cabos de Santo André e o das Virgens, relativamente pouco conhecida e semeada de perigos; em parte dos cursos dos rios Uruguai e Paraná, e no estuário do Prata. A este chamavam os argentinos "el infierno de los marineros". Chamava-lhe o almirante Boiteux, "cemitério de navios". Invadido de areias e dividido em corrente, oferecia as mais sérias dificuldades à navegação a vela..."

GUSTAVO BARROSO (História Militar do Brasil)

AS VELHAS guerras fronteiriças do Sul, entre portugueses e espanhóis, legaram às populações dessa região virtual animosidade entre vizinhos. Por mais de uma vez, no século passado, pegou o Brasil em armas contra inimigos externos, para decidir questões de interesses vitais do Império.

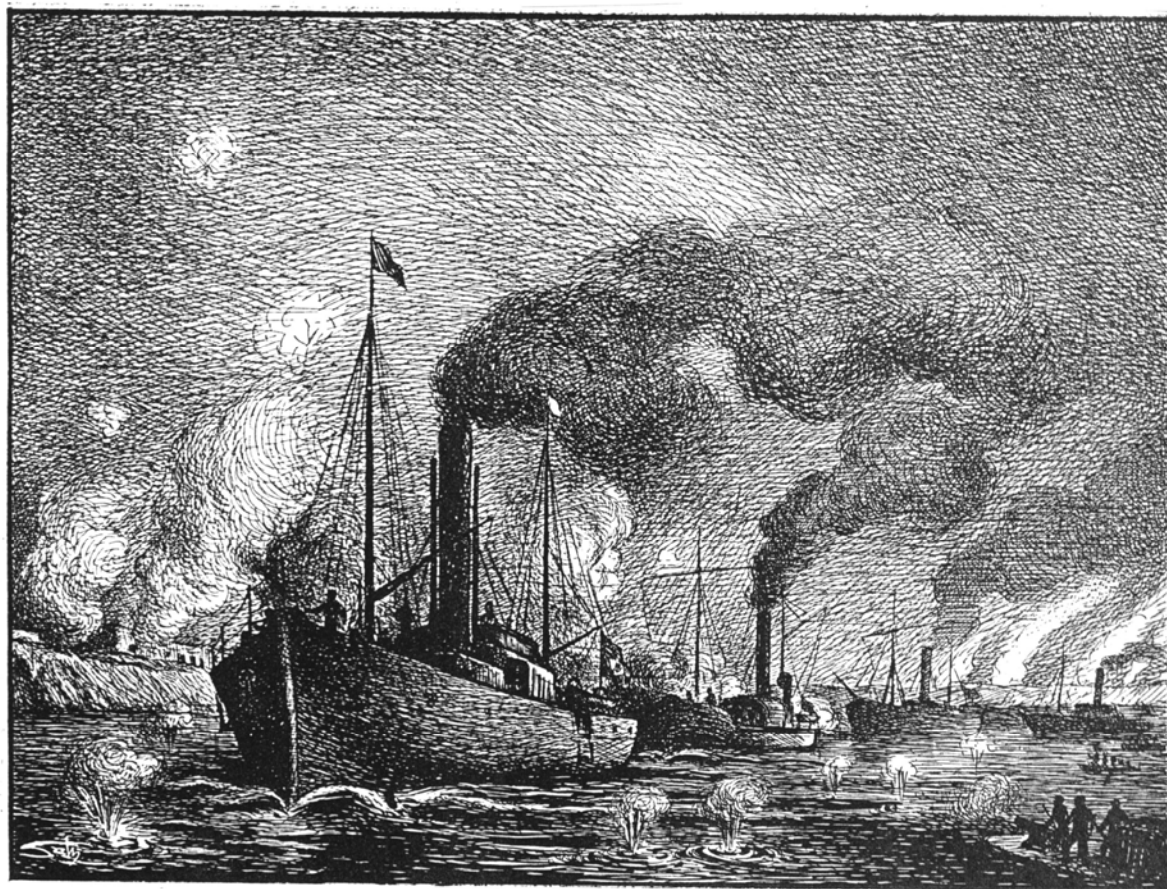
Nessas lutas, desempenha papel de grande relevância a nossa Marinha de Guerra. Tempos em que a navegação a vapor ensaiava os primeiros passos da importância que viria a ter, e quando a tática da guerra naval era outra, os

navios de madeira, que nós mesmos fabricávamos, tinham que se movimentar à vela em regiões perigosas, conduzidos por manobras difíceis e sujeitas à força ocasional dos ventos.

Se as imensas máquinas de guerra nos assombram, hoje, pela sua precisão e poder destruidor, força é reconhecer o magnífico valor do elemento humano daqueles tempos, sempre atento e excitado à vista do inimigo, medindo-lhe os passos e esperando a abordagem a cada momento.

Essas horas decisivas de coragem e ardor soube enfrentá-las sempre o nosso marujo.

Figura 51- "A Marinha Brasileira nas Guerras do Sul"



A PASSAGEM DE HUMAITÁ — 1868

“O Exército, vencendo as resistências do Chaco, e a Marinha, quebrando as correntes da famosa Fortaleza, irmanam-se na sensação da vitória comum, fortalecendo o espírito de cooperação das forças de terra e mar.”

AFFONSO DE CARVALHO (Caxias)

A PASSAGEM de Humaitá, que uma divisão da esquadra brasileira ao mando de Delfim Carlos de Carvalho (depois barão da Passagem) forçou na madrugada de 19 de Fevereiro de 1868, é um acontecimento decisivo na campanha contra López.

Situada numa curva do rio Paraguai, constituía a célebre fortaleza o mais forte baluarte do inimigo, no qual o ditador depositava a maior confiança.

Depois dos últimos desastres, López, já na defensiva, concentrara as suas forças em Humaitá, certo da resistência e do poderio de suas

grandes fortificações, que barrariam a passagem dos aliados ao interior do seu país.

Resolvida, porém, a grande empresa por Caxias e Inhaúma, força a esquadra brasileira a travessia do perigoso passo, e vence com êxito os seus terríveis obstáculos.

“Às tres horas começa o grande movimento geral”, diz Galanti. “Em uma extensão de tres léguas, céu e terra parecem agitar-se sob a ação medonha de um pavoroso cataclisma”.

Às quatro e meia estava terminada a passagem e quebrado o encanto da poderosa fortaleza, selando, assim, o destino do ditador.

Figura 52 - “A Passagem de Humaitá – 1868”

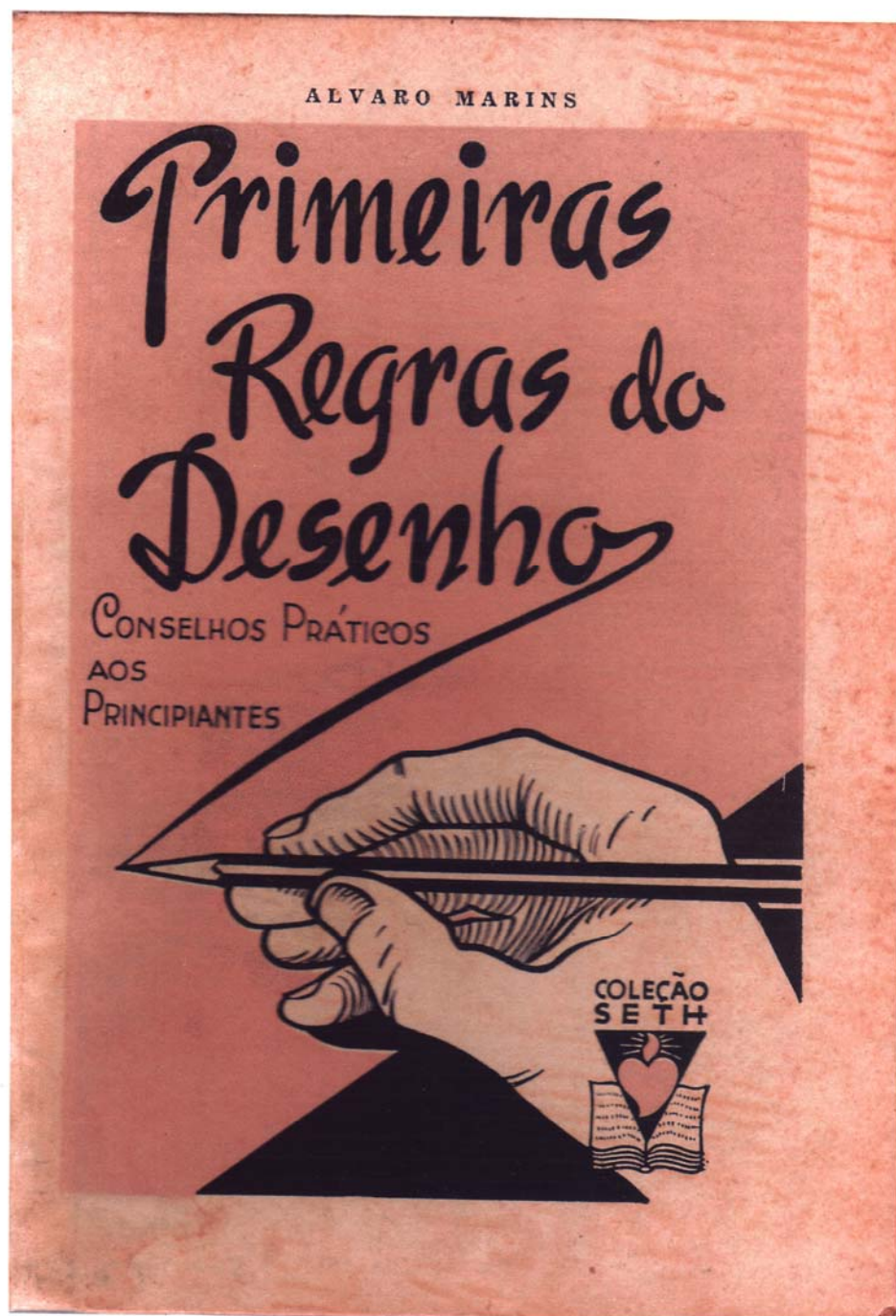


Figura 53 - Primeiras Regras do Desenho: Conselhos Práticos aos Principiantes

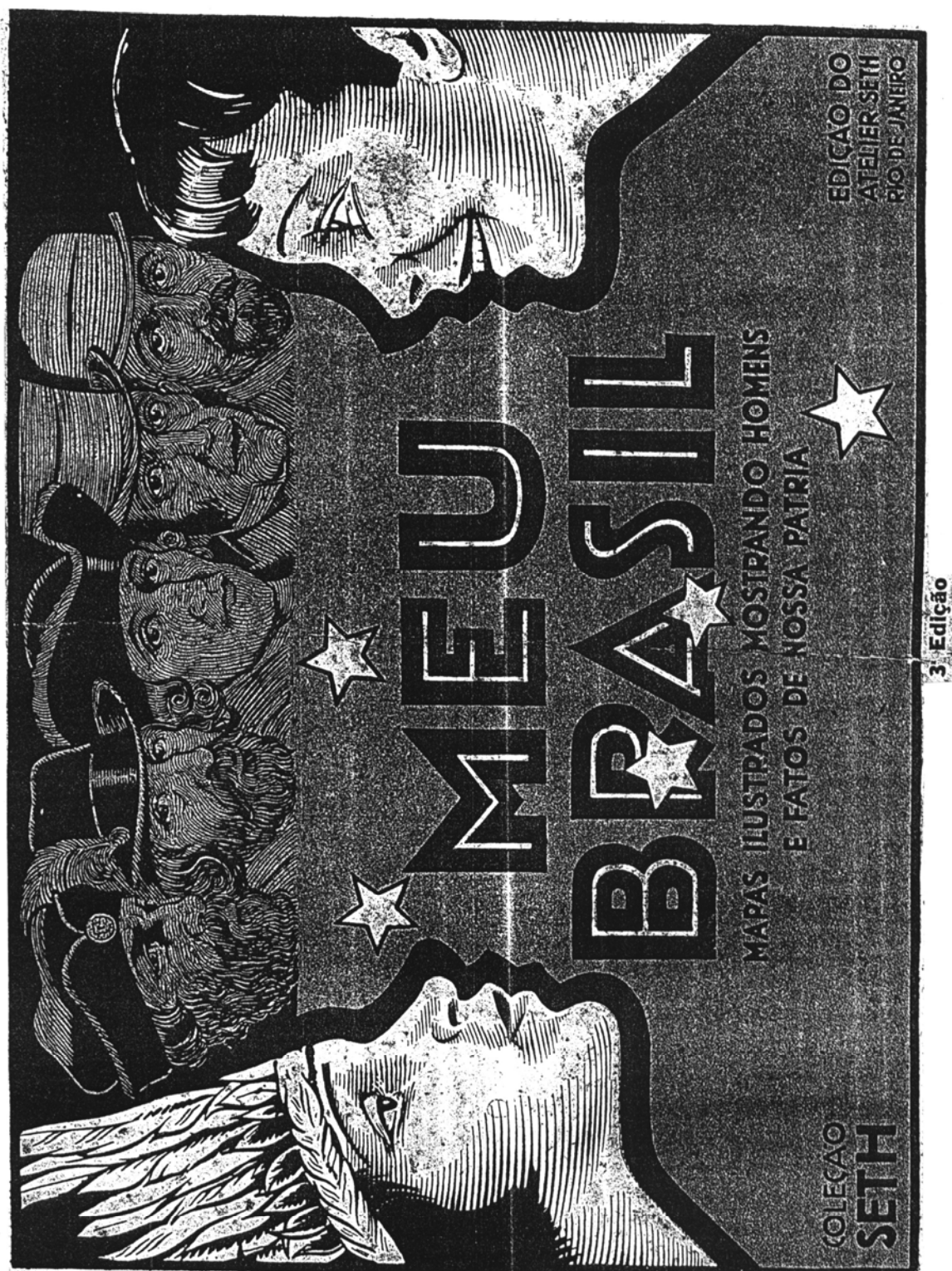


Figura 54 - Capa de "Meu Brasil - Mapas ilustrados mostrando homens e fatos de nossa Pátria" (1933).



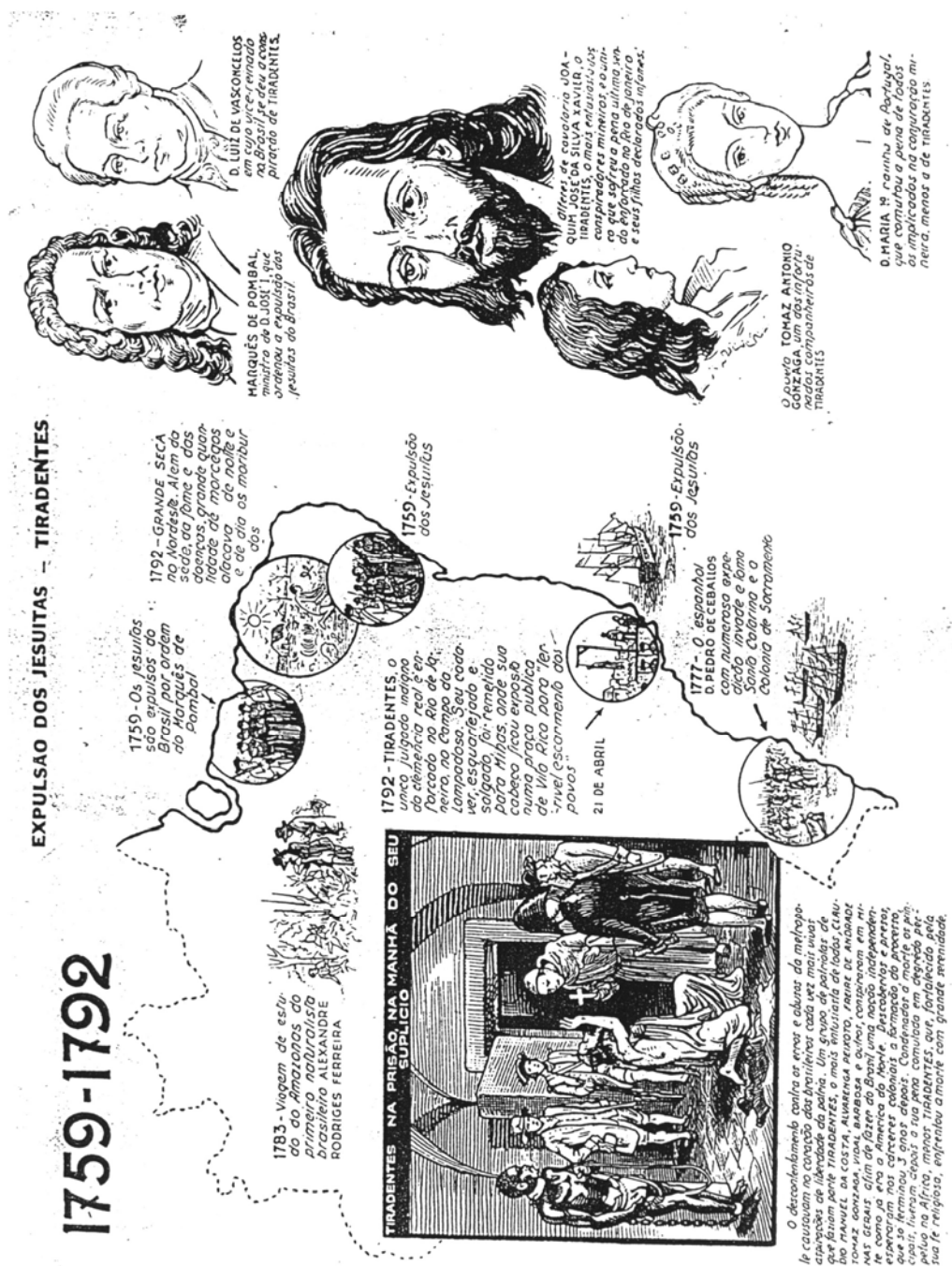


Figura 56 - "Expulsão dos Jesuítas; Tiradentes"

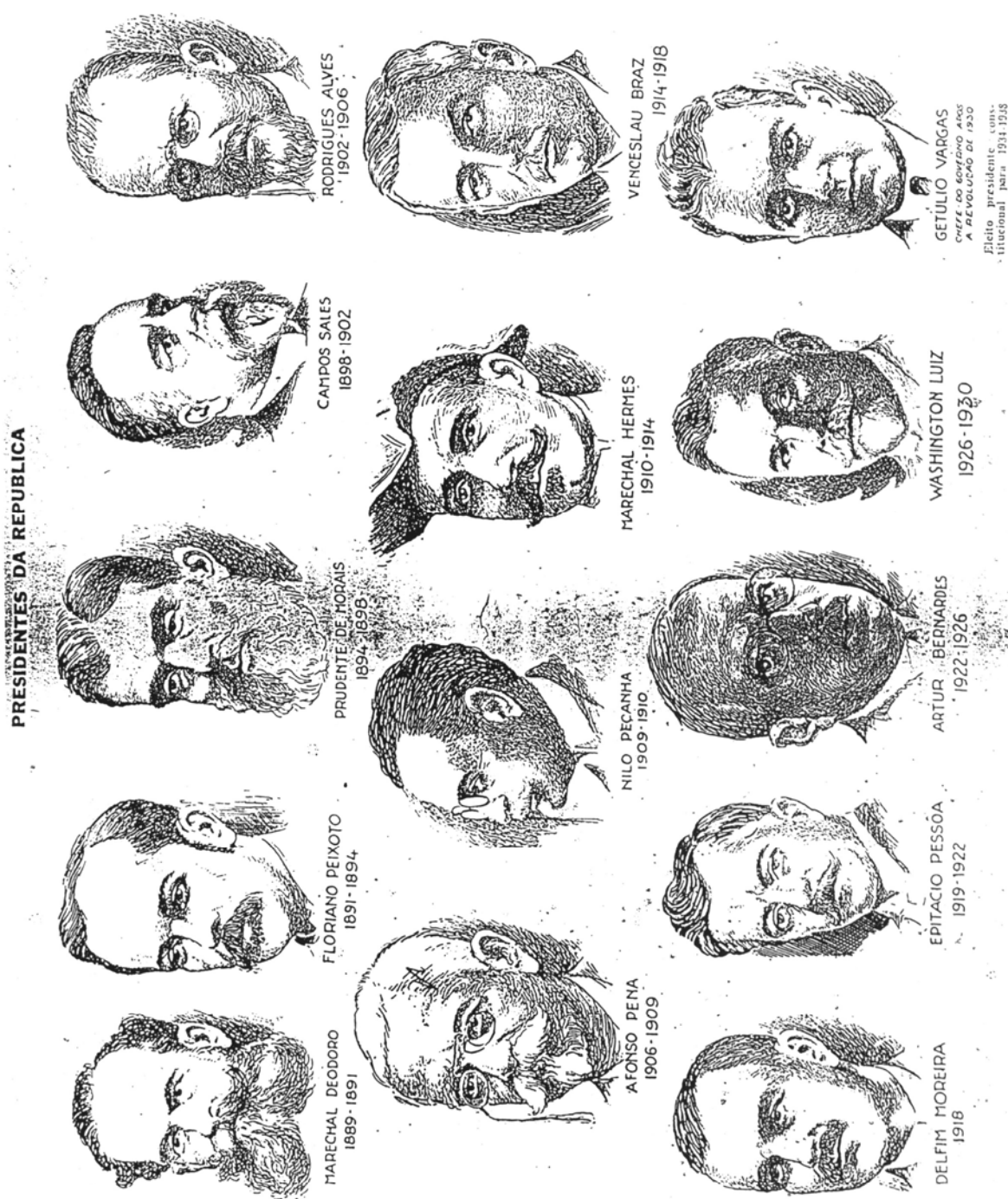


Figura 58 - “Presidentes da República: “ Getúlio Vargas – Chefe do Governo após a Revolução de 1930 – Eleito Presidente Constitucional para 1934-1938”

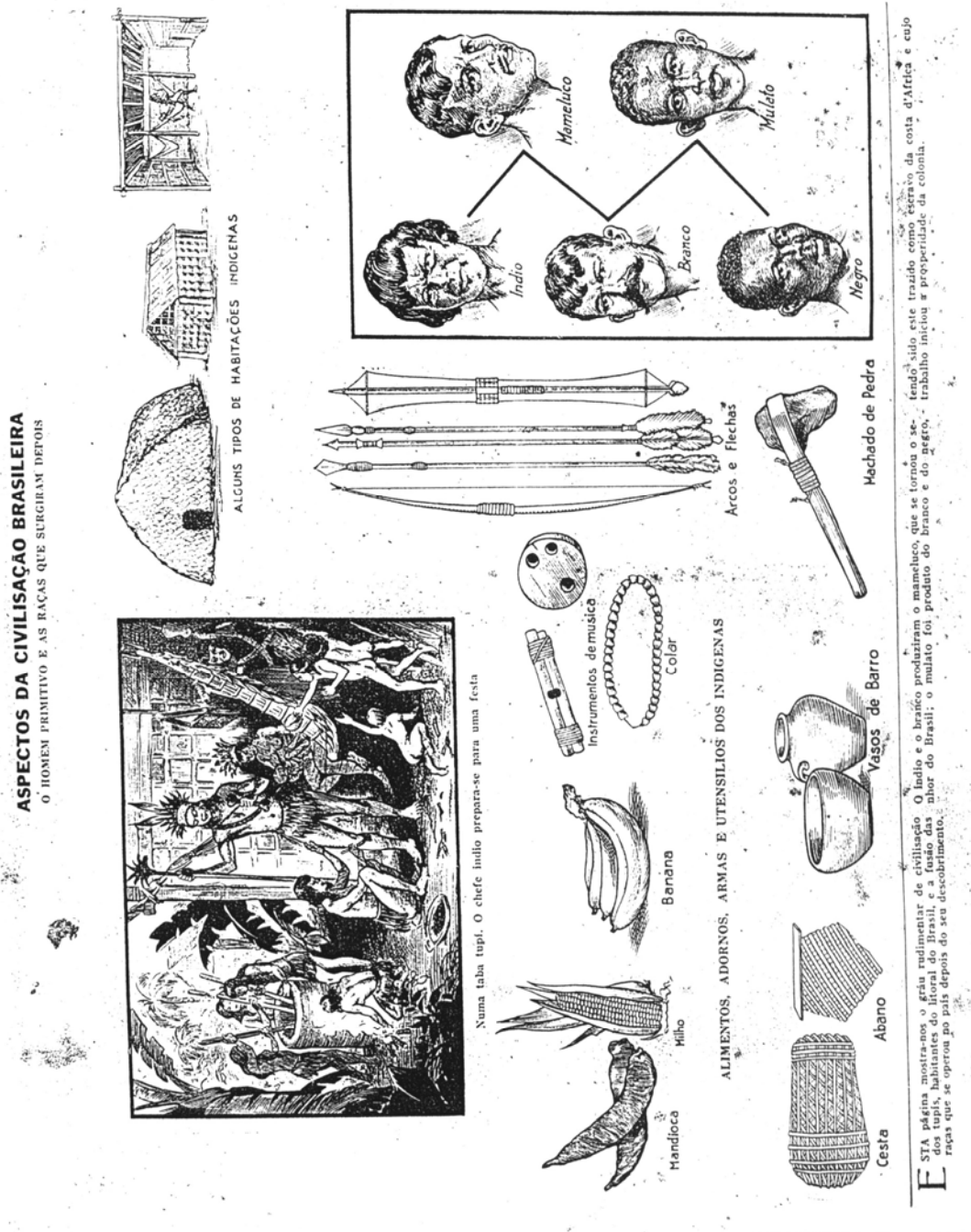


Figura 59 - “Aspectos da Civilização Brasileira”



GUERRA DE CANUDOS – 1897 — UM ATAQUE DE “JAGUNÇOS”

“Nisto repontam, cautos, emergindo à orela do matalgal rasteiro e traçado, de arbúsculos em esgalhos, na clareira, no alto, onde estaciona a artilharia, doze rostos inquietos, olhares felinos, rápidos, percorrendo todos os pontos”...

“Como um animal fantástico, prestes a um bote repentino, o canhão Withworth, a “matadeira”, empina-se no reparo sólido. Volta para “Belo Monte” a boca truculenta e rugidora que tantas granadas revessou já sobre as igrejas sacrossantas”...

“Arrojam-se sobre o monstro. Assaltam-no; aferram-no; jugulam-no. Um traz uma alavanca rígida. Ergue-a num gesto ameaçador e rápido...”

EUCLIDES DA CUNHA (“Os Sertões”)

MEIO semi-bárbaro e quase isolado do progresso litorâneo, o sertão tem sido teatro de frequentes surtos de fanatismo religioso, nascido da beatice fácil de suas populações e perturbador da vida civil do país. Fruto deste estado social do sertão foi o cearense Antonio Vicente Mendes Maciel, conhecido depois, como “Antonio Conselheiro”, que surgiu em Sergipe, em 1864, sob o aspecto de monge a percorrer as povoações. Longas barbas, túnica de algodão, sandálias, bordão e vivendo de esmolas.

Tal figura de apóstolo, já então aureolado pelas propaladas lendas e milagres, impressionou a alma crédula do sertanejo, e acabou por agrupar em torno de si os mais ardentes setários, que passaram a acompanhá-lo

em suas peregrinações, defendendo-o e obedecendo-o cegamente.

Ao fazer-se a República, achava-se Antonio Conselheiro, de longa data, nos sertões da Baía, já então apontado como criminoso e perseguido como fanático. A’ sua primeira manifestação de rebeldia contra o novo regime, levanta-se nas cidades uma onda de indignação, por se atribuir ao monge desígnios restauradores, a que estariam ligados elementos monarquistas. Começa aí a repressão do Governo Federal, que passou à história como a “Guerra de Canudos”.

Estabelecido, por fim, no arraial de Canudos, no Estado da Baía, dominava o monge uma já considerável população de crentes, a que se aliaram os mais perigosos facinorosos da região. Sem nenhum respeito à ordem civil, viviam numa promiscuidade alarmante, tolerada pelo “Conselheiro”, a quem só prestavam obediência. Não restava, pois, ao Governo senão intervir militarmente.

O que, porém, os chefes militares não calcularam foi a resistência incrível dos fanáticos, completos conhecedores da terra, afeitos às asperezas do sertão e extraordinariamente aptos ao gênero de guerra que puderam sustentar com as forças do Exército, numerosas, bem armadas e municiadas.

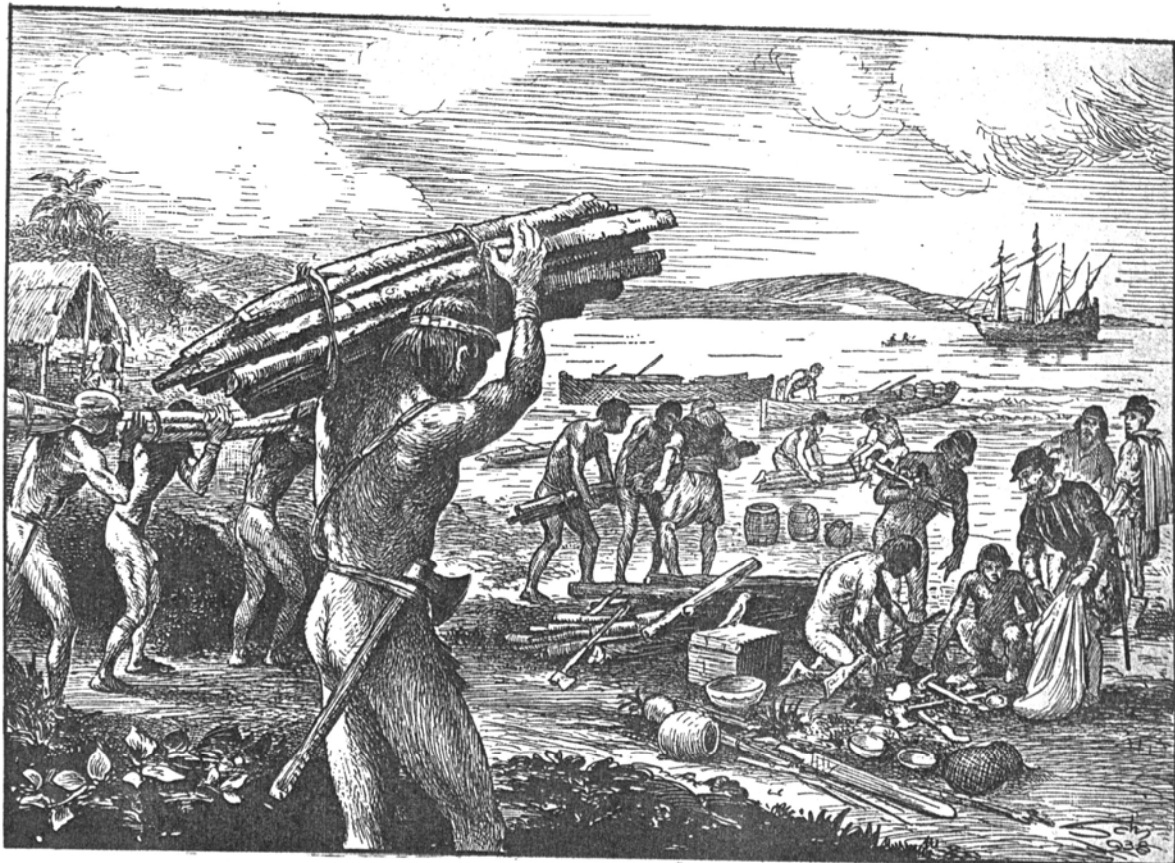
Nesta luta tremenda, que durou quase um ano, empenharam-se para mais de dez mil homens das forças legais, custando o sacrifício de um imenso número de vidas.

“Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo”, diz Euclides da Cunha.

Figura 60 - “Guerra de Canudos -1897 - Ataque de Jagunços”



Figura 61 - Foto de Manoel Bomfim em 1905.



OS FRANCESES NO BRASIL — COMÉRCIO COM O INDÍGENA

“...Descoberto o Brasil, e abandonado pelos seus descobridores, logo o procuraram os Franceses. Acomodaram-se com o gentio, e começaram a explorar o comércio do pau-brasil e outros artigos de escambo. Praticamente, antecederam a estes, e, até o meio do século XVI, foram mais senhores, e mais usufruíram a terra que os Portugueses, principalmente porque não tiveram que lutar contra o gentio, antes se amparavam nele”.

M. BOMFIM (O Brasil na América)

DESDE o começo do século XVI vinham os franceses explorando a costa do Brasil e com os naturais estabeleceram logo boas relações. Era objeto principal destas visitas o comércio de pau-brasil e outros produtos da terra.

A árvore do pau-brasil, diz Galanti, davam os indígenas o nome de *arabutan*, e à madeira, que produzia uma excelente cor vermelha, muito útil na Europa, chamavam *ibira-pitanga*.

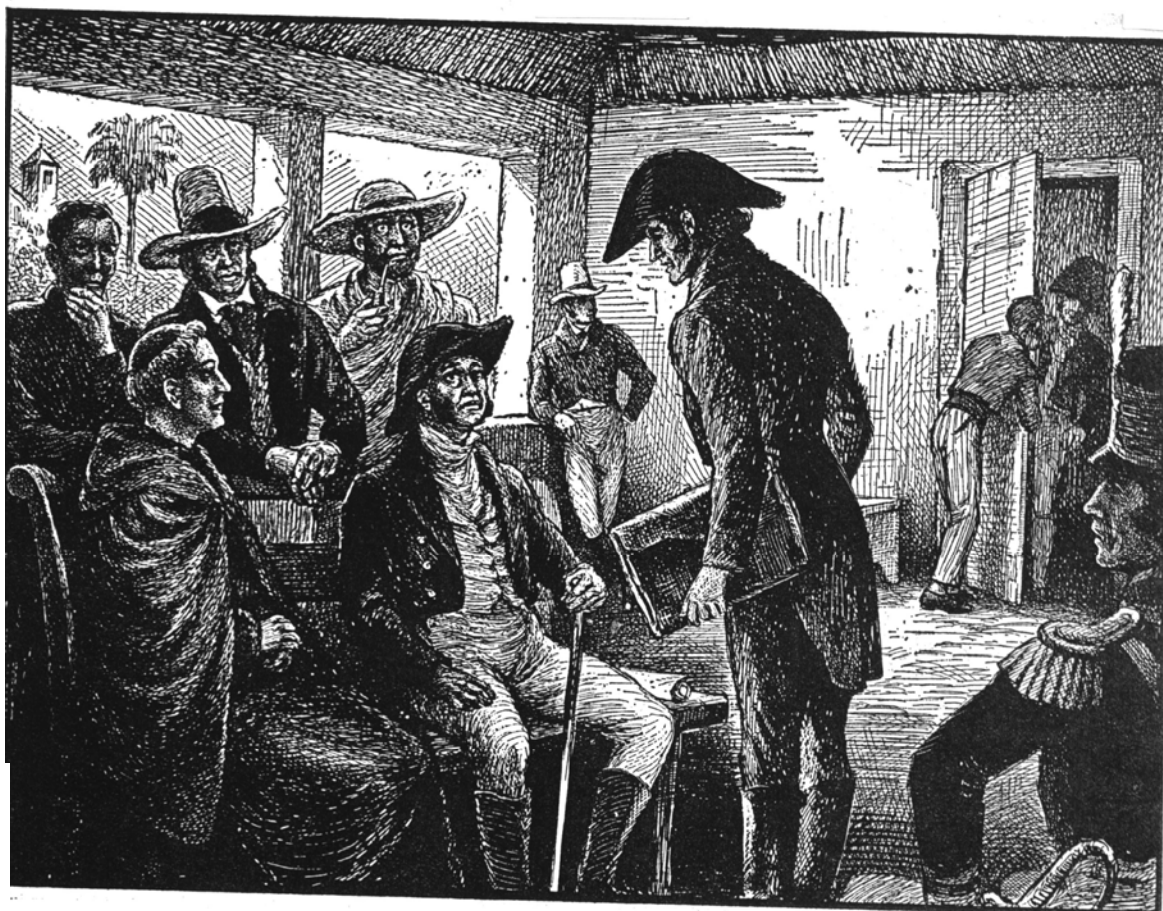
Só com a ajuda dos índios podiam os brancos carregar de pau-brasil os seus navios. E, mediante troca de presentes que os europeus lhes davam, cortavam e preparavam a madeira com os instrumentos fornecidos pelos brancos, trazendo-a de longas distâncias até às praias onde era embarcada.

Deste frequente contacto com a terra e com os índios, nasceu naturalmente o desejo de aqui fundarem os franceses uma sólida colônia, a “França Antártica”, que, além das vantagens comerciais, serviria de refúgio aos compatriotas protestantes perseguidos na pátria.

Pertinazes, fortes e auxiliados ainda pelo gentio inimigo dos portugueses, os franceses muito deram que fazer aos colonos lusos, em tentativas de invasão e domínio que duraram quase um século.

Tais lutas, sustentadas no sul, em meados do século XVI, no Rio de Janeiro e Cabo Frio, só terminaram no século seguinte, quando no Norte, no Maranhão, os franceses foram definitivamente batidos.

Figura 62 - “Os Franceses no Brasil – Comércio com o Índigena”



REVOLUCIONARIOS DO NORTE

"O Brasil, não só antecedeu qualquer das repúblicas espanholas em movimentos de independência, como, mais do que ali, aspirou sempre um governo republicano-democrático".

M. BOMFIM (O Brasil na História)

"...Em Pernambuco, porém, no século que expirou, a liberdade partiu do seio das sociedades secretas, dos lábios dos adeptos da Maçonaria para os ouvidos da multidão."

MÁRIO MELO (A Maçonaria e a Revolução Republicana de 1817).

AS modificações econômicas e políticas trazidas à vida brasileira pela vinda de D. João VI e pela Independência proclamada por seu filho, não alteraram o espírito combativo dos nacionalistas do Norte, que pugnavam por uma emancipação completa. Prosseguiram as mesmas rivalidades do tempo da guerra dos Mascates, entre brasileiros e portugueses.

Mais perto da Europa, Pernambuco comerciava largamente com o velho mundo e dele re-

cebia mais livremente a influência do liberalismo de que a França era o foco.

As revoluções de 1817 e 1824 mostram como sempre foi vivo o ardor combativo dos homens de Pernambuco, que o concurso da Maçonaria condensou e dirigiu, e as suas páginas gloriosas mostram ainda a participação saliente e já característica das lutas liberais no Brasil, de padres católicos, muitos, aliás, pertencentes a lojas maçônicas.

Figura 63 - "Revolucionários do Norte"



O BRANCO E A PRETA

“Os casamentos entre brancos e mestiças repetiam-se sem estranheza, mesmo na classe elevada; nas outras, passavam despercebidos por sua frequência. Havia de resto, inúmeras uniões livres ou mancebias, entre brancos de alta condição e mulatas”.

PIRES DE ALMEIDA (Brasil-Album)

OS BRANCOS do avançado período colonial encontraram mais facilidades sexuais com a preta do que os primeiros europeus com a índia. Não havia mais o freio moral dos primeiros jesuitas. O tráfico africano afluía abundante para o Brasil e os senhores, tendo ao alcance de seus desejos quantas escravas lhe permitiam as posses, entraram a misturar-se com elas, daí resultando imensa prole de mestiços.

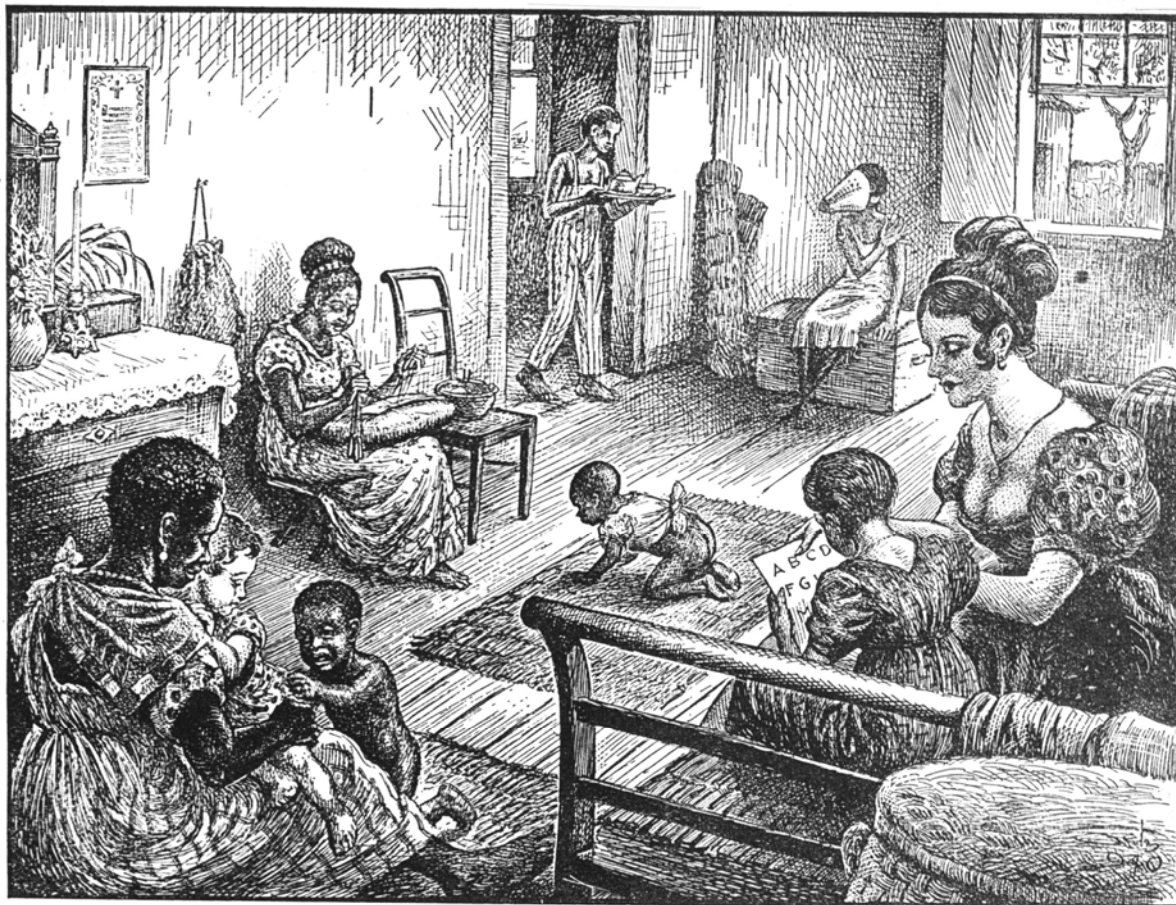
“O grande problema da colonização portuguesa do Brasil — o de gente” — diz Gilberto Freyre, “fez que entre nós se atenuassem escru-

pulos contra irregularidades de moral ou conduta sexual”.

Nas fazendas ou nas cidades, os senhores possuíam numerosas concubinas que, em muitos casos, foram vítimas do ciúme das legítimas esposas, padecendo as mais incríveis crueldades.

Por outro lado, poucas não foram as mulheres de cor que chegaram a adquirir uma vida doméstica estavel, tornando-se até figuras prestigiosas, graças à fortuna dos homens com quem viviam ou mesmo se casavam, e dos quais herdavam largos cabedais.

Figura 64 - “O Branco e a Preta”



INTERIOR DOMÉSTICO

Aí! Pobre Lúcia... como tu sabias,
Festiva encher de afagos a família,
Que te queria tanto e te amava
Como se fosses filha e não cativa!

CASTRO ALVES ("Lúcia")

SEM querer disfarçar a nódoa da escravidão, é geral o conceito de que a maioria dos senhores, entre nós, tratou os seus escravos com humanidade. Aliás, os numerosos escritos de estrangeiros que visitaram o Brasil escravista, estão aí para afirmá-lo.

Por hereditariedade ou sentimento de povo jovem sempre fomos pouco afeitos aos preconceitos raciais; e a natural bondade do brasileiro justifica o trato humano e cristão que sempre se dispensou ao preto escravo, razão por que, mesmo depois da Abolição, não se desfizeram o afeto e o apêgo de muitos desses humildes servidores aos seus ex-senhores.

No interior doméstico, o preto misturava-se

ao branco. A mãe-preta alimentava o sinhôzinho desde que este nascia. Os meninos brancos tinham nos pretinhos os seus companheiros de brinquedos. Os senhores tinham os seus escravos de estimação, a quem chegavam a educar, como se fossem da família. Os ioiôs e as iaiás possuíam os seus moleques e mucamas dedicados, dispensando-lhes carinhos particulares.

E se falarmos nos numerosos e ótimos artífices pretos, e até professores, que ensinavam aos brancos, veremos que os escravos tinham no Brasil, uma situação melhor que a dos seus irmãos da América do Norte, onde severas leis os impediam até de aprenderem a ler e puniam os brancos que os ensinassem.

Figura 65 - "Interior Doméstico"



AS LINHAS DE TIRO — 1917

COM a primeira guerra européia, que também envolvera o Brasil, apressam-se e intensificam as modificações de nossas forças armadas. À propaganda patriótica, de que Olavo Bilac foi o órgão ilustre e o poeta nacional, acode a mocidade em idade militar, aumentando consideravelmente o voluntariado. O movimento cívico produz os melhores frutos.

Pondo-se à frente da campanha pelo levantamento patriótico dos moços, clama o grande poeta:

“Nesta campanha dou tudo e nada peço. Nenhum interesse próprio inflama o meu trabalho. O que ambiciono é que os filhos da nossa terra sejam homens dignos da Humanidade e brasilei-

ros dignos do Brasil. Se o Brasil é uma força, tem de se organizar essa força, essencialmente cívica para que se conheça bem e a própria nação tenha consciência do seu poder. A nossa defesa, a glória da nossa bandeira, é a forma mais espontânea, mais forte e imediata, para a revivescência de impulsos patrióticos reclamando, à solução do “caso brasileiro”, seguros caminhos de incorporação das massas, seleção sociológica, instrução e educação moral, combatido o analfabetismo ainda pela escola da caserna — para consciência de estarmos a colaborar numa obra nacional humana.”

(Palavras de Bilac, citadas por Fernando Luiz Osório (Filho) — O Espírito das Armas Brasileiras).

Figura 66 - “Linhas de Tiro – 1917”



O ENTRUDO PRECURSOR DO CARNAVAL

"Teve o Carnaval carioca por longevô ascendente o Entrudo, aquoso e brutal, apreciado pelo ser humano congênitamente bruto se o não enverniza a educação. Anos e anos desenvernizou-nos o Entrudo.

O Carnaval de 1854 logrou ampla aceitação no Rio de Janeiro, assaz fatigado da hidroterapia do Entrudo".

ESCRAGNOLLE DÓRIA ("A Noite Ilustrada" de 30-1.940)

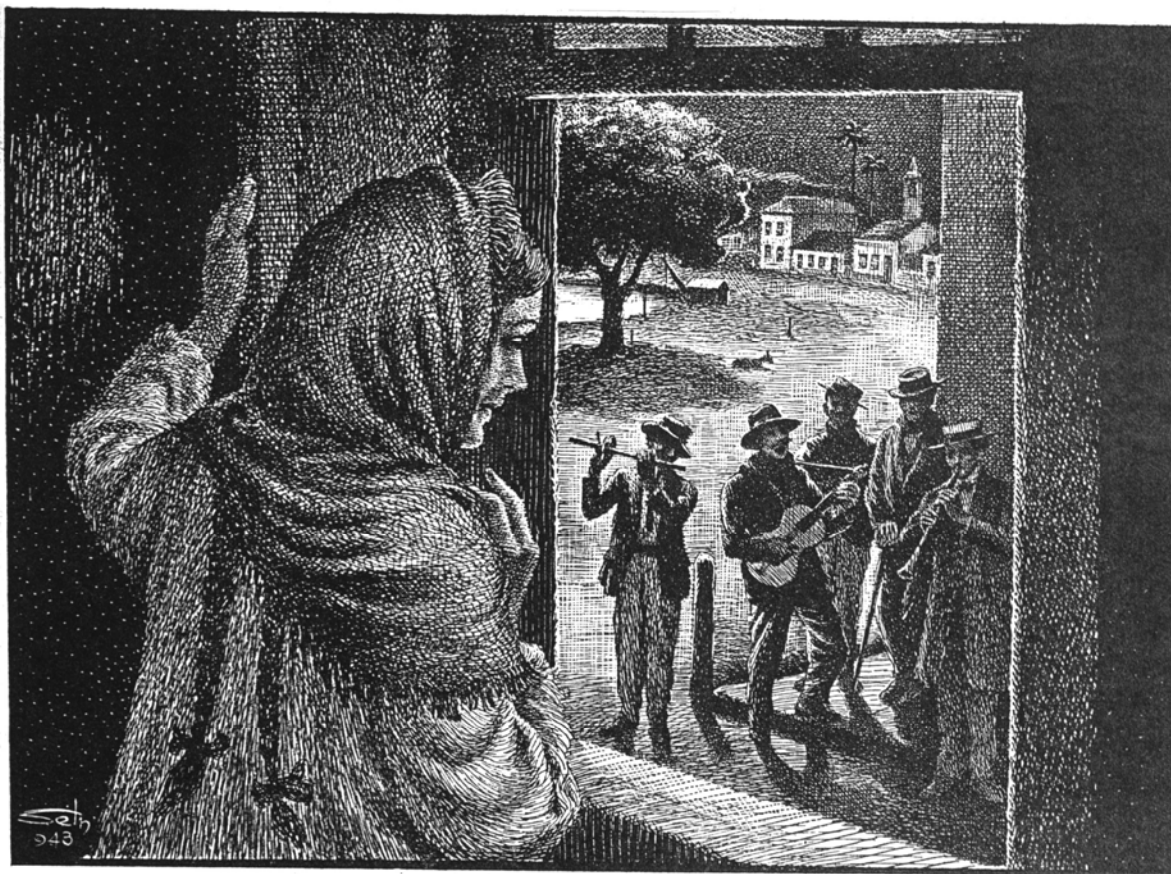
O CARNAVAL carioca suplantou, nos últimos tempos, todas as festas populares que se faziam no Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil, pela forma delirante com que o povo carioca se entrega à alegria desses dias.

Embora as crônicas da cidade nos revelem a exibição de préstitos alegóricos, que hoje diríamos *carnavalescos*, no Rio de Janeiro colonial, o Carnaval dos tempos anteriores ao segundo reina-

do não passava do brutal *entrudo*, que, apesar dos protestos, ainda alcançou, embora atenuado, o começo deste século.

Eram as *armas* principais de tais folguedos os esguichos, as vasilhas e os famosos *limões* de câra cheios d'água, que se atiravam sobre os transeuntes, o polvilho com que se mascarava a cara das negras desprevenidas ou o pó de sapato para os incautos de pele mais clara.

Figura 67 - "O Entrudo Precursor do Carnaval"



A SERENATA

"Acorda, Eulina formosa,
Chega depressa à janela,
Que a lua está magestosa
E a noite é serena e bela"

Modinha de Eduardo das Neves

COSTUME bem expressivo da sensibilidade brasileira é a serenata — a irmã gêmea das noites de luar.

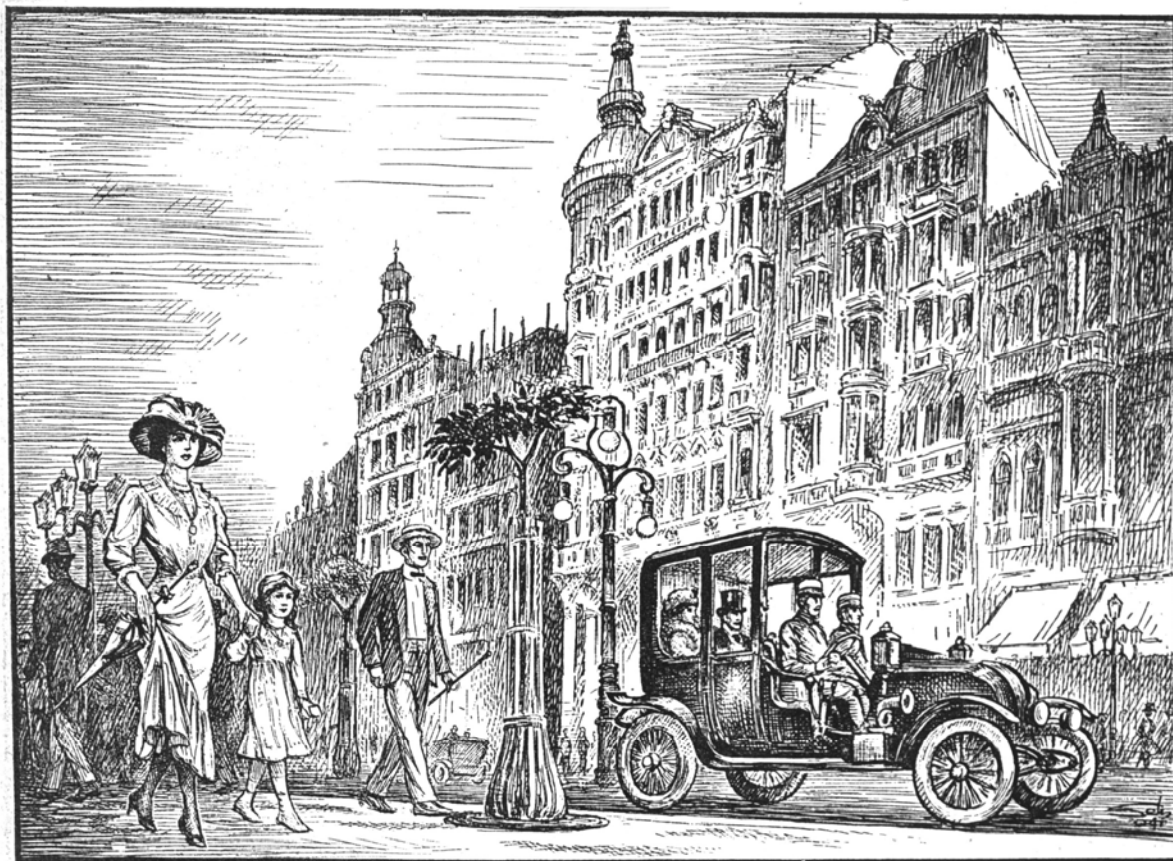
A jovem das grandes cidades modernas iluminadas pela profusão cômoda da luz elétrica, que a altas horas costuma acordar com a buzina do automovel, já não mais desperta ao som da voz de um trovador enamorado, cantando por exemplo:

*Acorda, minha querida,
Acorda, foge do leito...*

Em todo o caso, nas pequenas cidades do interior, onde a lua é sempre mais visível e onde ainda não existem fábricas de gravação e estações de rádio para aproveitar industrial e comercialmente os valores vocais, — uma vez por outra, ainda se ouve o espontâneo *gemit* do cantor amante da mulher, da lua ou da música.

Nessas ocasiões, teem então os românticos e os saudosistas a oportunidade de renovar os velhos tempos em que era comum os *seresteiros* cantarem poesias de grandes vates nacionais postas em música de modinha tipicamente brasileira.

Figura 68 - "A Serenata"



A AVENIDA CENTRAL — 1910

Por uma ação combinada dos governos federal e municipal, a velha cidade, que ainda em 1902 conservava o seu feitiço colonial, foi transformada em uma linda metrópole moderna: e a extensão e a rapidez das reformas ainda hoje causam espanto e admiração aos forasteiros que, tendo visitado o Rio antes do seu rejuvenescimento, agora o visitam com curiosidade e encanto."

OLAVO BILAC ("Notícia" publicada pela P.D.F. — 1908)

A FISIONOMIA feia da cidade do Rio de Janeiro, conservando ainda em começos do século XX o tipo colonial, foi um dos mais importantes problemas do governo de Rodrigues Alves.

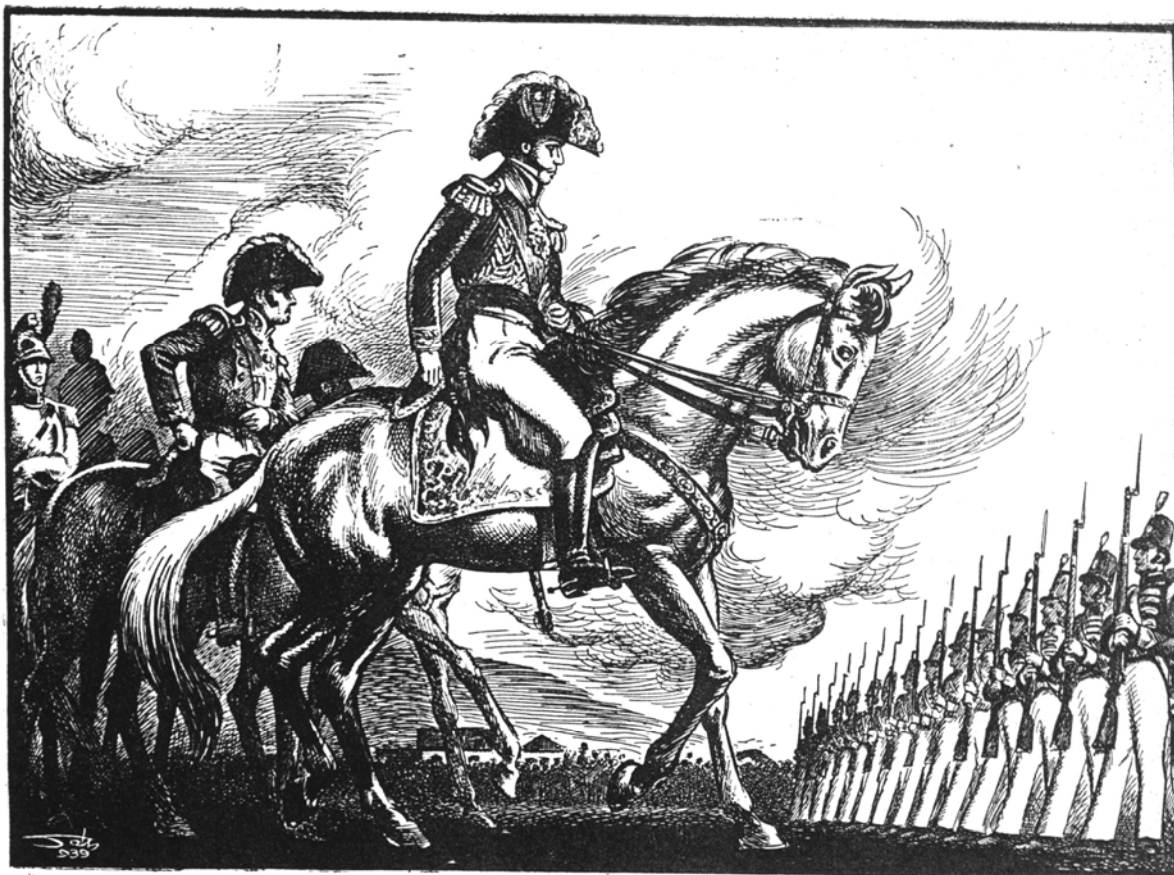
Vencendo, entretanto, as dificuldades da tarefa, iniciou esse governo a obra que o progresso exigia e que iria deixar um traço inapagável nos fastos da administração pública. Lauro Müller, Pereira Passos, Oswaldo Cruz, Paulo de Frontin, são os nomes desse momento que o povo brasileiro, sobretudo o carioca, não pode esquecer.

Remodelando, embelezando, melhorando as vias de comunicação, a energia inflexível de Pereira Passos transformou numa cidade moderna a capital da República, e sua ação é tanto mais admirável, se considerarmos os obstáculos de or-

dem financeira e política que teve de vencer. Bem assim Oswaldo Cruz, o cientista ilustre que, apesar da hostilidade que a sua ação revolucionária encontrou, conseguiu melhorar o estado sanitário da cidade, vítima indefesa da febre amarela, da varíola e da peste bubônica.

Das demolidas construções coloniais surgiram as primeiras avenidas que vieram realçar a magnificência natural da cidade do Rio. As novas e melhoradas vias urbanas de comunicação, coincidiram com o desenvolvimento do tráfego regular de automóveis, cujos raros e incipientes modelos já haviam aparecido, entretanto, antes do começo do presente século. Só em 1903, porém, licenciou a Prefeitura os seis primeiros automóveis particulares da cidade, conforme nos informa Noronha Santos.

Figura 69 - "A Avenida Central - 1910"



O IMPERADOR D. PEDRO I DIANTE DA TROPA

"Raramente pai e filho apresentam caracteres tão opostos quanto D. João VI e D. Pedro I. Sem exagero de expressão, pôde-se dizer, que um é antítese do outro"...

"D. João era baixo, gordo, obeso. D. Pedro era alto, magro, ágil. D. João VI levava uma vida pacata, excessivamente calma... D. Pedro era um doidivanas, um insólito... D. João era rei de se deixar ficar em casa, ouvindo pachorrentemente os seus ministros... D. Pedro era rei de montar a cavalo e ir, em pessoa, efetuar as diligências mais arriscadas..."

HEITOR MONIZ (Aspectos da História Brasileira).

A INDEPENDÊNCIA política do Brasil, proclamada finalmente às margens do Ipiranga, pelo príncipe D. Pedro, realizou a antiga e justa aspiração da nacionalidade. Moço e impetuoso, o primeiro imperador era o contraste de seu pai, pesado e bonachão, desconfiado e medroso, amadurecendo e resolvendo os problemas de Estado na tranquilidade do seu gabinete. D. Pedro, ao contrário, agia logo, com desembaraço e coragem, embora joguete dos seus naturais impulsos.

Pelo que vinha de realizar, pelo prestígio de sua mocidade ardente e audaciosa, D. Pedro I foi ídolo do povo. Após a Independência, fez tudo o que esteve a seu alcance para enfrentar a situação. Tratou de consolidar o Império com os elementos de que dispunha. Combateu e submeteu os reacionários em todo o país, com as forças de que podia lançar mão e através das maiores dificuldades financeiras que a situação econômica do Brasil lhe apresentava.

Figura 70 - "O Imperador D. Pedro I diante da Tropa"



O SOLDADO BRASILEIRO DO IMPÉRIO — 1865-1870

“...Naturalmente, não somos um povo eminentemente guerreiro, mas somos um povo que se formou na constância das lutas e dos sacrifícios, de maneira que o fator militar foi um dos maiores na sua formação. A espada, primeiro, e a cruz, depois, marcam os alicerces da nossa vida. O bandeirante e o jesuíta moldaram um o nosso corpo, o outro a nossa alma. E quem puser de parte, na avaliação do que seja o Brasil, a nossa história militar e o nosso sentimento religioso, os dois valores positivos mais fortes e contínuos de nossa formação, não conhece a vida brasileira ou procede com evidente má fé”.

GUSTAVO BARROSO (História Militar do Brasil)

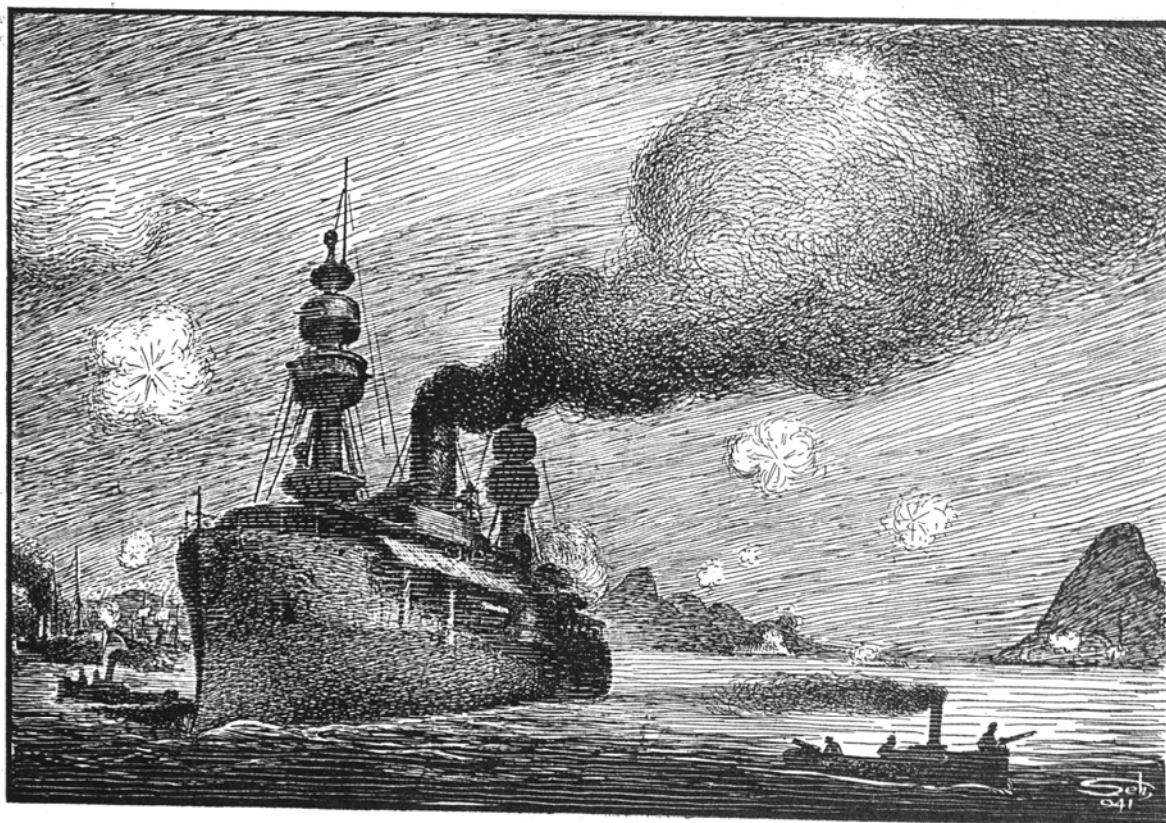
A TÉ agora, em nossa existência de povo livre, temos sabido manter com dignidade o nosso natural pacifismo, e cultivar a liberdade e o respeito entre as nações. Índole, costumes, instituições, — tudo nos afasta do espírito guerreiro de outros povos. Esse amor à paz, com que vimos construindo a nossa civilização, não significa, entretanto, inaptidão militar nem renúncia à luta e ao sacrifício nos momentos oportunos.

Os registros de nossa história estão aí para

provar o nosso antigo espírito de defesa e feitos militares na América, cheios sempre de coragem, audácia e sacrifício.

Durante as guerras do Império, resíduos de antigas e deploráveis discórdias, no ímpeto das avançadas, no ardor culminante das batalhas, na resistência pertinaz ao inimigo, — o soldado brasileiro, desde o caboclo do Norte ao gaúcho dos pampas, mostrou sempre o valor, a bravura e o estoicismo que constituem o seu fundo moral.

Figura 71 - “O Soldado Brasileiro do Império”



A REVOLTA DA ARMADA — 1893

“De posse de todos os vasos de guerra, de vários navios mercantes e até das pequenas embarcações, que então abundavam em nosso porto, eram os revoltosos senhores absolutos da situação no mar.”

SYLVIO PEIXOTO (No Tempo de Floriano)

FEITA a República da noite para o dia, não tardaram a surgir as divergências que, como sempre, seguem às grandes comições e às modificações de regimes.

Armou-se o conflito entre o Congresso e Deodoro, sucessivamente proclamador, chefe provisório e primeiro presidente constitucional da República.

A situação agravou-se ainda mais depois do golpe de Estado que o marechal julgou acertado dar, dissolvendo o Congresso.

Surprêso pela onda de protestos que o seu gesto infeliz levantou por toda a parte, Deodoro, alma simples de soldado, coração generoso e sensível, pouco afeito às lutas políticas, e além de tudo isso, doente, preferiu passar o poder ao seu sucessor legal, marechal Floriano Peixoto, contra cujo governo viriam explodir as reações esperadas.

Floriano, em um momento crítico, viu-se em meio de uma pavorosa tempestade. Só a sua inabalável energia, — aquela forte tência que o fez ganhar o epíteto de “Marechal de Ferro” que lhe deram os seus partidários — conseguiu tirá-lo de tão difícil situação, diante das duas mais terríveis ocorrências do seu governo: a revolta da Armada, chefiada por Custódio de Melo e Saldanha da Gama, e a revolução federalista do Rio Grande do Sul.

* * *

Dispondo só das forças de terra, Floriano sustentou a luta com a esquadra revoltada em vários combates sangrentos na baía de Guanabara até 1894, quando então fogem os rebeldes para o Sul, e aí os vai ainda perseguir a esquadra legal que o marechal conseguira organizar.



DOMÍNIO

"... E quando a mulher possui a arte de seduzir, abusa dela
e exerce sobre o homem um império terrível!"

Al daquele que se lhe aproxima: fascinado, perde o uso da
razão!"

TOISTOL (Sonata de Kreutzer).

Figura 73 - "Domínio"

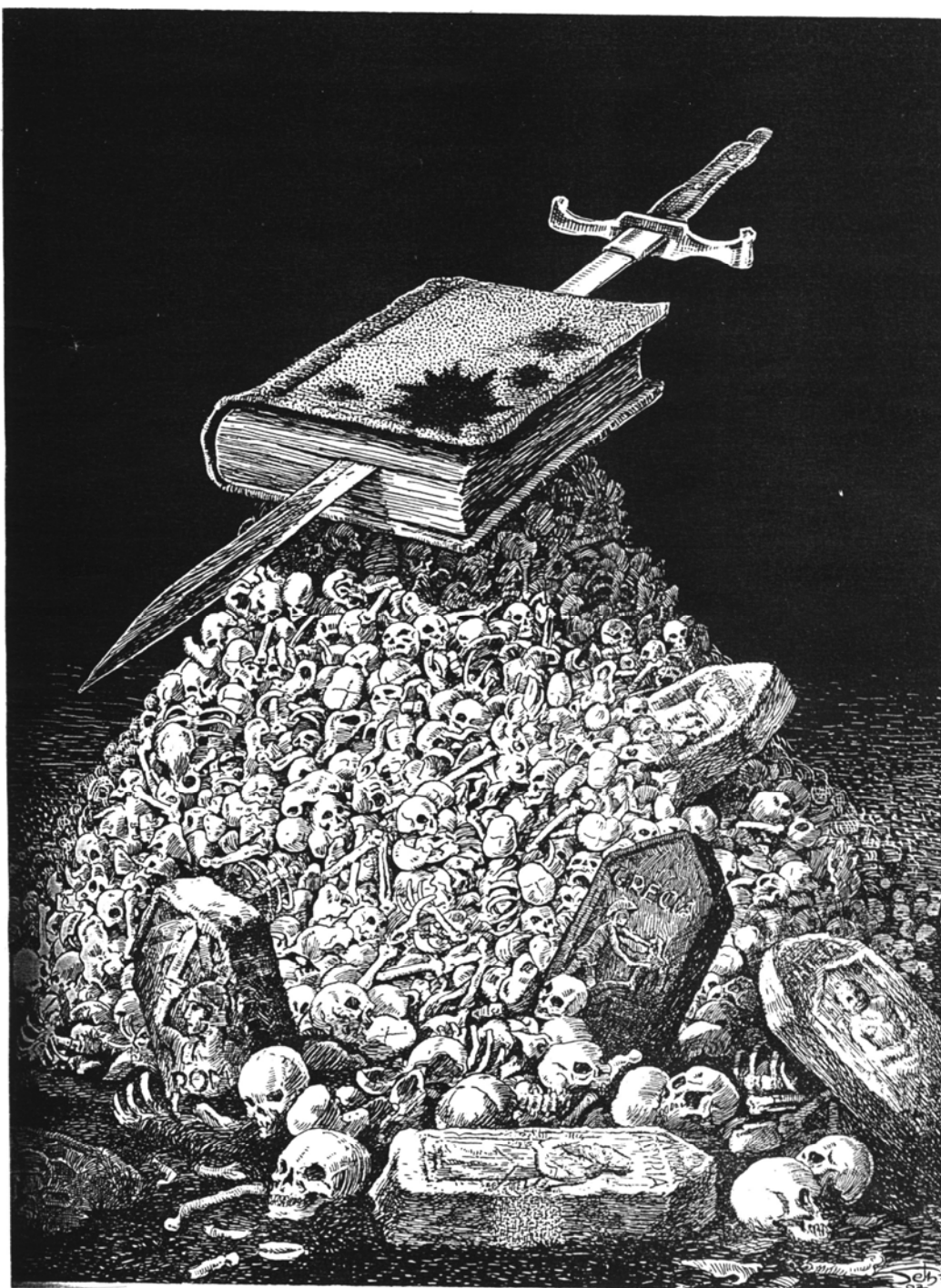


SEDUÇÃO

"Cem mil volumes não bastariam para descrever todos os artifícios com que os homens conquistam o amor de uma mulher, e a enumerar as cem mil artes de que a mulher se vale para animar débeis simpatias ou levar ao delírio grandes paixões".

P. MANTEGAZZA. (Filosofia do Amor).

Figura 74 - "Sedução"

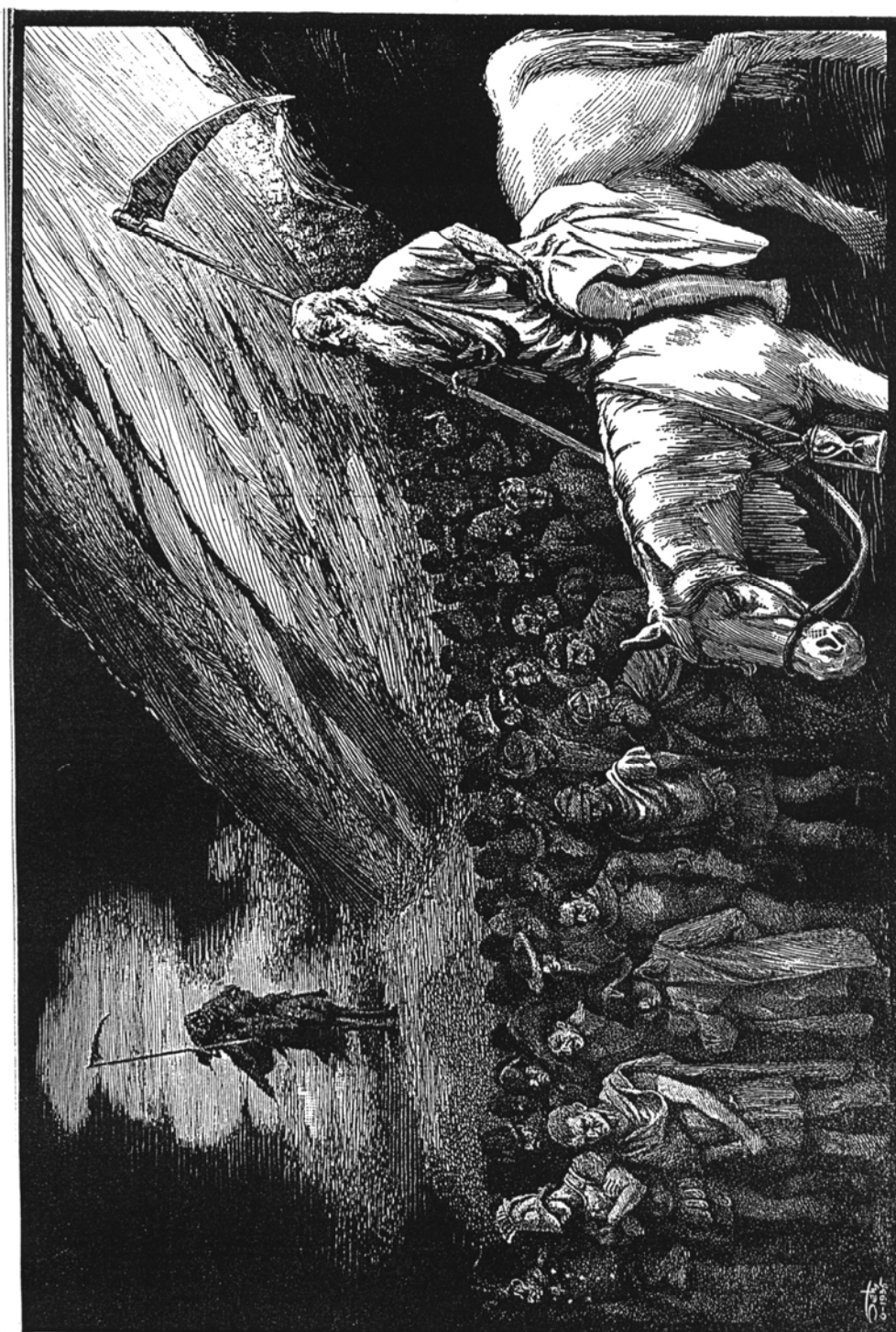


A HISTÓRIA

Não! Nem templos feitos de ossos
 Nem gladios a cavar fósseos
 São degraus do progredir..."

CASTRO ALVES.

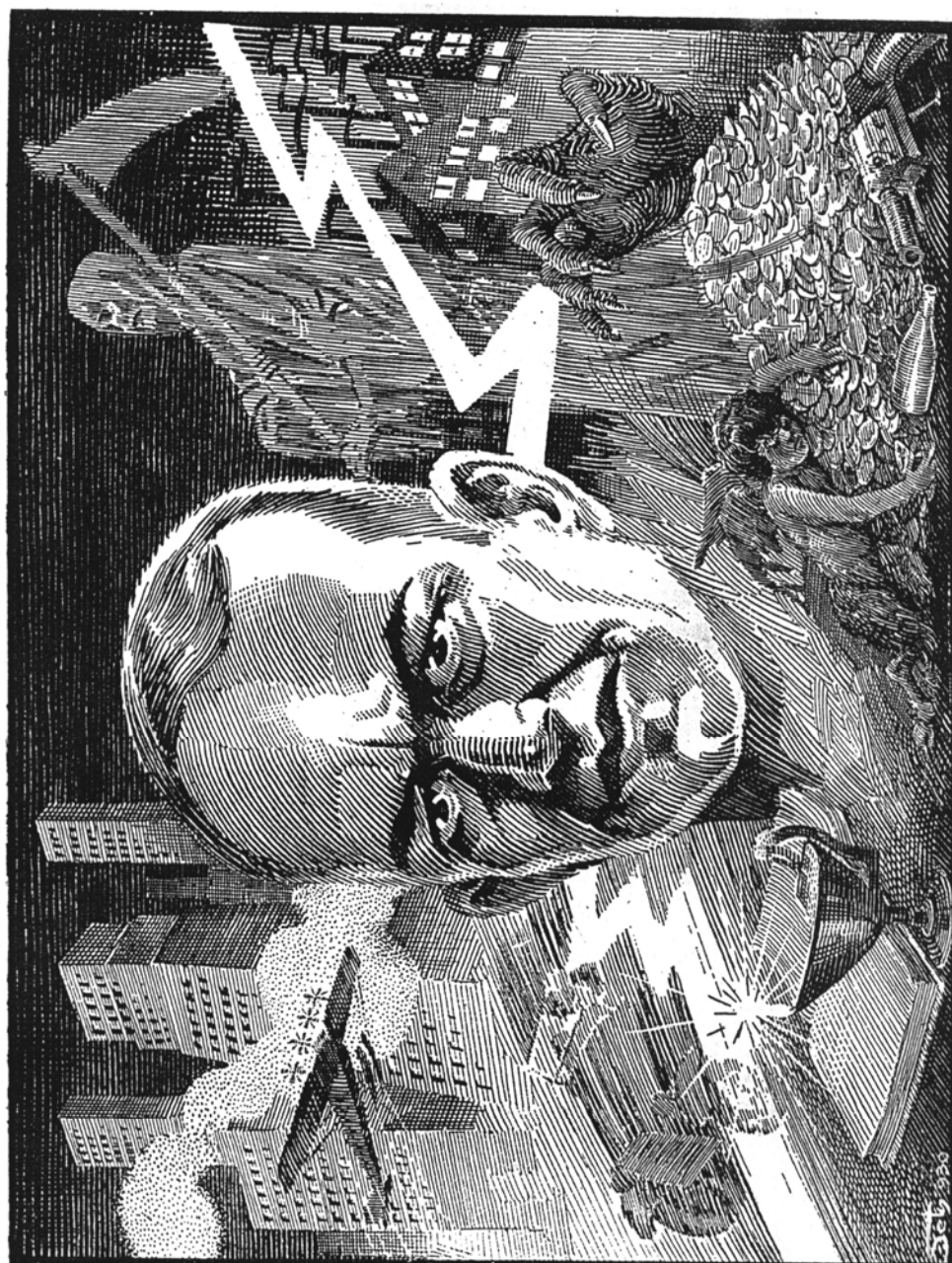
Figura 75 - "A História"



A ÚLTIMA BATALHA

Suécia, Alexandre, Anibal, César, Napoleão...
 "Eles, que tanta gente levaram ao túmulo, também aí, por
 sua vez, foram levados."
 MARCO AURELIO.

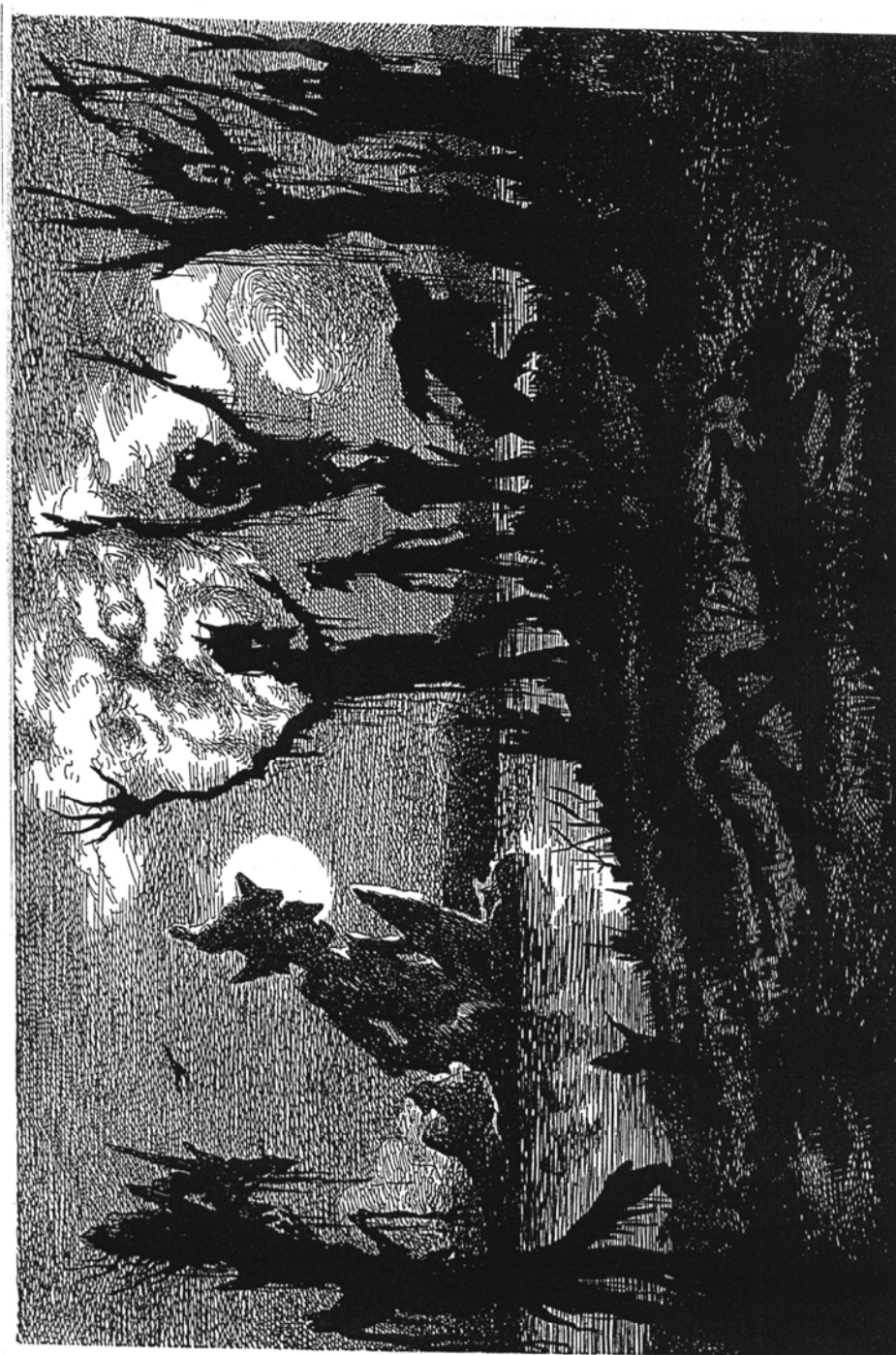
Figura 76 - "A Última Batalha"



O HOMEM DA CIDADE

Cidade, síntese de todo o progresso humano, fonte de todas as maravilhas! Sereia encantadora que seduz as almas simples do campo; Minerva fecunda que galvaniza o homem e o funde prematuramente ao calor dos turbilhões!

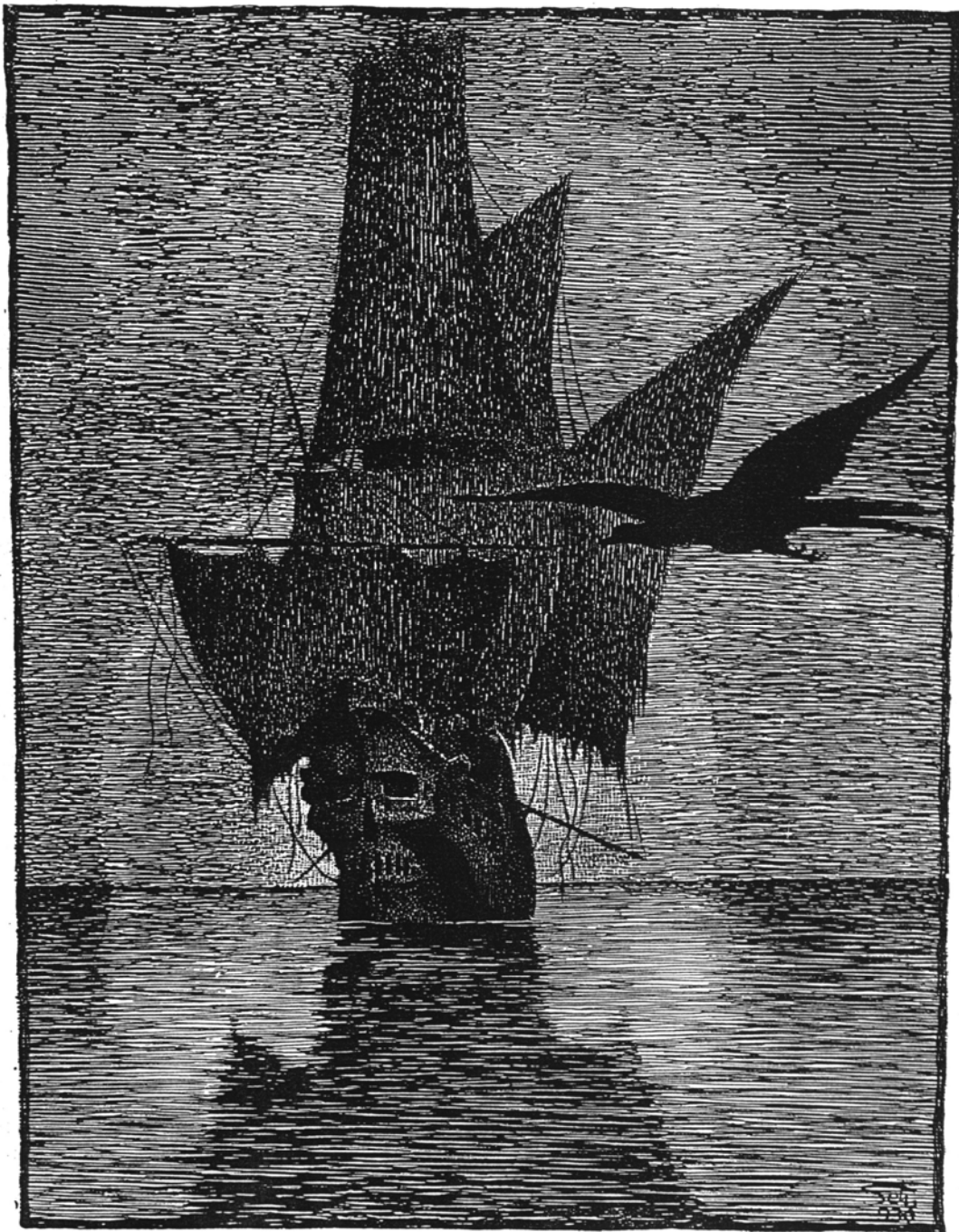
Figura 77 - "O Homem da Cidade"



REFÚGIO DE ESPÉTROS

Pela madrugada, o trem corria sobre a planície pantanosa, como se varasse um imenso cemitério povoado por esqueletos de árvores negras, a se contorcerem em dor e agonia. A delocação do comboio movimentava esse quadro, dando-lhe o aspecto de dança macabra.

Figura 78 - "Refúgios de Espectros"



NAVIO FANTASMA

"O navio e tudo mais que leva em seu bôjo é impregnado do espírito das idades antigas. Os homens de sua equipagem deslisam-se aqui e ali como sombras dos séculos sepultados."

(Manuscrito encontrado numa garrafa).

EDGARD PÔE.

Figura 79 - "Navio Fantasma"



PESADELO

Figura 80 - "Pesadelo"



O HOMEM E A NATUREZA

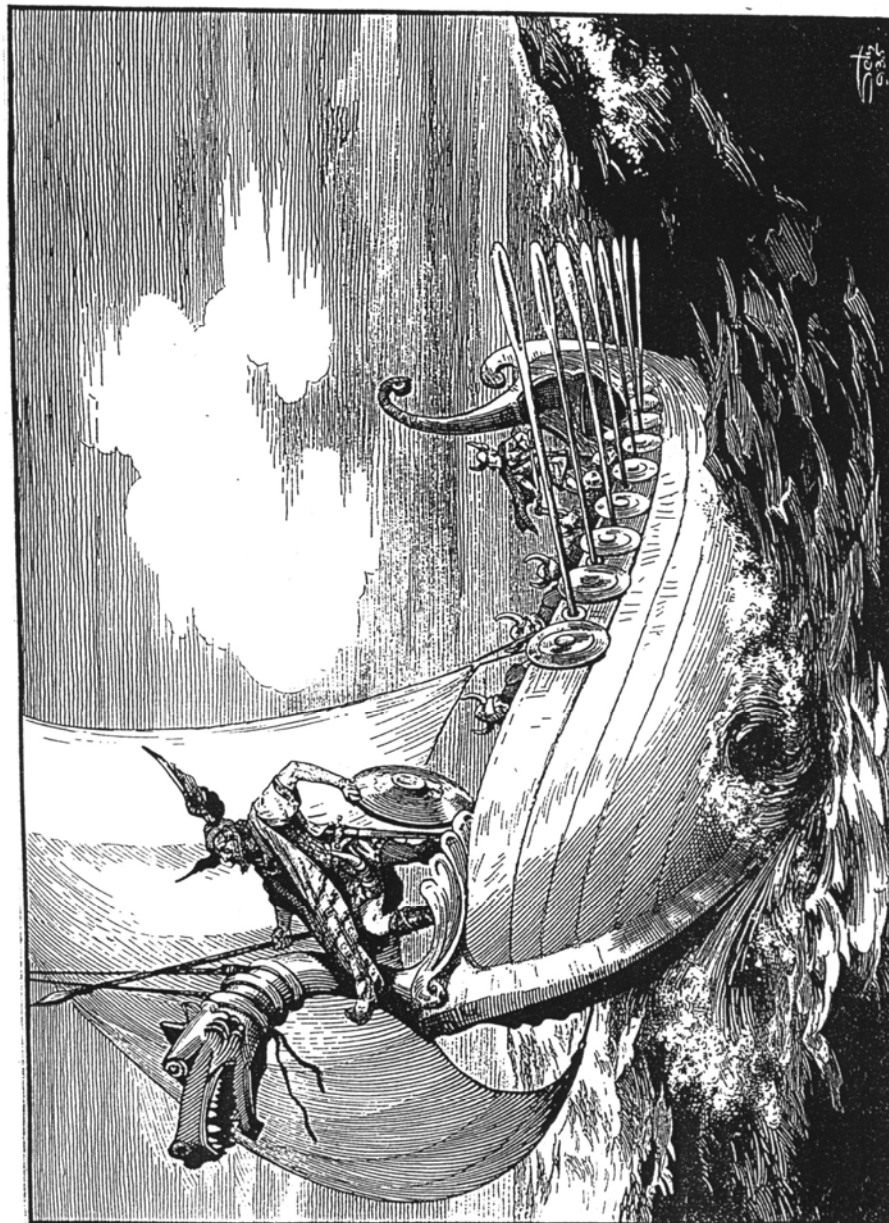
"A força é o que há de mais misterioso na Natureza."

O espetáculo do céu, dessa esfera infinita que vemos arrastada cada dia em sua majestosa rotação; as planetas que giram lentamente em torno do sol; as grandes catástrofes naturais, eis aí os grandiosos fenômenos que dão naturalmente ao nosso espírito a mais elevada concepção da força.

(Os Problemas da Natureza).

A. LAUGEL.

Figura 81 - "O Homem e a Natureza"



O HOMEM E O MAR

"O mar, o teu rugido é um eco incerto
Da criadora voz de que surgiste" GONÇALVES DIAS.
"O triste mar! S'apulece où tout semble vivre!"
VICTOR HUGO.

Figura 82 - "O Homem e o Mar"



O DIREITO DA FÔRÇA OU A FÔRÇA DO DIREITO ?

"La Justice est sujette à des disputes;
la force est très reconnaissable, e sans dispute."

PASCAL.

Figura 83 - "O Direito da Força ou a Força do Direito ?"



O DINHEIRO

A' borda do precipício, a cintilante moeda desafia a audácia do mais forte. Na luta tragi-grotesca, onde os fracos sucumbem, toldam-se as consciências mas os nervos vibram e os músculos se retesam ao imperioso objetivo.

Ai! porém, do vitorioso que confie demasiado na sua perícia! A atração do ouro traz também a atração do abismo!

Figura 84 - "O Dinheiro"

A VOZ DO TRABALHADOR

ORGÃO DA CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA BRASILEIRA

ANO VI

RIO DE JANEIRO — BRAZIL — 1 DE MAIO DE 1913

N. 30

PRIMEIRO DE MAIO



*Dia grande e cruel à memória operária,
Hinos brancos de Paz, hinos rubros de Guerra,
A Bandeira do Amor que se fez incendiária...*

*Data fatal que em si ao mesmo tempo encerra
A promessa do Bem ao coração do Pária
E juramentos de Ódio aos senhores da Terra!*

*Olhar perdido além, num horizonte vago,
Num sonho em que se vê o Mundo Comunista,
Ou se lembram talvez os mortos de Chicago!*

*Grande marco miliário à suprema conquista
Do Pa.: Ideal onde se esplama o Lago
Verde-azul da Concordia a consolar a vista...*

*Calendimiao! o Sol que te ilumina seja
O último a iluminar as grades da Prisão,
Os muros do Quartel e as fachadas da Igreja;*

*E amanhã, ao brotar do grande Astro o clardo,
Que aos seus raios triunfa o Homem por fim se veja
Sobre a Terra, a cantar, liberto do patrão!...*

MAX DOS VASCONCELOS

Figura 85 - "A Voz do Trabalhador - Orgão da Confederação Operária Brasileira"

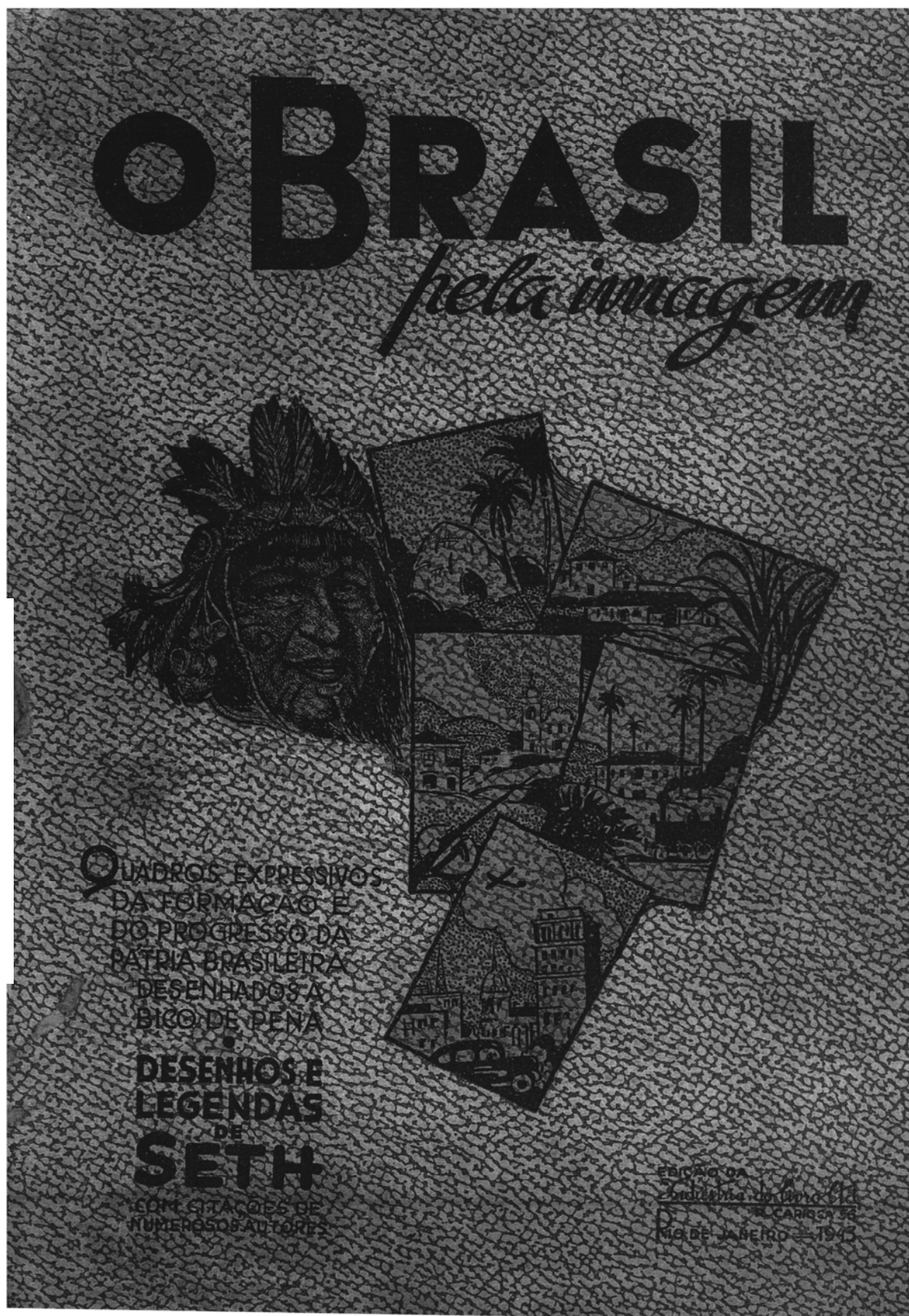


Figura 86 - Capa da obra "O Brasil pela Imagem"

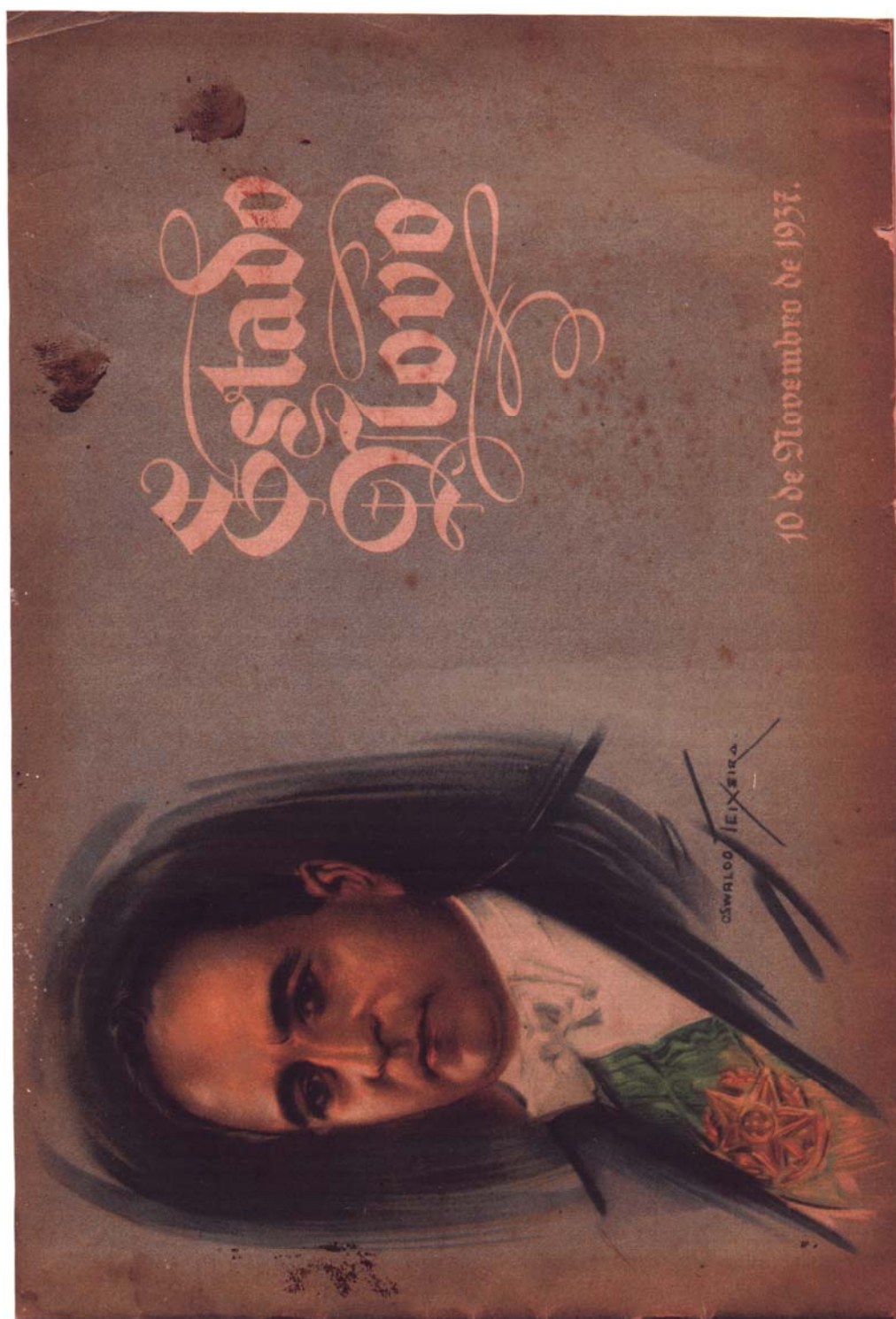


Figura 87 - Cartilha “Estado Novo – Catecismo Cívico do Brasil Novo”,

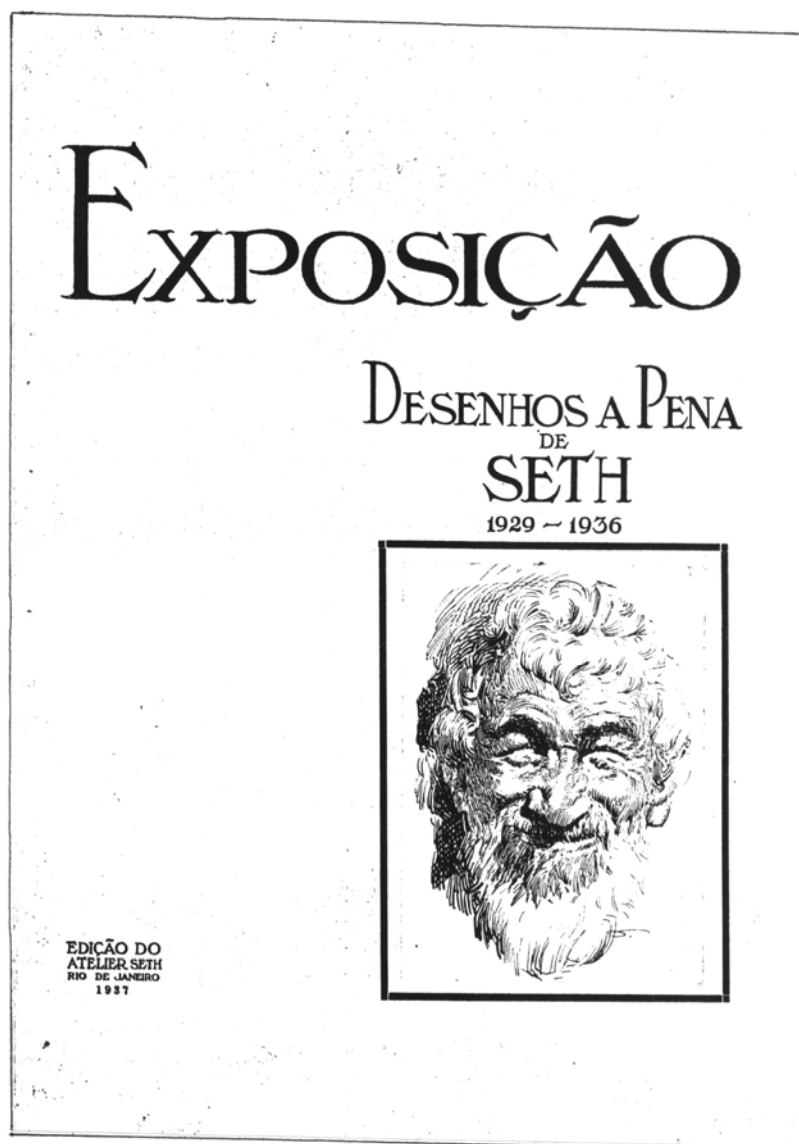


Figura 88 – Capa do álbum Exposição



Figura 89 – Capa do livro “Não se Compra Entrada na História” (1938)



A QUEIMA DAS BANDEIRAS, REALIZADA NO RIO DE JANEIRO, EM 27 DE NOVEMBRO DE 1937

“**A** PRAIA do Rússel esplendeu, na manhã gloriosa de hoje, como o cenário maravilhoso onde a própria alma da patria prosternou ante o símbolo fulgurante que ali se estadeou, a imponência vertical daquela flâmula gigantesca — A Bandeira do Brasil!

* * *

As bandeiras que até agora tinham representado porções do território do Brasil foram queimadas numa pira imensa, para que resplandessem, apenas, ali, naquele recanto maravilhoso da terra carioca, e para sempre, em todos

os quadrantes da pátria, as côres verde, amarela e azul.

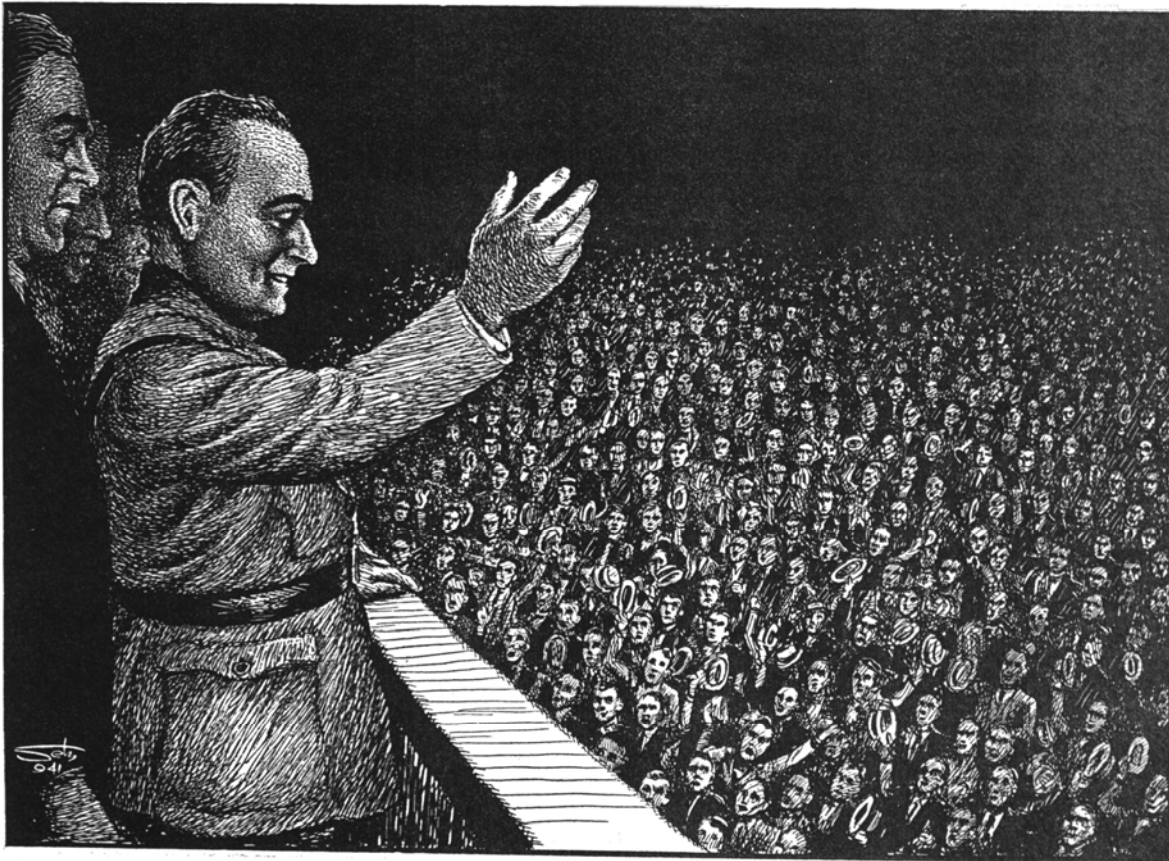
Salve Bandeira do Brasil!

* * *

Junto a uma pira, levantada em frente ao Altar da Pátria, foram, em seguida, incineradas as bandeiras dos Estados. Esta cerimônia simbólica, significa que d'ora em diante o Brasil terá uma única bandeira — a Bandeira Nacional, representativa da Unidade da Patria.”

(“A Noite” — 27 de Novembro de 1937)

Figura 90 - “A Queima das Bandeiras”



A REVOLUÇÃO DE 1930 — O PRESIDENTE VARGAS, CHEFE DA REVOLUÇÃO, ACLAMADO PELO POVO DIANTE DO PALÁCIO DO CATETE

“**O** MOVIMENTO revolucionário, iniciado vitoriosamente, a 3 de outubro, no sul, centro e norte do país, e triunfante a 24, nesta capital, foi a afirmação mais positiva que, até hoje, tivemos da nossa existência como nacionalidade. Em toda a nossa história política, não há, sob esse aspecto, acontecimento semelhante. Ele é, efetivamente, a expressão viva e palpitante da vontade do povo brasileiro, afinal senhor de seus destinos e supremo árbitro de suas finalidades coletivas.

No fundo e na forma, a Revolução escapou, por isso mesmo, ao exclusivismo de determinadas classes. Nem os elementos civis venceram as classes armadas, nem estas impuseram áqueles, o fato consumado. Todas as categorias sociais, de alto a baixo, sem diferença de idade ou de sexo, comungaram em idêntico pensamento fraterno e dominador: — a construção de uma pátria no-

va, igualmente acolhedora para grandes e pequenos, aberta à colaboração de todos os seus filhos.

O Rio Grande do Sul, ao transpor as suas fronteiras, rumo a Itararé, já trazia consigo mais da metade do nosso glorioso Exército. Por toda parte, como, mais tarde, na capital da República, a alma popular confraternizava com os representantes das classes armadas, em admirável unidade de sentimentos e aspirações.

Realizámos, pois, um movimento eminentemente nacional.

Essa, a nossa maior satisfação, a nossa maior glória e a base invulnerável sobre que assenta a confiança de que estamos possuídos para a efetivação dos superiores objetivos da Revolução brasileira”.

GETULIO VARGAS (“A Nova Política do Brasil” — 1.º v.
— Do discurso de 3 de Novembro de 1930).

Figura 91 - “A Revolução de 1930 – O Presidente Vargas, Chefe da Revolução, aclamado pelo Povo diante do Palácio do Catete”



O BRASIL INDUSTRIAL — PREPARAÇÃO DA GRANDE USINA SIDERÚRGICA DE VOLTA REDONDA — 1943

“ QUE representam as instalações da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, aos nossos olhos deslumbrados pelas grandiosas perspectivas de um futuro próximo, é bem o marco definitivo da emancipação econômica do país”.

.....
“O problema básico da nossa economia estará, em breve, sob novo signo. O país semi-colonial, agrário, importador de manufaturas e exportador de matérias primas, poderá arcar com as responsabilidades de uma vida industrial autônoma, provendo as suas mais urgentes necessidades de defesa e de aparelhamento. Já não é mais adiável a solução. Mesmo os mais empedernidos conservadores agraristas, compreendem que não é possível depender da importação de

máquinas e ferramentas quando uma enxada — esse indispensável e primitivo instrumento agrário custa ao lavrador 30 cruzeiros, ou seja na base do salário comum, uma semana de trabalho.”

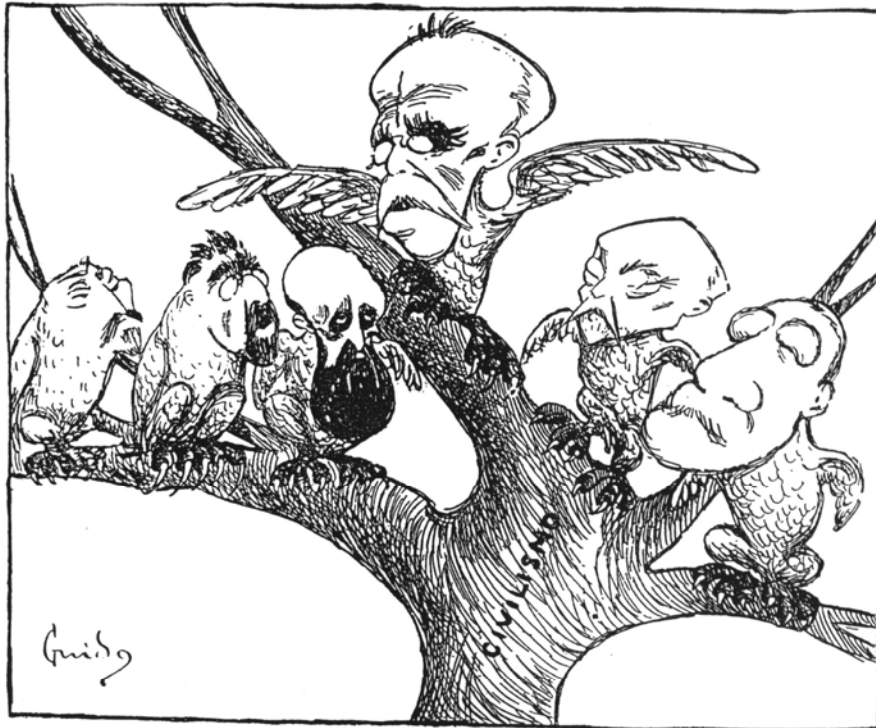
.....
“Esta cidade industrial será um marco da nossa civilização, um monumento a atestar a capacidade de nossa gente, um exemplo com tal poder de evidência que afastará quaisquer dúvidas e apreensões sobre o futuro, instituindo no país um novo padrão de vida e uma nova mentalidade.”

(Do discurso pronunciado pelo presidente Getúlio Vargas, em Volta Redonda, com a presença do presidente Morinigo, do Paraguai — 7 de Maio de 1943).

Figura 92 - “O Brasil Industrial – Preparação da Grande Usina Siderúrgica de Volta Redonda 1943”

O conluio das "Águias"

"Já chegaram as seis águias de bronze que o Presidente Pena encomendara para ornamentar o palácio do Catete" (Dos jornais)



A águia-mor (Rui): — Eu não lhes digo? Não há patriotismo, não há coisa alguma. Temo-nos alvoroçado tanto a voar contra o vento do destino, para ver se conseguimos entrar no Catete e... nada! No entanto, vão para lá as águias de bronze!...

Águias menores — Zé Marcelino, Albuquerque Lima e Barbosa Lima e Pereira Moacir: — É galinhaço, sinônimo de caiporismo...

Águia Irineu: — Não desanimem! Se não pudermos entrar pela porta, entraremos pela janela!...

Guido — *O Malho*, de 26 de fevereiro de 1910.

Figura 93 - Charge "O Conluio das Águias".

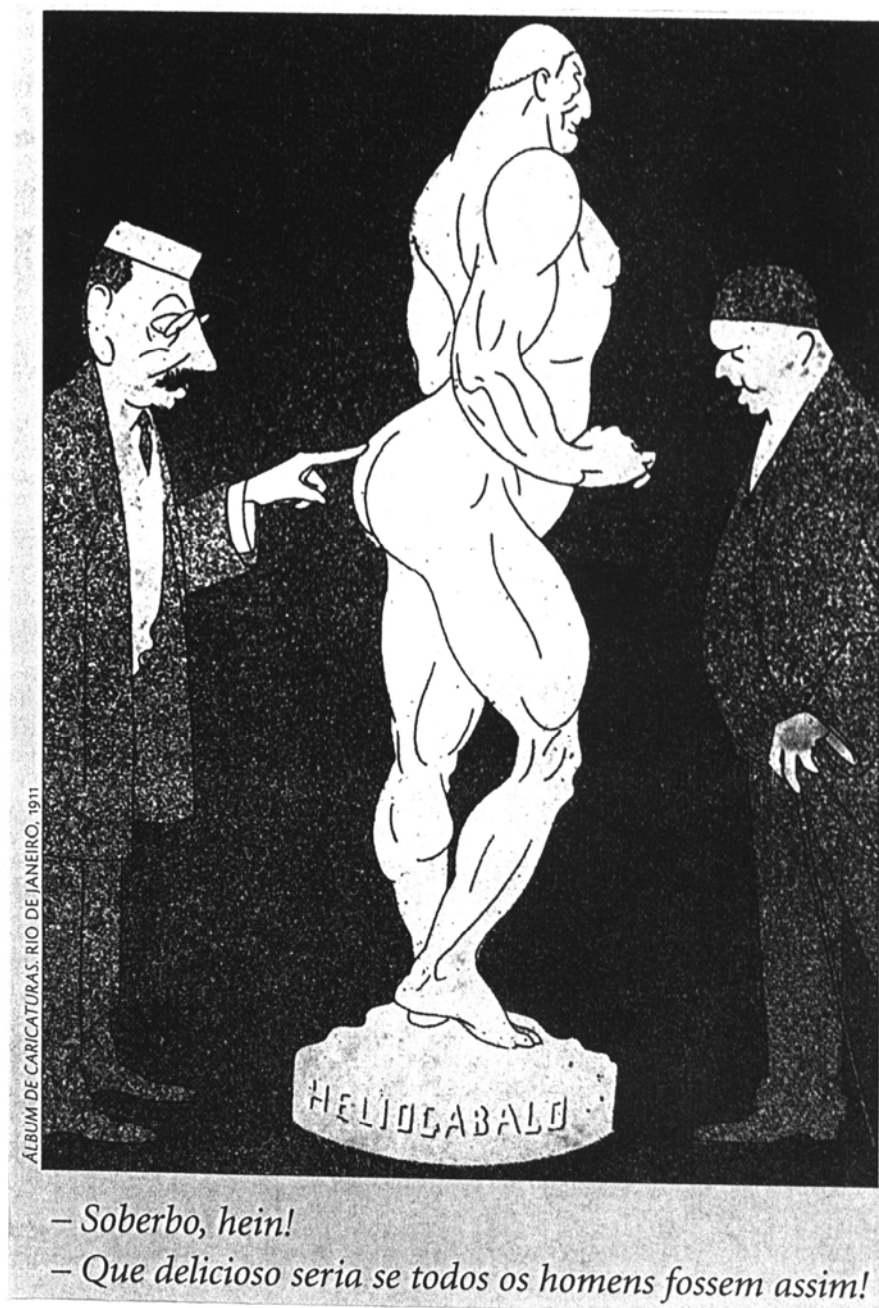
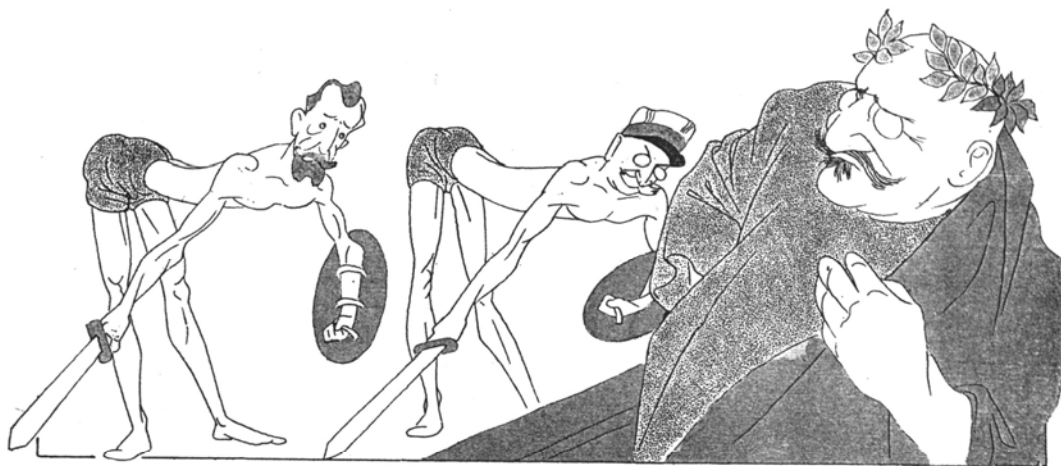


Figura 94 - “Heliogabalo”



Figura 95 – Sua Ex. – (Charge).

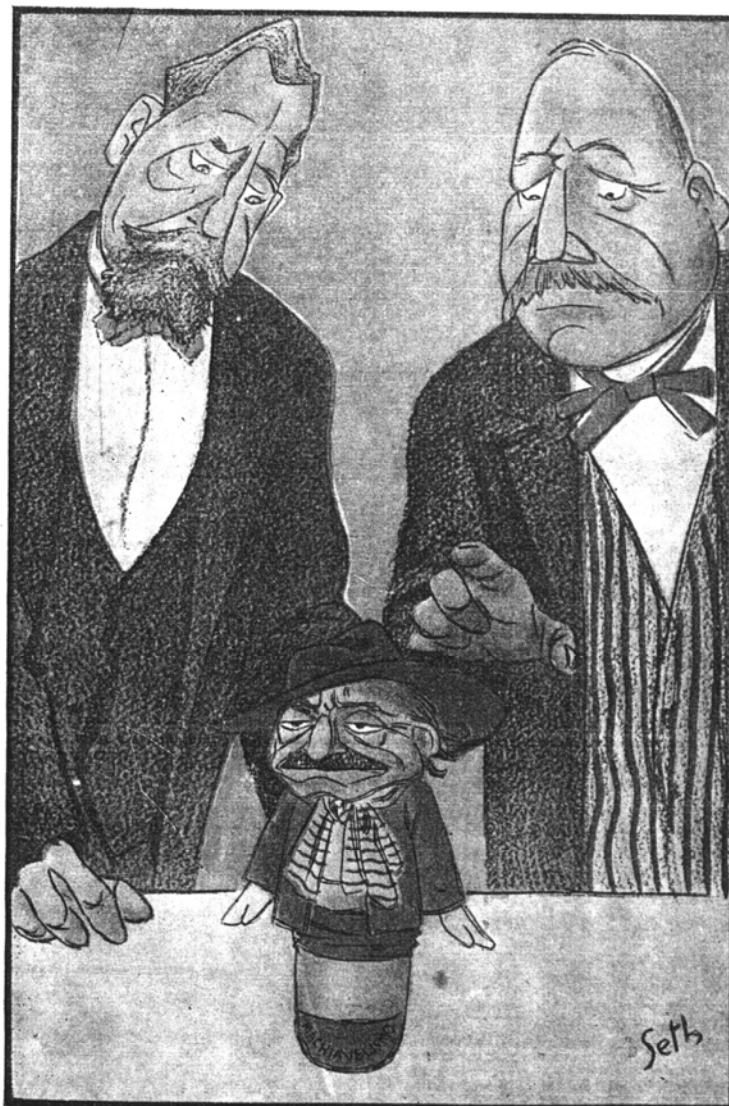


—AVE CESAR, MORITURI TE SALUTANT.

Seth. *O Gato* (8-11-1911).

(A propósito das próximas eleições em Pernambuco, aparecem os respectivos candidatos, que se iam digladiar para a conquista do govêrno do Estado, Rosa e Silva e Dantas Barreto.)

Figura 96 – Charge: “-Ave Cesar, Morituri Te Salutant”



O JOÃO PAULINO

Não cai!

Seth. *O Gato* (outubro, 1911).
(Rosa e Silva e J. J. Seabra experimentam o jogo de Pinheiro Machado.)

Figura 97 – Charge: “O João Paulino – Não Cai!”



Figura 98 - "Nero Contemporâneo"



O MAL UNIVERSAL—TERRA: Santo Deus! Ha 7 annos ando assim, doente, e não sei mais quando entrarei no eixo...

ANNO XV —
— NUM. 23

FON-FON

Rio de Janeiro,
4 - Junho - 1921

Figura 99 - "O Mal Universal"

SELECTA

São muito complexas as causas que actuam na renda annual das nossas alfândegas; mas é cousa innegavel que essas variações nos tres ultimos annos, procederam especialmente da guerra. A proposito, são muito curiosas as consi-

derações, que o sr. inspector da alfandega do Rio fez a um jornalista, explicando as alternativas observadas em 1914, 1915 e 1916:

— Em janeiro de 1914, a nossa renda, que foi de 8.400 contos (papel e ouro) se resentia da crise economica por que passava o paiz, não sendo, portanto, de extranhar que fosse gradativamente descendo até ás vespéras da guerra, reduzindo-se no mez da declaração, isto é, em agosto, a menos da metade, ou sejam..... 4.000 contos, e oscilando dahi até dezembro entre 3.100 e..... 3.800 contos.

Em 1915 estes numerics se mantiveram com leves alterações até o mez de março, época em que as nossas rendas subiram a

4.600 contos (sempre ouro e papel); dahi por diante, até novembro, se equilibraram entre quatro e cinco mil contos, sendo que no ultimo mez, em dezembro, atingiram o maximo de 5.700 contos, devido ao acrescimo ouro de 5 o/o.

Em janeiro de 1916, houve uma diminuição consideravel, motivada, sem duvida, pelo acrescimo repentino de dezembro do anno anterior. Em fevereiro desse mesmo anno, as condições melhoraram: elevaram-se as rendas a 4.500 contos e, progressivamente, chegaram a seis mil, fechando em dezembro com a somma de 8.000 contos, que já se approximava dos rendimentos de janeiro de 1914, o mez em que soffriamos apenas a crise economica, sem a aggravação da guerra. Mas, cumpre não esquecer que aquelles 8.00 contos são em parte devidos ao acrescimo de 15 o/o ouro.

Infelizmente este acrescimo não influenciou muito sobre janeiro do corrente anno, mez em que as rendas desceram para 4.800 contos.

Agora, querendo se fazer um calculo para o mez corrente, pôde-se dizer que o rendimento de fevereiro não excederá a 3.000 contos, devido á falta de transportes, visto que os

grandes vapores inglezes e francezes que tar-nos, receiosos dos submarinos inimigos mais. Como dizem, porém, que depois de viagens proseguirão regulares, parece que de jubilo si conseguirmos, a despeito da renda igual á do anno passado, isto é, de contos, ou sejam cinco mil e tantos contos

Telegrammas de Genova annunciaram ha porto o *tender* «Ceará», indo a Spezia, o sentimento do Governo brasileiro e a pe italiano, procede ao levantamento de um submarino que ali se acha afundado ha tres semanas.

Depois de prestado esse serviço, o *tender* «Ceará» seguirá para o Rio de Janeiro.

Esse navio, que é um dos mais originaes concebidos até hoje, foi ideado pelo engenheiro naval italiano Laurenti e construido nos estaleiros da Companhia Fiat San Giorgio, em Spezia, despertando a admiração dos competentes, que foram expressamente visital-o de varios pontos da Italia, da Inglaterra, da França e da Hespanha.

Os seus caracteristicos principaes são: comprimento entre perpendiculares, 100 metros; largura maxima, 15 m 50; altura da linha de con 8 m 20; imersão, completamente proprio para abastecer os submersiveis, 4 met O navio tem interiormente um tubo guintes dimensões: comprimento, 66 met maximo utilisavel, 60 metros; diametro bocca de entrada, 7 m 50; diametro inter lindo, 7 m 10. Esse cylindro pôde resistir de 8 kilos por centimetro quadrado, e é ber os submersiveis para serem comprii poder-se verificar periodicamente o estado de resistencia do respectivo casco.

Outra particularidade do navio, unico mundo, nesse genero, consiste em ter o de duas machinas de combustão para ole «Fiat San Giorgio», construidas nas officinas em Turim, que desenvolvem uma força d 130 rotações.

Os motores são do typo vertical, com dous tempos, e no funcionamento inter garantida com mais 10 o/o, isto é, até Essa machina motora é a primeira de do força até hoje construida, funcionando e

Além disso, o navio tem na pôpa doi que podem levantar, mediante a acção d tantes, postos em movimento por mot peso de 400 toneladas, como ficou verit lectivo feito no mar.

O *tender* «Ceará» desenvolve uma ve E' commandado actualmente pelo capit Aranha, com 14 officiaes e 56 homens. Todas as experiencias feitas foram i

PAN

Este, Bricio F
De bom paer,
Cathedratico
Fala, grita, b
Contra tudo.
Verboso com
Disse uma ve.
Para quem fo
— «Valha-m
E' docente...

PANTHEON



«O meu lugar é aqui!»
R. A.

A este, ninguém o excede
Na sciencia de governar:
Nunca sae de onde senta!
E' um grande estadista: méde
Talvez um metro e quarenta,
Contando ao nivel do nivel do mar!

Puck



Figura 100 - Rodrigues Alves.

SELECTA

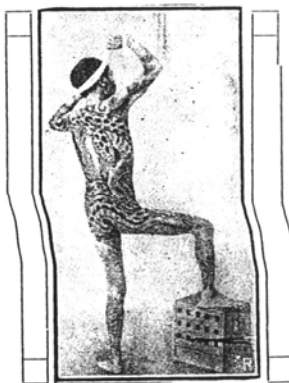
vel a menos que não se substitua o pedaço da pelle operada.

Não ha muito um rapaz, que tinha commettido uma falta na sua adolescencia e se havia corrigido, sendo candidato a um emprego quiz esconder uma antiga tatuagem muito evidente feita nas costas da mão direita. Fez-se operar, substituindo a pelle por um pedaço de pelle do braço. E' uma operação identica a que se submettem, com sublime altruismo actualmente, tantas gentis senhoras da Cruz Vermelha, cheias de patriotismo, dando aos pobres feridos um pedaço da sua pelle assetinada.

A tatuagem nas mulheres é muito mais rara do que nos homens. Encontra-se quasi que só em criminosas, e assim mesmo em pequena proporção. Em duzentas mulheres criminosas examinadas por Cesar Lombroso, não se encontraram senão quatro.

Mas nestes ultimos cinco annos, na America do Norte começou a ser moda tatuarem-se as senhoras as mais excentrica — e a tinta escolhida é o azul... da Prussia, o anil e outras identicas. Assim existem mestres de

tatuagem como os ha de calligraphia, gravadores de pelle humana — mestres de epiderme guarnecida. O amor tem ahí a sua parte, e a vaidade mais do que tudo. Assim, alem de luminosos



Um japonês tatuado.

insectos nos c presos numa ti filô — das mi duradas vivas, a uma fina co platina as bell go e S. Fran os collos, os symbolos, de

Pelo facto arte entre os se rece que não gente de bes tambem, algu bom e a sua

Por exempli de successão, Londres, pu falso herdei marcas de t havia feito, e que consi ração e nun temente ser minosos q sabendo q sua pratica, E' sempre os leva...

AS FESTAS DA ROÇA O CAXAMBÓ E O TERÇO

Mlle. V., que nasceu no extremo sul e é tão encantadora como intelligente, assistiu ha pouco, em uma fazenda de Vassouras, ao espectáculo para ella novo das danças populares e do terço; e aqui está como a graciosa e juven gaúcha descreveu, numa carta, esse curioso quadro dos costumes da roça.

«... O espectáculo mais surpreendente da minha vida: vi dançar o caxambó e o samba! — No alegre pateo da Fazenda, todo circundado de frondosas arvores e ao brando luar de Fevereiro, dançou-se o velho caxambó...

O terreiro regorgitava. Dois negros de vistosos gibões, tocavam o bombo, que não é mais do que um barril, tendo nas extremidades dois pedaços de couro. As negras, ao som cadenciado do bombo, cantavam velhas canções africanas, engraçadas, cheias de compasso e até de poesia; os negros as secundavam alegremente.

Nisto salta na roda uma negra ligeira, saltitante, desengonçada, e puxa com uma embigada o seu patrão. Começa então o desafio: esbarra daqui, embiga dali, empurra de cá, até que o patrão, cansado já, puxa com uma embigada outro, que lhe succede ainda com mais calor e entusiasmo; e, certo, despertado em grande parte pelo café branco ou pela água que passarinho não bebe. E assim continuavam dançando, succedendo-se, infatigáveis.

De um lado do pateo formára-se o caxambó e o samba, e do outro o «baile» de harmonica; a dança primitiva e a dança média.

... Divertimo nos, immensamente. Assistimos o baile até meia noite. Ziza, a minha doce amiga, louca de

mentaios como nun

A' hora Maria, e o pretexto p tanto e fo que ao lac a soluçar todo conti timento, t.

A tia i reza, can perto de u

A minb ladainha, mente. M tava... fa çava. Un conteve n estava a terrompen perguntou

— Isso

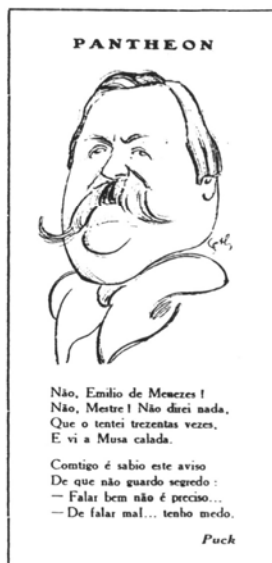
— Não isto é ass

A Vov a abanar-capella, e morado p clamou:

— Com e... nada

Emfim achou que

Vassor



Não, Emilio de Menezes!
Não, Mestre! Não disse nada.
Que o tentei trezentas vezes.
E vi a Musa calada.

Contigo é sabio este aviso
De que não guardo segredo:
— Falar bem não é preciso...
— De falar mal... tenho medo.

Puck

somno, foi logo deitar-se; eu, ao contrario, esperei a sahida de cada um dos convidados, e ouvi-lhes os com-

Fig. 101 - Emílio de Menezes. Revista Selecta n. 7, de 17 de fevereiro de 1917

Figura 101 - Emílio de Menezes.

PANTHEON



E's, João do Rio, o orgulho dos rapazes !
E's o assombro das moças ! E's o espanto
Dos velhos e das velhas ! — Disto fazes,
Fino ironista, o teu melhor encanto :

Sorris, olhas e passas ! E inda o encanto,
Que essa ironia põe nas tuas phrases,
Será por muito o delicioso espanto
Das meninas e o orgulho dos rapazes...

Puck

Figura 102-A - João do Rio.



Figura 102-B - Irineu Marinho.

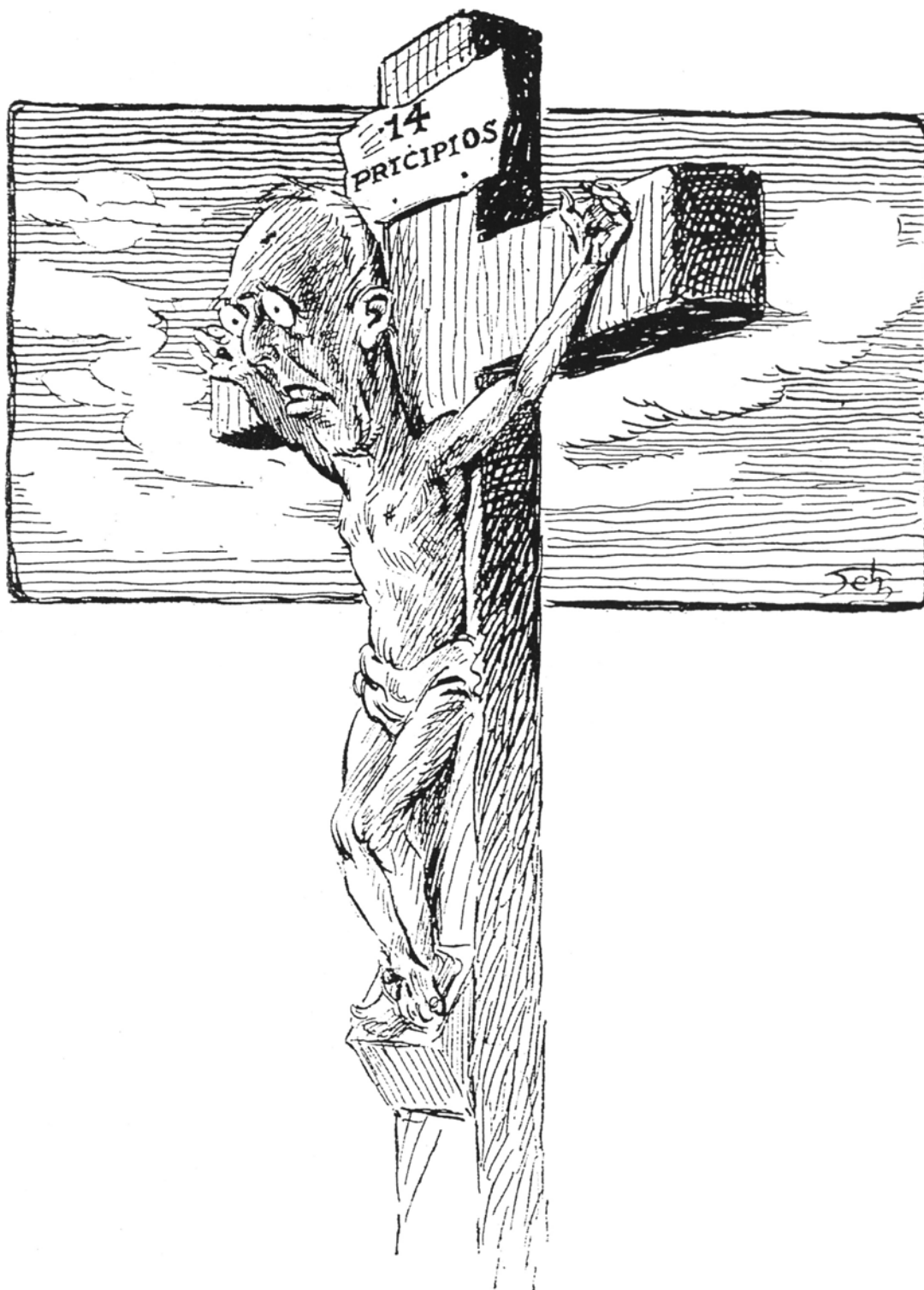
Versatilidade



Jeca Tatú — A política tá passando de moda, conselheiro. Eu preferia agora vê vossemicê num campo de football...

Figura 103 – “Versatilidade”

WILSON E A PAZ



Em que dão as tentativas de propor a paz entre os homens ...

Figura 104 - "Wilson e a Paz."



IGNAROCOCCUS

(Bacillo da ignorancia)

*E' o microbio que mais se aproxima
do homem.*

Figura 105 - Ignarococcus (Bacilo da ignorância).



Figura 106 – Revista “Cartaz”



SERÁ VANTAJOSO SABER LINGUAS ?

O Sr. Lauro Muller, informou um telegramma, já está falando perfeitamente a lingua ingleza.

S. Ex. que chegara á terra *yankee* titubeando o seu *good morning* e o seu *thank you*, em um mez de excursão pelas cidades norte americanas conseguiu penetrar todos os segredos do idioma, ainda mesmo o impenetravel *slang* de Tio Sam.

E' uma gloria para o Brasil e para o pan-germanismo batharineta.

A vantagem de saber linguas é, porém, hoje em dia, coisa muito discutivel; já o Fradique das «Cartas» contava que uma sua respeitavel tia conseguira viajar a Europa toda sem saber de linguas mais que o portuguezinho de sua aldeia, que estava longe de ser o de Bernardes ou Vieira; em um hotel de Austria ou da Dinamarca, se queria ovos, punha-se de cócoras e cacarejava como uma galinha; e gestos que taes (provavelmente auxiliados com algumas frequentes gorgetas) faziam-na comprehendida por todos os povos que visitara.

Não ha no caso uma simples *blague* deste pandego do Eça; cremos-lhe piamente na veracidade depois que assistimos a um outro que passamos a relatar, succedido a um amigo nosso, em uma pequena cidade americana — Schenectady.

O Antonio — chamemol-o assim — entrando em um bar, a aquecer com um *whisky* os dez grãos abaixo de zero que fazia lá fora, avistou, n'uma pra-teleira, entre outras iguarias, talhadas de abacaxy

cristalados em assucar; a fructa fez-lhe saudades da terra e Antonio quiz matal-as, comendo a. Mas como diabo, pedir abacaxy em inglez? debalde o brasileiro deslocou o accento, para dar á palavra saxonica: pediu ábacaxy, abácaxy, abacaxy, abacaxei... e nada! Apontou com o dedo; e por tres ou quatro vezes o caixeiro trouxe-lhe outros pratos, já impaciente e com mãos modos. Antonio desistiu. Mas nisto entra um americano, a tiritar de frio, e começa a esfregar as mãos e a sapatear, como se dançasse o miudinho. Approximou-se do balcão e em voz baixa, pediu *p-ne-apple*.

Antonio, ao ver que serviam o apeteçido abacaxy ao homem dos pulinhos, não teve duvidas; começou a sapatear e a esfregar as mãos como um desesperado, convencido de que era aquelle o processo por que os norte americanos pediam o abacaxy.

E o caixeiro, com uma boa gargalhada, serviu-lhe a iguaria.

Será essa a especie de inglez que o Sr. Lauro Muller está falando nas terras de Tio Sam?

D. X.

A policia não ligou importancia, ao pesquisar sobre o crime da rua Fluminense, á seguinte notavel coincidência: — as pégadas de sangue que assinalavam o caminho seguido pelo criminoso desapareceram na rua Itapirú em frente á casa n. 23, em que moraram duas irmãs e um sobrinho do regicida Buiça e reapareceram na rua Ermelinda, para a qual se mudaram aquellas duas senhoras e esse cavalheiro.



Figura 107 - Charge publicitária do cilindro.



Revista Arara (SP) - 26/1/1907

Figura 108 – Propaganda do refrigerante Antarctica Paulista.



6. Revista Fon-Fon! (RJ) - 17/11/1923

Figura 109 - Propaganda "Trían - Pó de Arroz da Elite".

da Mulher

jam dirigidas sobre o tratamento da pelle e do cabelo e hygiene da mulher. — Dirigir correspondencia para a rua Paysandó 111. — Rio de Janeiro.

Zoé — 1.a A *Loção Adstringente* destina-se, pela sua composição, a tornar a pelle sadia, alva e juvenil.

2.a Que quantidade de *Crème Nete* se deve applicar de cada vez? Apenas tanto quanto a pelle absorva. O *Pó Hygienico* adhere perfeitamente, usando como fixativo o *Crème Nete*.

3.a O *Crème de Massagem*, como o seu nome indica, só serve para massagem. A pg. 7 e seguinte dos prospectos encontra indicado o tratamento hygienico da pelle.

MME. THEO — Deve lavar o rosto só ao levantar e ao deitar. Durante o dia, antes de sair, applique a *Loção dos Cratos*, que limpa os poros. Enxugue, applique a *Loção para Embellezar* e o *Pó Hygienico*; conseguirá conservar a cutis sempre fina e alva.

LA GARÇONNE XX (S. Paulo) — O tratamento é esse mesmo. O *Crème de Massagem* a empregar é o fabricado no meu laboratorio.

SEIDA POTCCKA

ADAP CHAPÉOS?

PAR OS MAIS

elos na

ARIA

RGAS

RO, 120

4125 CENTRAL

ONTOLOGICO

Odorans, por exemplo.

Satisfazendo seu

uma formula de opiato

ALFREDO RUIZ (E. do Rio) — Bochechos de malvas e dormideiras — infusão forte. Ajunte agua oxygenada.

ANTONIO SAMPAIO (S. Paulo) — De 4 em 4 mezes é o sufficiente.

CARVALHO DENTISTA (Copacabana) — C. S. C. CIRURGIÃO DENTISTA (S. Paulo) — As suas missivas serão respondidas no proximo numero, pois só chegaram ás minhas mãos quando encerrava este Consultorio.

ALEXANDRINO AGRA.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, á rua Rodrigo Silva, 28 — 1.º andar. — Tel. 1838 C. — Rio.



Os grandes passos da vida são dados com o calçado

Unico que, pela sua perfeição e elegancia, obteve a classificação — HORS CONCOURS — na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil, em 1922.

A' venda nas principais casas da Capital e Estados.

Fabrica : — FERREIRA SOUTO & CIA.

R. Fonseca Telles, 18130.

Figura 110 - Propaganda do Calçado Souto.



A Pasta Dentifricia "Colgate"
**é a melhor entre as melhores, porque limpa e alveja
 sem desgastar o esmalte dos dentes.**

Agentes Geraes: LEONE & CIA

Rua 1.º de Março 89
 RIO DE JANEIRO

Praça da Sé 34
 S. PAULO

**QUANTAS MULHERES HA
 NO MUNDO**
 Uma estatística já antiga
 dava a população do mundo

num sabio estatisticista, o
 excedente feminino constitue
 um phenomeno unicamente
 europeu. No resto do mundo,

PRESOS EM FERIAS
 Segundo uma correspon-
 dencia de Londres, qua-
 renta presos, condemnados

e empregarão o tempo em
 leituras e jogos ao ar livre.
 Trata-se duma experien-

cia que se
 poudencia a
 derá depois
 presos doutr

**O DINHEI
 OS MI**
 The Lanc
 centemente
 dum estudo
 tim relativa
 crobios vehic
 pel morda.
 Houve no
 encontraram
 rias, quan
 guerra e pe.

Figura 111 – Propaganda da Pasta Colgate.

FON - FON - 24

A GRAÇA DAS COISAS

tão ingenua, tão simples graça, que, quando em mim se produziu o milagre de compreendê-la, sómente pude sorrir cheio de indefinível sensação, que poucas vezes tenho tornado a experimentar depois. Valia a pena que, para apreciá-la, cerrasse os ouvidos á voz de Virgílio, pois, si as leituras eram doces e profundas as lições do poeta, mais profunda e quicá mais doce era o que se desprendia do lyrio para o ar, para a luz, perdendo-se o todo instante sem que ninguém pudesse escutar.

Aquella descoberta deu-me a chave de muitos problemas. O gozo que se lhe seguiu trouxe-me uma visão, que creio definitiva, da antiguidade.

Com effeito, essa graça subtil e ingenua das coisas foi, ao meu parecer, a fonte em que mais se abeberaram os que então trabalhavam para a immortalidade. Nos dias aureos da Grecia, no bello momento do seculo de Augusto, estava-se bem perto da natureza e bastava ella passar através duma alma harmoniosa para converter-se em belleza pura. Também, na propria multidão, essa graça, hoje occulta para quem se não pôde despojar da carga de trinta seculos, claramente se manifestava. O mais singelo dos cidadãos de Athenas percebia-a quando as jovens virgens iam levar o véo de Pallas na bahia de Phalera, nas fes-

tas da Deusa, ou quando, nas An-testherias ou Festa das Flôres, a procissão subindo ao templo, levando cada moça uma corbêlha á cabeça. Essa graça residia na harmonia dos movimentos, na ondulação dos vestidos com o passo e o ar.

A rosa que Anacreonte cantou, as violetas com que Alceu coroava a fronte de Sapho são as mesmas de hontem. Sómente a alma humana mudou e nossos olhos se encheram com outras visões. Porém aquelle que possa libertar-se da cadeia que o amarra ao seu seculo será dado approximar-se da eterna fonte de belleza sincera e simples. E, quando tiver molhado nella os seus labios, sentirá seu espirito remojado como por effeito duma agua lustral. De certo, está occulta pelo emaranhado duma vegetação de inverno e a lympa da sua corrente aproveitada para força motriz. No entanto, quem se dispa do seu Eu actual e complexo a encontrará e, mirando-se no seu espelho, encontrar-se-á a si proprio.

Eis o, que aprendi num linda manhã de setembro, lendo Virgílio num parque solitario, e foi um lyrio cantado quem m'o ensinou.

LOPEZ PALMERO

— :: —

NO nosso numero passado, por um equívoco lamentavel, figurava assignando o desenho da capa o nome de Bastos Barreto, quando realmente o trabalho é da autoria de Castro Rabello.

Rectificamos hoje, para evitar incidentes desagradaveis.

LIVRETOS GRATIS



V. Ex. pode fazer estas lindas cestas em casa

Elas são feitas com papel encordado "DENISSON", e muito facis de confeccionar. Não é necessaria experiencia previa, bastando os livros de instrução, distribuidos gratis. Poderá começar immediatamente a fazer cestas, bandejas, vasos, etc.

Peça nas Papelerias: PAPEL CREPE ENCORDADO

Dennison's

Escreva pedindo livretos de instrução gratis á

Dennison Manufacturing Co. Ltd.

CAIXA POSTAL 2106 RIO DE JANEIRO

Para obter livretos gratis escreva ao Departamento 30 A, Caixa Postal 2105

ROYAL CLUB

O CIGARRO DA MODA



Figura 112 - Propaganda Royal Club: O Cigarro da Moda.



Figura 113 – Propaganda da Casa Mathias: “Carnaval de 1926 – Bloco dos Lanfranhundos da Zona”.

Revista "ParaTodos...", maio de 1927.



interpretação" que tem sido muito apraziado.

Sem duvida o autor não abdica completamente das suas tendencias habituaes.

Mas a maneira delle interpretar o assumpto, por mais scientifica e mesmo freudiana que seja, é accessivel a todos e não pecca absolutamente por falta de delicadeza.

Naturalmente, não vamos seguir aqui o philosopho no desenvolvimento da sua ideia. Basta sabermos que Freud reprova a explicação sobrenatural que, muitas vezes ainda, o preconceito dá ao sonho; e elle reprova tambem a explicação medica que considera a vagabundagem de nossos pensamentos, durante o somno, como uma nevrose. Para Freud, o sonho é simplesmente uma construcção inconsciente mas normal de nosso cerebro tomando como elementos as recordações da nossa vida real, as impressões recentes ou longinquoas e, ás vezes, todo o inconsciente de nossos desejos.

Ora, quando se reflecte neste problema, a primeira pergunta que vem ao espirito de nós, profanos, é naturalmente esta:

"Primeiro, o que é o somno?"

Pois bem! por mais extraordinario que isto pareça, ainda não se sabe. Os effeitos são conhecidos; mas a causa e o mecanismo ainda ignoramos. Naturalmente, não é porque hajam desci-

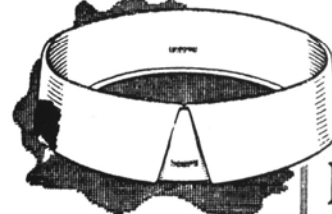
losopho allemão, o philosopho viennense! A moral deste não vale mais que a do outro, pois elle pretende ver na base de todos os nossos pensamentos, de todos os nossos desejos, de todos os nossos actos o instincto sexual. Não pensaríamos nunca em referir-nos aqui ao freudismo, se o professor austriaco não tivesse feito uma incursão fóra do seu dominio habitual. Com effeito, fizeram uma traducção franceza do seu livro "O sonho e sua

Não enrugam e não são duros...
Este sim!



Collarinho
COPACABANA

Elegante
e duravel



EXCLUSIVIDADE DA

CASA
MATHIAS

Os collarinhos da nossa casa são fabricados com o maior cuidado e pannos escolhidos de superior qualidade, representando as nossas marcas uma garantia para o consumidor

101 - AVENIDA PASSOS - 103

dado este estudo. Um illustre sabio allemão, Wundt, depois de ter recorrido longamente sobre o assumpto, concluiu classificando

o somno entre os phenomenos periodicos". Não pensam que Mr. de la Palice teria dito o mesmo se tivesse sido consultado?

Mais tarde um sabio inglez confessou.

"A definição do somno é um "desconhecido em physiologia". Esse foi mais



LLOYD REAL HOLLANDEZ
AMSTERDAM

Cruzeiro especial ás regiões maravilhosas do SPITZBERG

O luxuoso paquete "GELRIA" fará um cruzeiro especial ás regiões maravilhosas do SPITZBERG, obdecendo ao seguinte itinerario:

Sahida do RIO DE JANEIRO em 28 de Junho de 1927.

Chegada a AMSTERDAM no dia 16 de Julho de 1927.

No periodo entre 16 a 23 de Julho de 1927 os senhores excursionistas serão levados a visitar os pontos mais pittorescos da HOLLANDA.

Entre 23 de Julho a 12 de Agosto de 1927, excursão ás regiões do SPITZBERG, a bordo do paquete "GELRIA", voltando a Amsterdam em 12 de Agosto.

De 12 de Agosto até 18 de Agosto de 1927, visita a outros pontos interessantes e pittorescos. No dia 18 de Agosto inicio da viagem de volta ao Brasil, via Cherburgo, pelo luxuoso paquete "FLANDRIA", ou posteriormente por outro paquete da mesma Companhia.

PREÇO da viagem completa, 1.a classe, Libras 179-0-0—Para passagens e mais informações com os agentes: SOCIEDADE ANONYMA MARTINELLI.

Avenida Rio Branco ns. 106-108. Phone: Norte 5134.

Figura 114 - Propaganda do Colarinho Copacabana - Casa Mathias.

O Tico-Tico, de 14 de abril de 1928.

1928

- 33 -

O TICO-TICO

APAINA
GLYCERINADA
DR. NIOBEY

EPSIAS. VOMITOS DA GRAVIDEZ
AS CRENÇAS. DIARRHEAS,
DIABETES

SILVA ARAUJO & CIA



Para os lábios é o
preferido pela sua
ótima qualidade.
Para beleza das
unhas só

MALTE PALMA
Vende-se na Casa Bazin, Perfumaria
Avenida e Uruguayana, 91.

Menezes, José Pacheco Gui-
stavão Miranda, Celina de
Carlos Vieira Lima, Antonio
de O. Caldas, Helio Gui-
Nunes dos Santos, Arnobio
Francisco Ernesto Bulhões
Gomes Guedes Marques, Ar-
Sergio Graner, Paulo Gra-
malia Gonçalves, Anna Cos-
ta de Freitas, Miguel Per-
ceiro Cardoso da Silva, Layde
Hard, Elza Figueiredo
Lima, Jandira Montenegro,
Dora Tinoco Coelho,
Elza Barroso, Laura Ro-
moura de Sá, Nevila Cam-



CONCURSO

hoje a publicar umas letras
com as quaes formaremos o
importante casa commercial,
fornecimento de uniformes e
todos os collegios.

A

semanas irão os leitores
essas letras e após formado
do este em um papel, nos
ação ou para o Largo S.
40 — Rio de Janeiro, para
os valiosos brindes, que se-
são entre os concorrentes.
são os seguintes:

um uniforme para collegial,
me ou vestido para passeio,
a pasta de couro, tipo col-

pion, Dinah Mallet de Lima, Rubem Dias
Leal, Auxilio de Souza Valente, Eunice
da Costa Brandão, Iracema Guimarães,
Lucy Ribeiro Sobral, Wilson Fontoura,
Newton Cupertino da Silva, Deniz de Souza
Maia, Eleonora Leitão de Carvalho,
Ruth Pinto Pereira Bastos, Otton Eugé-
nio Menezes, Cesar Augusto Fernandes,
Elizcu Frazão Pinto, Bento Sandes, Moa-
cyr Veiga, Deraldo Goulart, Newton de
Oliveira, Dirce Bittencourt, José da Silva
Mangualde, Muniz A. Helail, Jorge Au-
car, Jurema Reis Moreira, Luiz Villet P.



Leisner
Cinarte

THYMODONTE
SILVA ARAUJO
A MELHOR PASTA DE DENTES

**RECOMMENDADO AS PESSOAS QUE
USAM MERCURIO E BISMUTO**

Filho, Moacyr Alvarenga, Leonardo Scat-
tolin, Elza Moraes, Elza da Silva e Sou-
za, Braulinha de Souza, Cecy Pereira,
Sylvio Portella, Bujú de Mello, Geraldo
M. de Martins Castilho, Clarindina De-
zonne, Cesar Bernardo da Silva, Leopoldi-
no Cardoso de Amorim Filho, Carolina
Firme, Leuzette Torres, Fernando Ridet,
Amelia Gonçalves de Oliveira, Nilo Gui-
marães de Souza, Victoria Neumayer, Ma-
ria Wanda P. Hardmann, Germano Fer-
reira Alheira, Jordão Santoro, Marina
Graner, Geraldo Pereira Marques, Arton
Sá dos Santos, João Jacob Tesch Furtado,
Mário Augusto Alves, Jorge de Barros
Barreto, Pedro Luiz Collaço, Yedda Re-
gal Possolo, Maria Arture, Ivonne Pinto
Coelho, Lima Amelia Hartley de Souza,
Hilson Garcia da Rocha, José João Soa-
res, José Galvão do Nascimento, Georgette
Caldas Mattos, George R. Philipp, Juarez
Galvão Ferreira, Elvira Donato, Frances
Hortencia Arruda.

Foi premiada a concorrente:

ELY TERRA LOPES

de 10 annos de idade e residente á Tra-
vessa São Luiz Gonzaga n. 14, nesta Ca-
pital.

DEPILATORIO ELECTRICO RADICAL

Premiado com o Grand Prix

Tira os pellos para sempre. Resposta
mediante sellos. Rua 7 de Setembro
166. Av. Central 134 — 1° — Rio.

Figura 115 - Propaganda "Thymodonte Silva Araujo - A Melhor Pasta de Dentes"

Use o GAZ

NA SUA INDUSTRIA

**HOJE
EM DIA**

O **GAZ** É USADO COMO FONTE DE
CALOR EM MAIS DE **980** INDUSTRIAS

Pense V.S. em seu uso

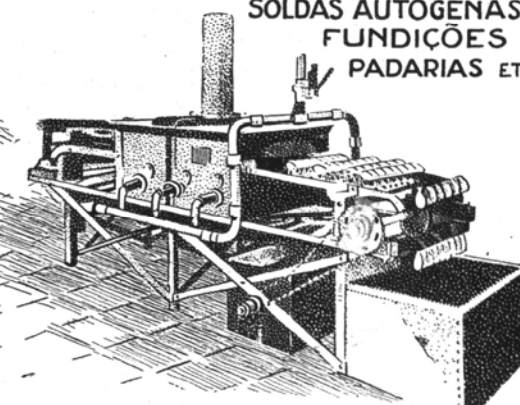
PARA:

OFFICINAS DE ESMALTE
FABRICAS DE VIDROS
TRATAMENTO DE AÇO
SOLDAS AUTOGENAS
FUNDIÇÕES
PADARIAS ETC

Gaz

O MELHOR COMBUSTIVEL

CRUZWALDINA - CRUZOL
SUB-PRODUCTOS DO GAZ



TIPO DE FORNO MECHANICO PARA SOLDAR
PEÇAS DE CARBURADORES DE AUTOMOVEIS

Figura 116 - Propaganda "Use o gás na sua indústria".

Treva! Catreva! que é Lanfranhudo!...

O CARNAVAL ESTÁ NA RUA E A NEGRALA COM MEDO DO ARBOMEA VAE GEMENDO GEMENDO

BLOCO DOS LANFRANHUDOS DA ZONA

Chóra,
Zizinho,
que teu pae
é o meu!

... e a negrala com medo do arbomea vae gemendo gemendo

CASA MATHIAS — Colossal sortimento de artigos para Theatros a preços fora de toda a concorrência — Tecidos leves para verão — Seção completa de roupas para homens — 101, Avenida Passos, 103 - Tel. N 4521

Figura. 117 - Casa Mathias - Bloco dos Lanfranhudos da Zona.

4
CARETA
31-8-1935

Não desanime, meu amigo!
*Vou receitar-lhe um remédio
que o livrará de todos estes ma-
les do fígado e dos intestinos:*



PILULAS DE BARRY

Bom humor

Paganini era muito avaro. Possuía muito mais de um milhão e viajava sujeito a intemperies. Porém, um dia, na diligência em que ia, ao se aproximar de uma pousada, sabendo de sua avaresa, perguntou-lhe um companheiro:

— Não desce para comer?

— Não — respondeu o grande violinista — a minha fome não é de tres psetas.

E ficou na carruagem comendo pão e queijo.

□ □ □

O marquês de Grequi era conhecido como um terrível tesoura.

Talvez por isso quando souberam na corte francesa que ele se havia envenenado, Maria Antonieta observou, com suprema ironia:

— Talvez que o marquês tivesse mordido a língua...

.....○.....

VERBETE:

Idioma — instrumento de expressão que, por deliberação das assembléas políticas, pôde mudar de nacionalidade.

DISTRAÇÃO DE SABIO

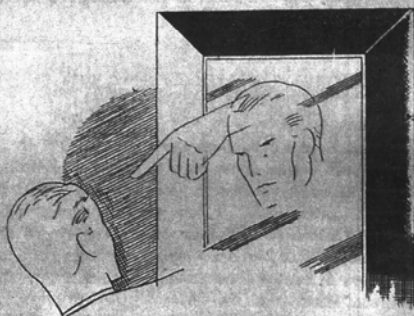
. . .

O famoso catedrático, Liebermann, da Universidade de Berlim, passeava um dia pela Unter den Linden acompanhado pelo seu cão favorito e conversando com um amigo. Iam passando por certo lugar, quando seu cão correu ao encontro de uma mulher demonstrando uma viva alegria.

Liebermann inquietou-se com essa expressão de júbilo do seu cão para uma pessoa estranha, e exclamou, dirigindo-se à mulher:

— Que quer você com o meu cão? Quem é você?

— Mas, Sr. Professor — respondeu a mulher sorrindo — eu sou sua cosinheira, há cinco anos!



**SI O ESPELHO ACCUSA
CABELLOS BRANCOS**

que lhe fazem parecer mais velho do que realmente é, use CARMELA, ao pentear-se. Em poucos dias verificará, maravilhado, que seus cabelos brancos voltaram a sua primitiva cor. CARMELA não é tintura e por isso não mancha a pelle nem as roupas. É uma loção de fama mundial, agradavelmente perfumada e absolutamente inofensiva. Mesmo que esteja usando tinturas, experimente CARMELA, em vidros pando as pequenas. PROSPECTOS GRATIS.

Distribuidores: ARAUJO FREITAS & C. — Curitiba, 98 — Rio

**L O Ç ã O
CARMELA**

EPILEPSIA



Herbert Soares Falcão, empregado da Light, sofreu quatorze annos de ataques epilepticos e ha 2 annos está completamente curado, depois de fazer uso de cinco vidros do especifico

Antiepileptico BARASCH

Figura 118- Propaganda das Pílulas de BARRY.

Loção PHENOMENO

INCOMPARAVEL
NO COMBATE A
CASPA E A QUEDA
DO CABELLO



A Sra.
prefere
*ter ou
fazer*
a pelle
bonita?



TER a pelle bonita é uma coisa. Fazer a bonita é outra. Com a "maquillage" a Sra. poderá fazer a pelle bonita, porque a "maquillage", ao mesmo tempo que realça a sua beleza, serve também para encobrir e disfarçar os defeitos da pelle... Mas o ideal seria, naturalmente, a Sra. ter a pelle bonita — livre de imperfeições que a enfeiam e lhe tiram o vício da Mocidade. Isto não é difícil. Depende de tratar a pelle, usando continuamente Leite de Colonia. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pelle, corrigindo seus defeitos e restituindo-lhe a aparência natural e sadia de seus annos de juventude.



Leite de Colonia

O homem, a mulher e o fogão

O «savoir-faire», escreve o Dr. Corman, nas suas «Quinze Lições de Psico-Morfologia», é, na mulher, dom natural. Ela sabe executar uma infinidade de coisas

sem as haver aprendido. Por exemplo: toda mulher é perita na arte de cosinhar; o homem, não, é-lhe necessário aprender. Ai encontramos a diferença entre os Dilatados e os Retraídos. Adaptação facil e natural entre os primeiros; má adaptação natural entre os segun-

dos. Entretanto, capacidade de alguns dentre estes para realizar uma adaptação eletiva, de forma, portanto, superior.

Toda mulher é cosinheira, mas os excelentes mestres-cucas se recrutam principalmente entre os homens».

... posturas sanitarias obrigam á desinfeção dos aparelhos da barbearia.



Barbeiros!

Cuidado com as infecções no rosto!

LYSOFORM É A BASE DA HIGIENE MODERNA

Lysoform
Lysoform

Garante á mais rigorosa antiseptia, esterelisa completamente navalhas, tesouras, pinces etc. é usado nas melhores barbearias que cuidam de seus clientes.

MODO DE USAR: 20 grs. diluidas num litro de agua produzem uma poderosa solução antiseptica e custa só 300 reis. EXPERIMENTEM!

Informações: LABORATORIOS LYSOFORM S/A - Rua Tequary, 1.338 (antiga 180)

PHONE 9-0411 - S. PAULO

Figura 119 - Propaganda Loção Phenomeno.

as

do consta, as vacas
breve, com suas re-
derável de polpa de
tados de certas ex-
cabo na Escola de
ia.

(Do noticiário)

s,
ato:
imento,
ia.

m água,
momento,
erimento,
e magua.

reve,
delas se atreve,
a a aceite.

vidade
idade,
leite.

JOÃO RIALTO

Sae, Caspa!



**PLoção
HENOMENO**
TARRÉ

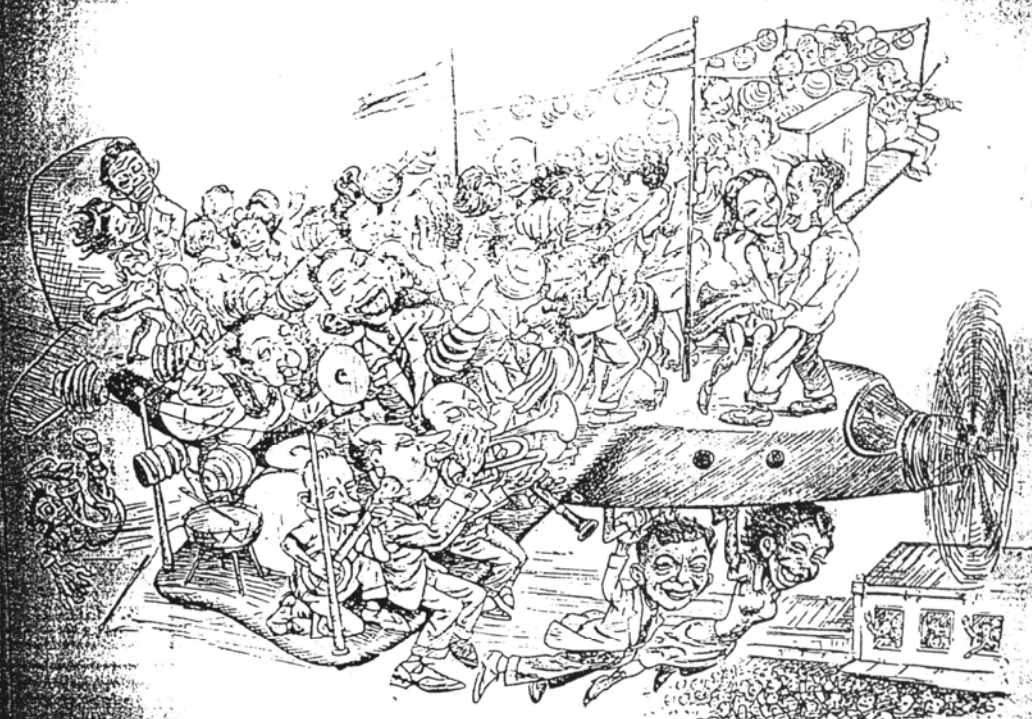
*fortifica
os cabelos*

Careta

11

Figura 120 - Propaganda Loção Phenomeno Tarré.

AGUENTA VIRGULINA!... tua avó já foi dançar na
31º ANIVERSARIO 31º
CASA MATHIAS
914 - 8 de Novembro - 945



POVO! Não comprem LOUÇAS, ALUMÍNIOS e ARTIGOS DE FANTASIA sem vêr primeiro os
 preços da célebre dupla VIRGULINA e MATHIAS.

BRINQUEDOS! O maior sortimento para o Natal de 1945. Estão chegando todos os dias!

OS PREÇOS -- OS PREÇOS -- OS PREÇOS. Sempre, sempre a LA MATHIAS!

MATHIAS e VIRGULINA cá vos esperam para dar um êsculo nas costas... da mão.

CASA MATHIAS
914 - Avenida Marechal Floriano - 110

Figura 121 - Propaganda "AGUENTA VIRGULINA!".

OH! MAQUINISTA APITA NA CURVA

A nãgrada vai toda com fome até parece formiga saúva

... todos com os dentes bem afiados para o urralal de S. João, No fim vai haver o diabo, até os músicos têm de fugir de rabeca

PARA AS FESTAS DE SÃO JOÃO E SÃO PEDRO

... um sortimento de lanternas-baão em todos os tamanhos e outros artigos para os bailes à caipira

CASA MATHIAS

... nossa numerosa franguela, participamos que todos os artigos de inverno estão sendo vendidos com pequeno lucro devido aos grandes estoques que temos em nossa armazem

Louças, alumínio, fogões, tudo por preços A LA MACUMEA.

Mais uma vez chamamos a atenção dos nossos numerosos fãns que não se esqueçam de trazer o vosso HISTÓRICO BAI com roupas e jóias ao vosso MELOSO MACUMBEIRO MATHIAS.

A nossa filha MATHIAS E VIRGULINA cá vos espera para vos dar um ósculo nas costas... da mão.

ATENÇÃO: - Só damos o ósculo no sexo feminino. HOMEM NAO!!!

Figura 122 - Casa Mathias: "OH! MAQUINISTA APITA NA CURVA".

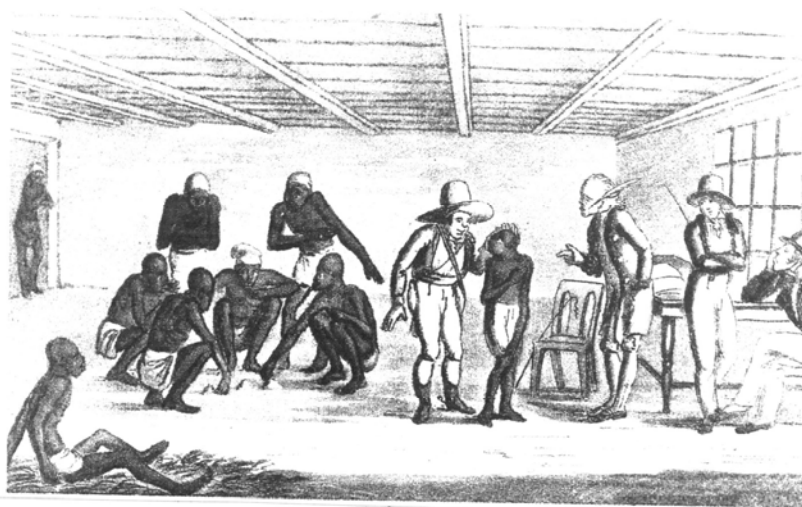


Figura 123 - A.P.D.G. - "Comerciante de Minas Regateando".(1826).



DE VOLTA DO PARAGUAI

Cheio de glória, coberto de louros, depois de ter derramado seu sangue em defesa da pátria e libertado um povo da escravidão, o voluntário volta ao seu país natal para ver sua mãe amarrada a um tronco! Horrível realidade!...

A. Agostini. *A Vida Fluminense* (11-6-1870).

Figura 124 – Angelo Agostini. Charge: “De Volta do Paraguai”.

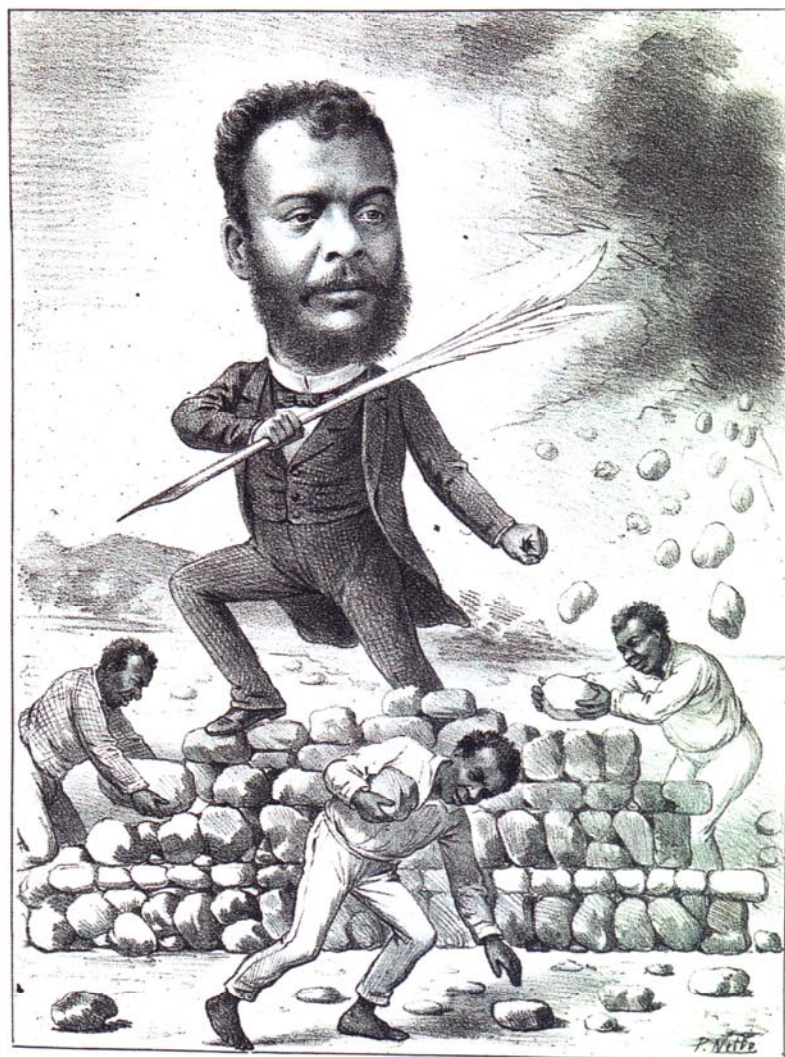


Figura 125 - Pereira Neto. Homenagem ao Abolicionista José do Patrocínio



Capa do catálogo da exposição Aurélio de Figueiredo em homenagem ao 2.º aniversário da Lei Áurea.

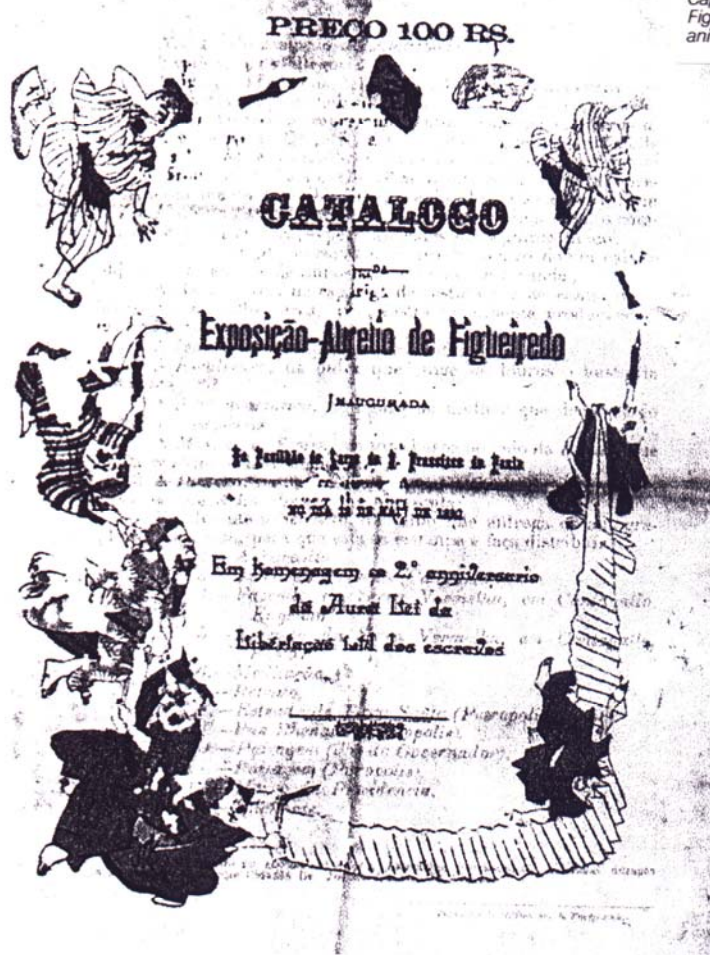


Figura 126 - Catálogo da Exposição Aurélio de Figueiredo em homenagem ao 2º aniversário da Lei Áurea. – 13 de Maio de 1890.



MORENA BRASILEIRA



A morena brasileira, morena cor de jambo e dentadura de perolas, inspiradora adorável de poetas e prosadores, é o encanto supremo do nosso paiz. Todos porfião em conservá-la as graças naturais. Nossos maiores escriptores a perpetuam em suas obras e os bardos a cantam em suas bellissimas modinhas. Os scientistas tambem trabalham para que ella possa conservar, por longos annos, o frescor da sua cutis maravilhosa e a seducção do seu sorriso encantador. Crearam, para isso, o sabonete Eucalol, emolliente, suave e activo renovador da epiderme, e o Creme Dental Eucalol que impede a formação do tartaro, clareia os dentes e tonifica as gengivas.

Eucalol

Standard - 5 - 424 - 1

Revista Careta, 09/11/1935.

Figura 127 – Propaganda do “Creme Dental Eucalol”.



Figura. 128 - Casa Mathias - Bloco dos Lanfranhudos da Zona.

**ATE O DIABO DA GARGALHADAS
COM OS PREÇOS. COM OS PREÇOS DA
CASA MATHIAS**

POVO: Dê-lhe a liberdade da mente com que sempre procuramos servir o melhor possível a todos os
nos frequentes. Fazer barato não vos dá saúde. Nunca nos importamos de lucrar. A nossa preocupação
é só dar sempre o melhor e mais barato de tudo.



os nossos inúmeros fans:
Desta vez não ha versos, o poeta anda de ressaca

LOSSAL estoque de artigos para inverno. Malhas para homens, senhoras e crianças. Manteaux para senhoras e crianças dos últ
LINDE: sacção de louças, alumínio, artigos para presentes, sortimento completo de artigos para eletricidade. A CASA MATHIA
todos. Os preços, Os preços... até o diabo fica zangado. Mas, aqui entre nós, que ninguém nos ouça. Não se esqueça de traz
O BAU com vossas economias ao vosso querido e velho MACUMBEIRO MATHIAS. Brancas, morenas, mulatas e crioulas, a
MATHIAS e VIRGULINA cá vos espera para vos dar um ósculo nas costas... da mão. Povo, fugi das tais liquidações. É
Mas barato de verdade só na CASA MATHIAS

Grande sortimento de lanternas para arraial, artigos para baile à caipira para as festas de Santo Antonio, São João e São Pei

CASA MATHIAS
RUA MARECHAL FLORIANO

Figura 129 - Propaganda da Casa Mathias – Carnaval.



Figura 130 - Pintura de Daumier: O Vagão de Terceira Classe, 1862.

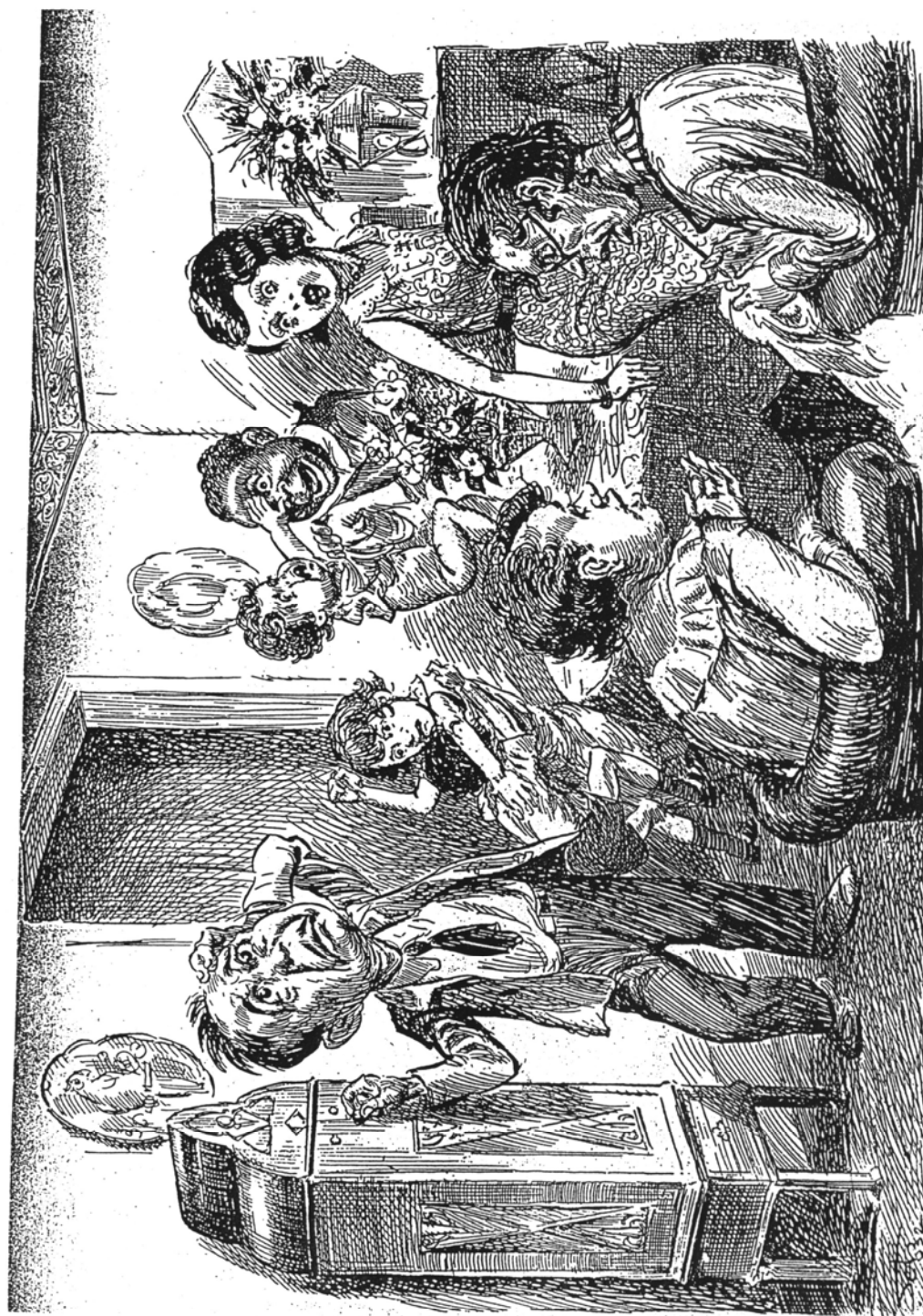


Figura 131 - Foto de uma passeata, em 1940, com trabalhadores marchando na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro, com faixas pró-Estado Novo.



A ÚLTIMA NOVIDADE MUSICAL

Figura 132 - "A Última novidade musical"



Ouvindo Rádio

Figura 133 - "Ouvindo Rádio"



A HORA EM QUE O SR. DOUTOR NÃO
PÓDE ATENDER...

Figura. 134 - "A Hora em que o Sr. Doutor não pode atender..."



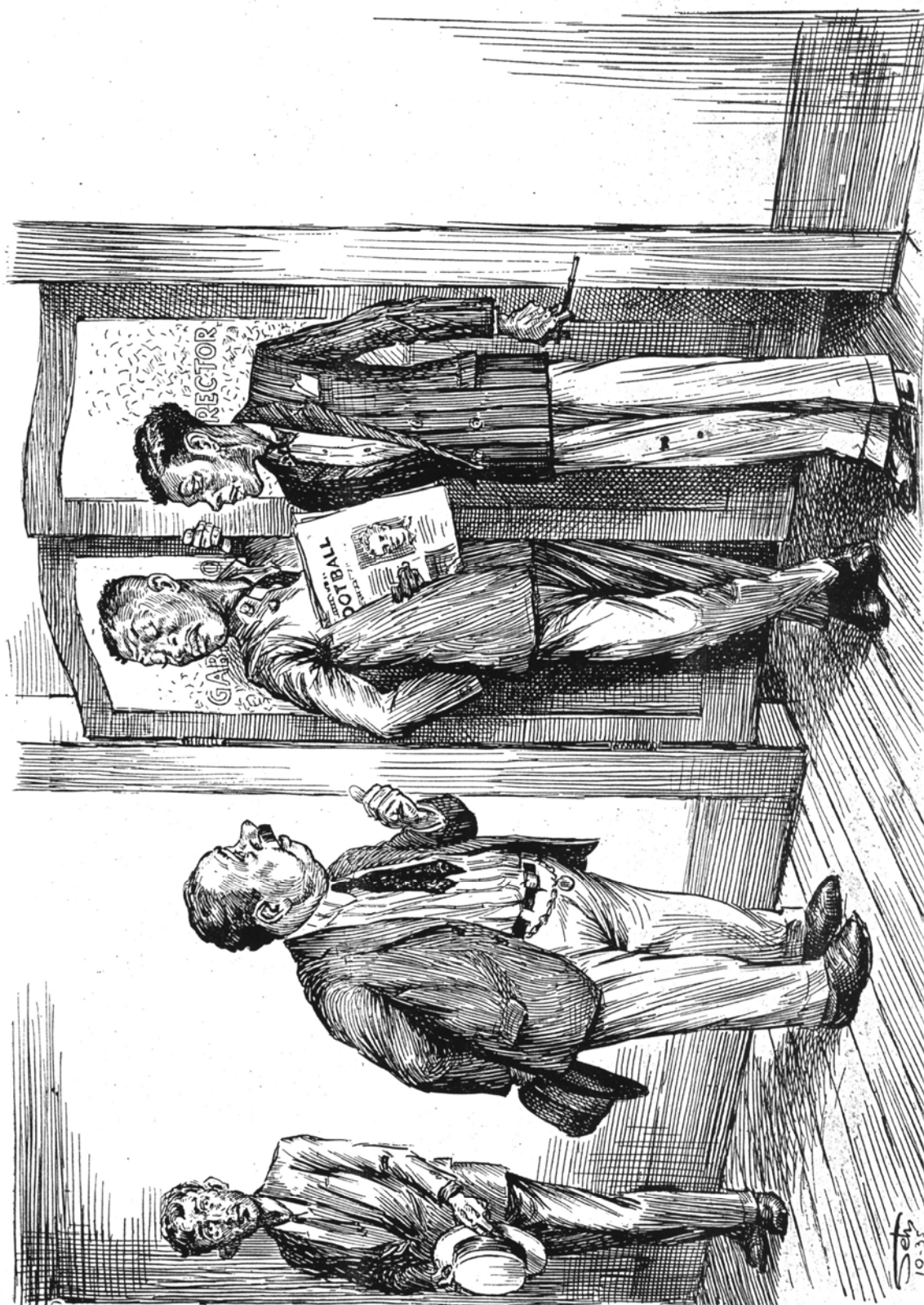
ISOLADOS DO MUNDO

Figura 135 - "Isolados do Mundo"



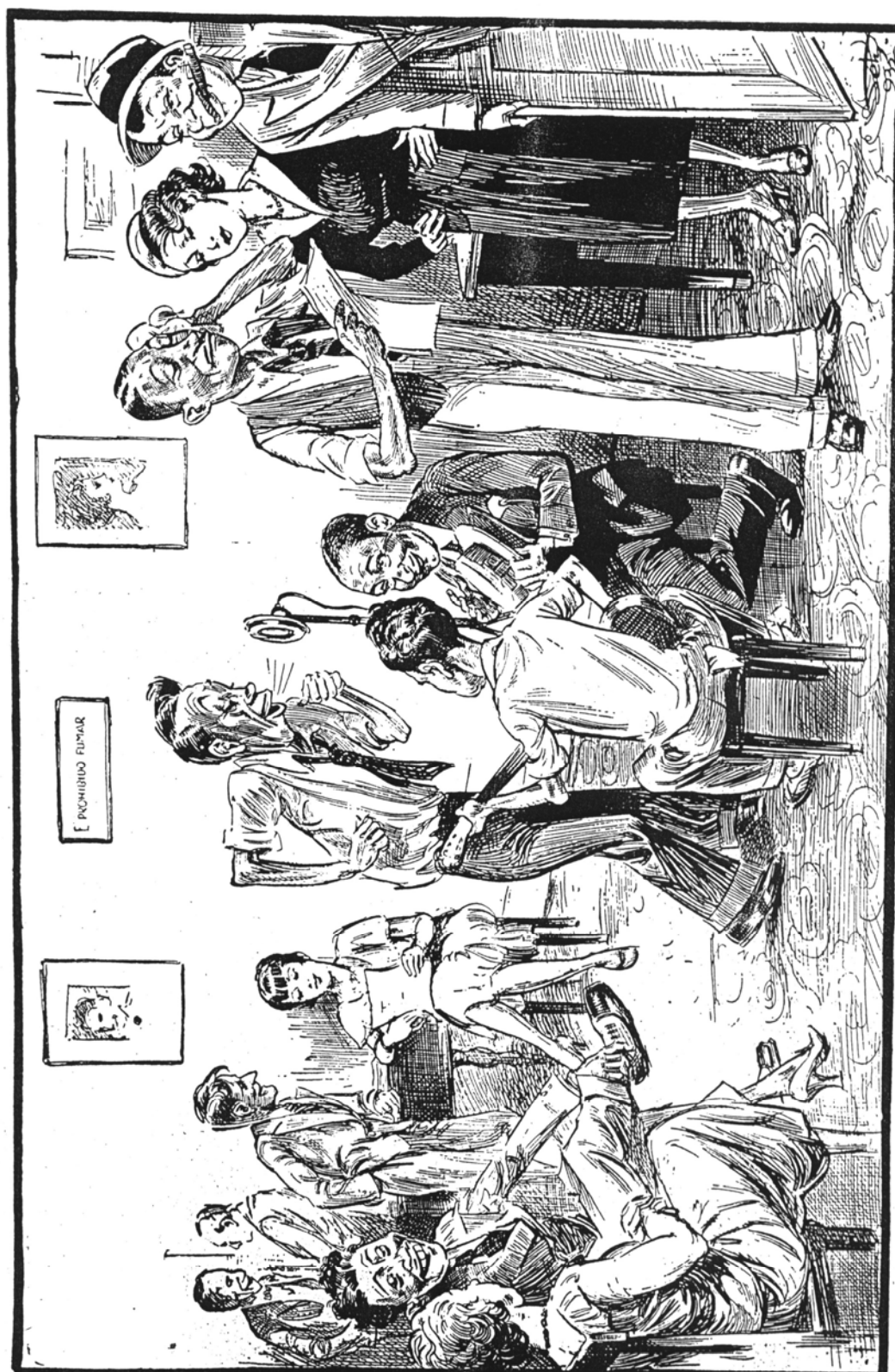
DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

Figura 136 - "De Noite todos os Gatos são Pardos"



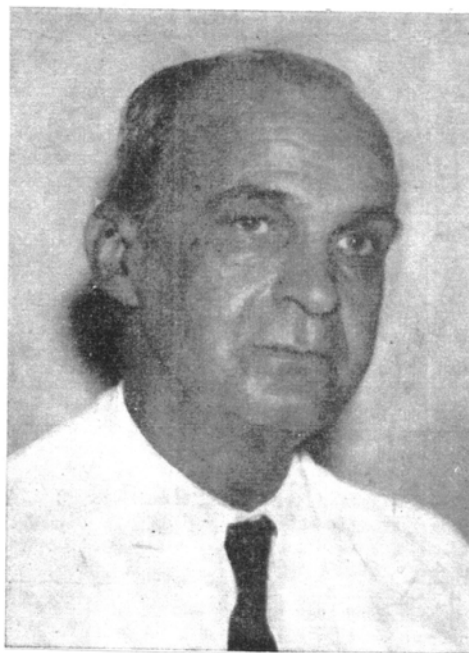
REPARTIÇÕES PÚBLICAS — NÃO PERTURBE S. EXCIA. O CONTÍNUO

Figura 137 - “Não perturbe sua Excia. – O Contínuo”



O RÁDIO POR DENTRO

Figura 138 - “O Rádio por Dentro”



Seth

Figura 139 – Seth.



GRUPO DE CARICATURISTAS, reunidos em casa do acadêmico Luís Edmundo, pelo Natal 1943. Sentados, da direita para a esquerda: Max Yantok, Raul Pederneiras, jornalista Brício Abreu, Calixto Cordeiro, Leônidas Freire, Ricardo Casanova; na segunda fila, na mesma ordem: Ruben Gill, Hélio Seelinger, Luís Edmundo, Álvaro Marins (Seth), Vasco Lima e J. Carlos.

Figura 140 - Grupo de Caricaturistas